

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PRÁTICAS CLÍNICAS E SAÚDE MENTAL**

Morgada Rodrigues Vieira

**ADAPTAÇÃO INFANTIL NA ESCOLA NO CONTEXTO DA PANDEMIA
DE COVID-19: SINAIS E SINTOMAS EM CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS**

Santa Cruz do Sul
2022

Morgada Rodrigues Vieira

**ADAPTAÇÃO INFANTIL NA ESCOLA NO CONTEXTO DA PANDEMIA
DE COVID-19: SINAIS E SINTOMAS EM CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), como requisito parcial para o título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Professor Dr. Jerto Cardoso da Silva.

Santa Cruz do Sul
2022

Morgada Rodrigues Vieira

**ADAPTAÇÃO INFANTIL NA ESCOLA NO CONTEXTO DA PANDEMIA
DE COVID-19: SINAIS E SINTOMAS EM CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), como requisito parcial para o título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Professor Dr. Jerto Cardoso da Silva.

Aprovado em 07 de outubro de 2022.

Jerto Cardoso da Silva, Dr. (UNISC)
(Professor Presidente/Orientador)

Edna Linhares Garcia, Dra. (UNISC)

Ligia de Carvalho Abões Vercelli, Dra. (UNINOVE)

Santa Cruz do Sul
2022

CIP - Catalogação na Publicação

Vieira, Morgada Rodrigues

ADAPTAÇÃO INFANTIL NA ESCOLA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE
COVID-19: SINAIS E SINTOMAS EM CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS / Morgada
Rodrigues Vieira. – 2022.

134 f. : il. ; 28 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Psicologia) –
Universidade de Santa Cruz do Sul, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Jereto Cardoso da Silva.

1. Adaptação escolar. 2. Contexto Pandêmico. 3. Educação
Infantil. 4. Sinais e Sintomas. I. Silva, Jereto Cardoso da . II.
Título.

RESUMO

O presente trabalho visa identificar, analisar e entender os sinais (visíveis) e sintomas (não visíveis) encontrados no processo de adaptação escolar de crianças de 4 e 5 anos, compreendendo que esta fase é o início do percurso educacional, haja vista a obrigatoriedade legal para o início na educação infantil. Neste período de adaptação, a criança se depara com desafios não somente na alfabetização, mas também na socialização, algo que se tornou mais desafiador frente a pandemia da COVID-19. A adaptação pré-escolar pode evoluir para uma série de transtornos, visamos identificar os sinais e sintomas referentes à problemas de adaptação ao contexto escolar, tais como comportamentos/atitudes/queixas nos questionários de pais, cuidadores de crianças de 4 e 5 anos em duas escolas municipais de Santa Maria no interior do Rio Grande do Sul. A pesquisa está fundamentada em autores da Educação Infantil, Documentos oficiais da Pedagogia e Psicologia. O trabalho foi dividido em pesquisa e elaboração do produto técnico. Na primeira etapa deste estudo foi realizada uma revisão sistemática da literatura sobre o assunto, utilizando as plataformas Google Acadêmico e *PubMed*, que deram suporte na elaboração do artigo “Adaptação de crianças entre 4 e 5 anos na escola” e na construção dos questionários da pesquisa. Na segunda etapa, foi aplicado um questionário para os pais e outro aos educadores, através da plataforma *Survey*, seguindo o método de amostragem “bola de neve” (*snowball*). Posteriormente, buscamos aprofundar a temática através de dois grupos focais, um com os pais e outro com os educadores, no qual relataram as suas experiências relativas ao período de adaptação das crianças. A partir da análise dos dados, foram elaborados dois produtos técnicos: um livro e um jogo de baralho que foram aplicados em crianças de 4 e 5 anos. O livro “Adaptação Escolar da Joanhinha Lola” interage conversando com as crianças sobre as suas próprias experiências, através de uma linguagem acessível e lúdica. O baralho foi utilizado para trabalhar os temas que envolvem a adaptação escolar e permitem investigar os sinais e sintomas de dificuldades de adaptação das crianças nesse período. Percebeu-se que os sinais e sintomas mais relevantes no relato de pais e professores foram dificuldade de concentração, ansiedade, evitar alguma atividade, o medo e o choro. Esses dados são relevantes na medida que possibilitam a elaboração de mecanismos de prevenção da não adaptação e do sofrimento nas primeiras semanas na escola.

Palavras-chave: Adaptação escolar. Contexto Pandêmico. Educação Infantil. Sinais e Sintomas.

ABSTRACT

Given the legal obligation for early childhood education, the present work aims to identify, analyse and understand the signs (visible) and symptoms (not visible) found in the school adaptation process of 4 and 5 year old children, understanding that this phase is the beginning of the educational path. In this period of adaptation, the child is faced with challenges not only in literacy but also in socialisation, something that has become more challenging in the face of the COVID-19 pandemic. Preschool adaptation can evolve into a series of disorders and we aim to identify the signs and symptoms referring to problems of adaptation to the school context, such as behaviors/attitudes/complaints in the questionnaires of parents and caregivers of children aged 4 and 5 years at two Santa Maria municipal schools in Rio Grande do Sul. The research is based on Early Childhood Education, Official Documents of Pedagogy and Psychology. The work was divided into research and development of the technical product. In the first stage of this study, a systematic review of the literature on the subject was carried out, using the Google Scholar and PubMed platforms which supported the preparation of the article "Adaptation of children between 4 and 5 years old at school" and the construction of the research questionnaires. In the second stage, one questionnaire was applied to parents and another to educators, through the Survey platform following the "snowball" sampling method. Subsequently, we sought to deepen the theme through two focus groups, one with parents and another with educators, in which they reported their experiences related to the childrens' adaptation period. From data analysis, two technical products were elaborated: A book and a card game that were applied to children aged 4 and 5 years. The book "Adaptação Escolar da Joanhinha Lola" interacts by talking to children about their own experiences, using an accessible and playful language. The deck of cards was used to work on themes that involve school adaptation and allow investigating the signs and symptoms of difficulties in adapting to children during this period. It was noticed that the most relevant signs and symptoms reported by parents and teachers were difficulty in concentrating, anxiety, avoiding some activity, fear and crying. This data is relevant insofar as it enables the elaboration of mechanisms to prevent non-adaptation and suffering in the first weeks at school.

Keywords: School Adaptation. Pandemic Context. Early Childhood Education. Signs and Symptoms.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Educadores participantes da pesquisa	39
Tabela 2 – Avaliação da atuação do educador, segundo eles mesmos	46
Tabela 3 – Avaliação do interesse dos educandos em participar das aulas	55
Tabela 4 – Maiores dificuldades apresentadas nas primeiras semanas	58
Tabela 5 – Descrição dos Participantes da Pesquisa Grupo.....	65
Tabela 6 – Realidade escolar na primeira semana de aula virtual	66
Tabela 7 – Sentimentos, comportamentos que podem influenciar nas emoções do educando durante a adaptação escolar infantil	71
Tabela 8 – Grau de interesse nas aulas por modalidade	75
Tabela 9 – Sinais e sintomas que foram observados na criança durante o período escolar.....	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sinais e sintomas principalmente mencionados para não adaptação.....	41
Gráfico 2 – Avaliação do interesse dos educandos em participar das aulas.....	56
Gráfico 3 – Interesse dos educandos em participar das aulas	56
Gráfico 4 – Maiores dificuldades apresentadas nas primeiras semanas.....	58
Gráfico 5 – Auto avaliação dos educadores, no início do ano, em plena fase de adaptação.....	59
Gráfico 6 – Problemáticas associadas as dificuldades de adaptação	62
Gráfico 7 – Realidade escolar na primeira semana de aula virtual	66

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	15
2.1	Adaptação na educação infantil no contexto pandêmico	16
2.2	Dados e legislação de entrada na educação infantil	21
3	ARTIGO	24
4	DESCRIÇÃO DA PESQUISA REALIZADA.....	37
4.1	Questionário com Educadores.....	39
4.2	Questionário com os Pais ou Responsáveis.....	65
4.3	Grupo focal: adaptação infantil à escola	84
5	DESCRIÇÃO DE PRODUTOS TÉCNICOS	93
5.1	Livro “a adaptação escolar da joaninha lola”	95
5.2	Jogo baralho	96
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
	REFERÊNCIAS	102
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS EDUCADORES.....	110
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO COM PAIS E RESPONSÁVEIS ...	115
	APÊNDICE C – LIVRO “A ADAPTAÇÃO ESCOLAR DA JOANINHA LOLA”	120
	APÊNDICE D – BARALHO COM CARTAS.....	131
	APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO	132
	ANEXO A – COMPROVANTE DE APROVAÇÃO CEP.....	133
	ANEXO B – SOLICITAÇÃO DE PRORROGAÇÃO DO PROJETO.....	134

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada em duas escolas no interior do Rio Grande do Sul, durante o período da pandemia, com crianças de Educação Infantil de 4 e 5 anos. Em função da pandemia, as aulas foram adaptadas e funcionaram em um sistema de ensino “híbrido” (presencial e remoto/EAD), sendo intercaladas semanalmente. Busca-se compreender os indicativos de dificuldades de adaptação (sinais que observamos e sintomas que a criança fala) no ingresso à Educação Infantil (EI), a fim de auxiliar pais e professores a pensar estratégias e meios para lidar com as possíveis adversidades que se apresentarão nesse processo.

As relações escolares são fundamentais para o desenvolvimento da criança, incluindo a habilidade de fazer novas amizades e de desenvolver atividades colaborativas em grupo, atividades essas, elencadas como princípios básicos da Educação Infantil (EI), conforme Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, BRASIL, 2010) e ampliadas no documento Banco Nacional Comum Curricular (BNCC) para EI.

Assim a escola também representa para a criança um novo ambiente, que não é familiar, com uma diferente estrutura hierárquica, e num ambiente fisicamente formal. É oportuno lembrar que neste ambiente, ele pode se sentir “sozinho”, sem a presença de seus pais ou cuidadores. A inserção escolar pode proporcionar diferentes alterações psicológicas e comportamentais na vida de cada criança, sendo que a cada etapa ela precisa se organizar e se adaptar novamente, num processo contínuo (RIZZO, 1989).

Destaca-se que as mudanças que ocorrem na sociedade/escola/casa, a evolução e a pandemia, influenciaram também na forma do fazer nas instituições de Educação Infantil. E com as creches passando a acolher mais crianças das classes economicamente menos favorecidas, novas ações deveriam ser pensadas para se tornarem lugares nos quais as crianças possam ser cuidadas (PALMEN, 2004). Existem também mudanças que são introduzidas imediatamente, como as implementadas durante a pandemia e com as mudanças na legislação.

A Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009, na Lei nº 9.394/1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, torna obrigatória e gratuita a educação básica a partir dos 4 anos de idade. Diante disso, a entrada na pré-escola introduz a criança na sociedade cada vez mais cedo,

redefinindo suas relações, papéis e atividades, trazendo à criança e aos pais ou responsáveis uma série de responsabilidades relativas à essa nova etapa de vida, uma vez que a escola serve para complementar os valores éticos, sociais e morais já aprendidos no núcleo familiar. Além disso, o ambiente escolar propicia o desenvolvimento da autonomia, independência e crescimento das crianças (MARCHETTI, 2015).

No Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998), a progressiva independência na realização das atividades, como uma condição necessária para o desenvolvimento infanto-juvenil, ampliando o cuidar e educar. Neste sentido, o trabalho do professor se torna fundamental, representando aquele que organiza, sistematiza e conduz situações de aprendizagem num contexto, segundo as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que norteia as redes de ensino, sendo referência obrigatória para elaboração das atividades pedagógicas na qual a criança faz parte.

De acordo com Novais (1976), a adaptação escolar é fundamental para o desenvolvimento das crianças, assim como a habilidade de assimilar e desenvolver as novas rotinas. Neste novo universo externo a sua casa, as crianças, dependendo das atitudes dos educadores, podem apresentar problemas de adaptação escolar, expressados de forma física e/ou psicológica. Os sinais e sintomas físicos mais frequentes são: febre, diarreia, sono e vômito. Enquanto psicológicos são: nervosismo, ansiedade, angústia, tristeza e medo, entre outros.

É importante salientar que quando os cuidadores percebem a existência destes tipos de sinais e sintomas, a intervenção precoce ajuda a prevenir problemas futuros mais sérios. Quando a criança apresenta dificuldades no processo de adaptação escolar, não se pode descartar a existência de outros problemas no desenvolvimento, seja cognitivo, físico, social, emocional, cultural e psicossocial.

Embora a habilidade de se adaptar seja um valor social e a celeridade do processo representa êxito, deve-se questionar sobre a saúde mental da criança nesse meio. Existem ambientes favoráveis que impulsionam condições mentais propícias para que a criança se desenvolva e se adapte, incluindo as habilidades sociais e a capacidade de participar de atividades colaborativas que deveriam ser integrantes do processo da educação infantil.

Segundo Ferreira (2007), o trabalho de observar os sintomas é um trabalho que exige cuidado e paciência, é um processo que pode demorar, mas é o único

caminho que nos dá garantia de chegarmos ao lugar certo, que é orientar no sentido de uma nova autorregulação (estrutura, monitora e avalia o seu próprio aprendizado). A adaptação na escola faz parte da aquisição das habilidades sensoriais, motoras e cognitivas podendo implicar nas reações afetivo-emocionais de acordo com a maturação da criança e no relacionamento entre pais, irmãos, familiares e comunidade educativa. Diante disso, podemos dizer que a adaptação escolar infantil constitui um problema de saúde pública, pois tais situações comprometem a saúde física, mental e o desenvolvimento infantil.

Além disso, as modificações naturais da estrutura do corpo e da mente interferem nas relações com o ambiente, onde o meio muda a criança e a criança muda o ambiente. Nesse sentido, nos deparamos com duas perspectivas básicas: a maturação e a socialização da criança (SANTOS; QUINTÃO; ALMEIDA, 2010; AGUIAR, 2015). Assim, no período em que a criança vivencia o processo de adaptação à escola, torna-se fundamental alguns cuidados para que ocorra a socialização, incentivando as crianças a se expressarem, assimilarem, a conciliarem, aclimatarem, transformarem e desenvolverem novas rotinas e práticas sociais.

No entanto, com o início da pandemia da COVID-19 em 2020, e a implementação de protocolos de segurança para reduzir o contágio, surgiu a necessidade de reinventar métodos e práticas educacionais, uma vez que o modelo vigente na educação básica exigia a presencialidade. Por meio de dispositivos tecnológicos e das redes sociais, foi possível a ampliação de espaços e plataformas virtuais de aprendizagem. Segundo Barbosa e Horn (2001, p.67) “é importante que o educador observe o que as crianças brincam, como estas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de brincar”, “este conhecimento é fundamental para estruturar e que o espaço-temporal tenha significado, das mesmas autoras.

Na implementação dessas novas metodologias surgiram uma série de problemas de adaptação, incluindo espaços de acolhimento físico e acompanhamento, acesso à tecnologia e conhecimento técnico.

Esse novo cenário possibilitou a criação de novas relações com a informação, com o espaço, com o tempo, com os outros e consigo mesmos. Dessa forma, os pais assumiram os papéis dos educadores formais, com o suporte remoto dos professores, para ensinar e auxiliar seus filhos com as atividades escolares.

Esse cenário epidêmico foi permeado por diferentes fatores estressantes, ansiedades e angústias que afetaram diretamente nas relações interpessoais de

todas as faixas etárias (SOUZA; VERÍSSIMO, 2015).

Estudos de Fleitlich, B. W.; Goodman, R. (2000) têm demonstrado que crianças com sofrimento psíquico têm maior chance de apresentar dificuldades no contexto escolar, que neste momento pode ser ampliado pela pandemia. E segundo a mesma autora, os contextos de vida e os fatores presentes no ambiente em que a criança vive, têm sido apontados como os mais envolvidos na determinação da saúde mental infantil (CID *et al.*, 2019). Segundo de Machado e Silva (2022),

É certo que a pandemia trouxe muitas mudanças na vida e na rotina de todos, e a educação também mudou, tornando-se virtual, surgindo muitos dilemas a serem superados por professores, estudantes e suas famílias. Estes tiveram que adaptar-se às novas ferramentas tecnológicas para uma nova contextualização escolar. Visto que, adaptar o conteúdo de forma a atender ao formato de aulas remotas não foi uma tarefa fácil. Os professores passaram a se organizar e planejar as aulas de forma intuitiva e proativa (de MACHADO e SILVA, 2022, p.5).

Apesar disso, a escola pode e deve oferecer à criança um suporte para desenvolver sua autonomia, independência e crescimento, seja no modelo presencial, virtual e/ou híbrido. Levando em consideração o que a criança já sabe/traz nas suas vivências, cuidando dela em um contexto educativo que demanda a integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas (BRASIL, 1998).

2 O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na fase de 4 e 5 anos, as crianças exploram muito seus ambientes e os objetos que encontram ao redor. Nesta fase é comum apresentarem “explosões” de motricidade, algumas vezes choro e desagrado quando interrompidas, em decorrência das aquisições e modulações relacionadas ao autocontrole, além da incompreensão diante de novas situações (MORAES, 2012).

Esta fase corresponde ao período no qual a criança explora seu lado físico de maneira mais intensa, utilizando as mãos e as suas habilidades motoras finas de forma ampla. Neste período ocorre também um significativo desenvolvimento cognitivo e a evolução do pensamento egocêntrico, assim o indivíduo passa a compreender melhor o sentimento das outras pessoas, usando sua memória e ampliando a sua linguagem (SANTOS CELIA *et al.*, 2015).

É nesta etapa que as crianças iniciam o processo de educação formal obrigatória. Nesse meio escolar, ela realiza diferentes trocas entre seus pares e professores, o que auxilia em seu desenvolvimento psicossocial e na compreensão de sua identidade sexual. Nessa faixa etária também ocorre a ampliação da imaginação, do altruísmo e do autoconceito. Dessa maneira, ocorre um aumento em sua independência, um autocontrole mais aguçado e um autocuidado, descobrindo limites nas atividades e influenciando sua adaptação (SANTOS CELIA *et al.*, 2015).

Ainda segundo os autores, para potencializar uma adaptação saudável de uma criança ao seu meio, é preciso investir no envolvimento social, compreender as características e as consequências psicológicas dessas interações.

O processo de adaptação propicia a organização dos pensamentos, sentimentos, relações que despertam a criança para novas competências e habilidades. Nesta faixa etária de 4 e 5 anos, as crianças se tornam mais conscientes e curiosas em relação às suas realidades, seus interesses se direcionam à convivência escolar. De modo geral, com duas semanas de convivência, a criança começa a demonstrar maior afinidade com o educador e amplia seus vínculos com os colegas de classe (ARAÚJO, 2004).

É importante destacar que o processo de adaptação escolar pode ser expresso de várias maneiras. Pelo fato de ser extremamente delicado este processo de adaptação a um novo ambiente, distante da família, provoca diferentes mudanças na convivência e na rotina familiar (VOKOY; PEDROZA, 2005; ANDRADE, 2016).

De acordo com Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI) quanto mais novo o bebê, maior a ligação entre mãe e filho. Assim, não é apenas a criança que passa pela adaptação, mas também a mãe.

A escola representa para a criança um novo ambiente, diferente do familiar, com nova estrutura hierárquica e fisicamente formal que impacta no seu processo de se sentir pertencente e incluso. Essa inserção da criança no ambiente escolar pode provocar ansiedade no momento de separação dos pais, pois trata-se de um processo gradual em que cada indivíduo precisa de um período de tempo diferente para se adaptar (RAPOPORT; PICCININI, 2001; ANDRADE, 2016).

Segundo Veríssimo *et al.* (2011), crianças com relações de vinculação seguras apresentam melhores probabilidades em relação às expectativas sociais positivas de seus pares. Desse modo, compreende-se que essas crianças enfrentarão o processo de adaptação escolar de forma menos conturbada, pois a escola é um espaço com crianças da mesma faixa etária.

Nesta fase do desenvolvimento, é comum as crianças se exercitarem muito, andarem de bicicleta, jogarem bola e jogos em grupo. Isso posto, podemos concluir que, nessa fase elas são naturalmente agitadas, além de se mostrarem mais atentas às novidades, fazerem muitas perguntas, mudarem de humor com facilidade e viverem intensamente as situações que provocam diferentes sentimentos. Assim, Covre (2017) enfatiza a necessidade de uma rotina diária que propicie mais tranquilidade à criança, transmitindo-lhe a sensação de normalidade e segurança. Baseado nesses conhecimentos, o indivíduo que chega na escola, pode ser recebido e acolhido, com atividades que venham ao encontro de suas necessidades. Pois, estar receptivo a expressão da criança e suas potencialidades e dificuldades pode prevenir as dificuldades de adaptação.

Cabe ressaltar que, neste período pandêmico todo esse processo adaptativo foi atípico, pois ocorrem períodos alternados de aulas remotas e aulas presenciais.

2.1 Adaptação na educação infantil no contexto pandêmico

De acordo com Ferreira (2018), adaptação é a integração de uma pessoa ao ambiente onde ela se encontra. Deve-se considerar que este processo é importante na vida de todas as crianças, por envolver a saúde cognitiva, social, afetiva, moral e

ética de todos os envolvidos. E também, adaptação a presença de pessoas e atividades desconhecidas, começando a fazer parte do seu dia a dia.

A pandemia desvelou as diferenças entre as crianças em relação às suas condições socioeconômicas, aumentando as dificuldades no processo da aprendizagem, em alguns casos, deixando-os completamente excluídos por não terem acesso às ferramentas e suporte necessários. Por sua vez, o sistema de educação também não estava preparado para lidar com a mudança entre as aulas presenciais para virtuais/remota, não existindo ainda um sistema padrão, com qualidade, que atendesse a todas as necessidades. Todos precisavam se adaptar a essa nova situação, os pais ou responsáveis receberam maiores responsabilidades, e muitos deles também não estavam preparados para tal função.

Com a mudança das aulas presenciais para virtuais, o ambiente da sala de aula foi transferido para dentro da casa da criança, e em grande parte dos casos, não se tem as condições necessárias de silêncio, espaço físico e alguém para orientar quando necessário. Com essa nova realidade, para o processo de aprendizagem, um mínimo de condições físicas e estruturais tornaram-se necessárias, e dessa maneira aumentam as dificuldades, além dos desafios “normais” da aprendizagem.

Devido ao isolamento social, famílias inteiras tiveram que permanecer em casa em tempo integral, algo que gerou possíveis problemas na convivência. Por exemplo: muitos pais não tinham paciência para lidar com as demandas dos filhos, pois eles também tinham responsabilidades relativas aos seus trabalhos juntamente com seus afazeres de casa. Esse tipo de situação trouxe estresse adicional para algumas famílias, causando ansiedade e sofrimento, além de sentimentos como nervosismo, medo, pânico, distúrbios do sono, entre outros manifestados em resposta à pandemia.

Para algumas famílias o fato de os filhos ficarem em casa gerou conforto e segurança. Enquanto para outras gerou sentimentos de incertezas, incapacidades e sofrimentos, por não terem condições e estrutura adequadas para um bom desenvolvimento escolar em casa. Com o retorno gradual das aulas, e conseqüentemente a separação das crianças de seus pais, gerou segundo Pereira (2022), mais uma vez, um novo processo de adaptação.

De acordo com Enumo e Linhares (2020), existem formas de criar uma rotina ordenada e saudável nesse outro normal, usando a criatividade, não só em tempos

de pandemia. Os pais ou responsáveis tiveram que gerenciar o tempo da criança, devido as tarefas de casa e das aulas, controlando e limitando o tempo de tela, utilizando atividades criativas no cotidiano de seu lar. Diante disso, os cuidadores e o educador precisaram se instrumentalizar com conhecimentos sobre a adaptação, visando o bem-estar das crianças.

O educador deve-se acolher os medos, angústias e emoções das crianças visando construir laços de confiança e afetividade. Conhecer e trabalhar com os gostos e limites das crianças, é um trabalho coletivo em busca de um processo educacional satisfatório (LADWIG; SILVA, 2018).

Entende-se que os acontecimentos decorrentes do período pandêmico trouxeram desafios adicionais à equipe escolar, depois de um longo período tendo aulas virtuais, as crianças tiveram que reaprender e se readaptarem às aulas na escola, respeitando as normas e regras da instituição. Nessa fase todos se depararam diante de uma outra realidade que gerou insegurança e ansiedade. Este período de adaptação durou semanas, ou meses dependendo de cada um e de sua realidade.

Um ambiente acolhedor é fundamental para a criança e existem atividades que podem ajudar no planejamento de uma adaptação mais saudável, por exemplo, fazer uma entrevista com os pais, adquirindo informações sobre os medos, a saúde, os hábitos da criança, entre outros fatores. Segundo Gilda Rizzo (1989), quando nos referimos às dificuldades da adaptação:

O ingresso na escola representa mais um marco no desenvolvimento do processo de separação-indivuação da criança no seu crescimento. Permanecer numa escola, ambiente novo e desconhecido, por mais atraente que seja, sempre significa ficar sem a presença da mãe, portanto, sem o conhecido, sem o seu porto seguro. Muitas vezes não é só o novo que assusta, mas sim a ausência da mãe. A criança pode querer ficar e simultaneamente temer afastar-se da mãe, pois isso significa renunciar à sua presença. (RIZZO, 1989, p.312).

As dificuldades de adaptação geralmente estão relacionadas às relações afetivas do indivíduo, e potencialmente podem contribuir para o desenvolvimento de transtornos (RIZZO, 1989). No momento em que a criança é entregue a responsabilidade do educador, ocorre uma reorganização psicológica em sua estrutura emocional e de seus pais (ou cuidadores). Essa separação, em alguns casos, pode ser traumática, trazendo ansiedade para todos os envolvidos. Dessa

maneira, o diálogo é muito importante nesta transição entre a casa e a escola. Em casa, deve-se começar os preparativos, buscando uma despedida saudável, guiada com clareza, segurança e confiança (MORSCH, 2020).

Oliveira, Lisboa e Santiago (2020), afirmam que a presença da mãe traz conforto e segurança para as crianças diante situações desagradáveis, dessa maneira a maioria delas solicita a companhia maternal nessas experiências, no caso escolar.

Segundo Barbosa et al (2022), as crianças possuem um olhar atento sobre o mundo, construindo diferentes maneiras de (re)criá-lo.

De acordo com Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM (2014), a não adaptação em geral, pode desenvolver sintomas emocionais ou comportamentais em resposta a um ou mais estressores, com sofrimento intenso e prejuízo significativo no funcionamento social. O estresse, a tristeza, a angústia e a ansiedade geram consequências na vida da criança, podendo ser sintomas do transtorno de ansiedade, por um período de até seis meses.

Os sinais e sintomas da adaptação, no novo sistema de ensino (presencial, virtual/remoto), no período de pandemia é chamado por muitos de Ensino Híbrido (EH). É importante salientar que esta proposta de EH foi apresentada antes da pandemia e traz o questionamento sobre a adaptação dentro da realidade pandêmica.

EH se refere a um projeto criativo e inovador, que questiona e reflete os valores do sistema de educação da época antes da pandemia.

Conforme o exposto, faz-se necessário estudar as experiências presenciais e virtuais no sistema de ensino que foi utilizado. De acordo com José Moran (2015) a EH combina os espaços, tempo, atividades, metodologias e públicos integrados combinando ambientes presenciais e virtuais.

EH inclui atividades de várias formas, em grupos e momentos diferentes, de acordo com a necessidade, com muita flexibilidade, sem os horários rígidos e planejamento engessado. Ele afirma que dessa maneira torna a educação mais ampla, profunda e perceptiva, devido a sua flexibilidade e conectividade.

O que propicia uma melhor adaptação mútua, não somente da criança a escola, mas também de adaptação da escola à criança.

Uma reflexão sobre os ambientes, segundo Biesdorf (2011) pode ajudar na adaptação e evitar sofrimento. Somando-se a isso, diagnósticos precoces, ou até

mesmo equivocados de transtornos mentais podem rotular o indivíduo para o resto da vida. Esses rótulos e expectativas atravessam o processo de adaptação escolar.

Segundo Rizzo (1989), as dimensões de motivação da criança podem ser ativadas de diferentes maneiras, o que pode ajudar na adaptação de crianças tímidas e mais imaturas. Para atender estas crianças o educador pode usar atividades pensadas para adaptação com problemas reais, com desafios relevantes e com jogos, trabalhando os valores fundamentais. Além disso, neste modelo híbrido identificar as crianças proativas, com aulas invertidas, com metodologias ativas de aprendizagem, com espaços digitais e físicos, as avaliações são feitas somente quando as crianças se sentirem preparados (MORAN, 2015). Segundo Agência Brasil (2020),

O ensino híbrido pode ser feito por meio de formas bem conhecidas, lembra o que o professor Ismael Rocha disse: “Nós temos estações de TV e rádio estatais, temos a possibilidade de fazer a geração de materiais escolares numa velocidade muito rápida. É muito mais uma decisão política, para que o ensino híbrido possa fazer parte do dia a dia das escolas, do que uma decisão de tecnologia. Um exemplo no Brasil é o famoso telecurso, quando uma série de pessoas conseguiu seu diploma dos antigos primeiro e segundo graus, acompanhando aulas todos os dias pela televisão. Elas não tinham oportunidades de ter aulas presenciais. (AGÊNCIA BRASIL, 2020, s/p).

É importante salientar que esta proposta de EH foi apresentada antes da pandemia e traz o questionamento sobre a adaptação dentro da realidade pandêmica. Trata-se de um projeto criativo e inovador, que questiona e reflete os valores do sistema de educação. Uma reflexão sobre os ambientes formal e informal, segundo Biesdorf (2011):

A educação informal sempre ocupou um papel fundamental na sociedade, é ela que norteia o bom relacionamento entre os indivíduos. Já a educação formal possui a função de preparar o educando para atuar efetivamente junto à sociedade, para tanto oferece o conhecimento científico. Na atualidade percebe-se que a educação informal parece pouco importar, a família está deixando para que a escola eduque os seus filhos, já a escola está limitada e não preparada para esta função (BIESDORF, 2011).

Dito isso, fica evidente a complexidade de fatores que interagem e se tencionam (família, cultura, linguagem, ambiente escolar, situação socioeconômica, entre outros), ao longo desse processo de adaptação, ecoando sobre as características próprias de cada criança.

Assim entende-se que o fato da escola acolher e integrar a criança é fundamental para uma boa adaptação escolar, considerando que na legislação vigente que o Estado tem o dever de viabilizar o acesso à educação a todo e qualquer indivíduo, começando aos quatro anos de idade, enquanto os pais e responsáveis têm o direito à matrícula de seus filhos.

2.2 Dados e legislação de entrada na educação infantil

No Brasil as leis que regulam a entrada da criança na Educação Infantil (EI) são: a Constituição Federal de 1988, (BRASIL, 1998), juntamente com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069 de 13 de julho de 99 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB. Segundo a Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências, uma das metas era:

Universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos até o final da vigência deste PNE. (BRASIL, 2014, s/p).

A Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e atualmente o Banco Nacional Comum Curricular (BNCC).

A Constituição Federal (1988), reconhece a Educação Infantil como direito público subjetivo das crianças de zero a seis anos de idade (Capítulo III, no art. 208. Inciso IV). Além disso, criou obrigatoriedade do Estado em oferecer creche e pré-escola a crianças de zero a cinco anos, sendo uma opção para os pais e responsáveis até aos três anos, nos termos do artigo 208 e seguintes incisos I e IV.

A Lei de Diretrizes e Bases no Brasil decreta que as crianças de quatro anos devem ser matriculadas na Educação Básica, a inserção, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, ocorreria a partir dos 6 anos, em 2013 aconteceu a alteração através da Lei no 12.796, de 4 de abril de 2013, de acordo com o MEC, antecipando para os 4 anos de idade: “Art. 6º – É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade” e altera a LDB no artigo 26 determinando a base nacional comum no sistema de ensino e no artigo 31 reintera a carga horária de 800 (oitocentas) horas, 200

(duzentos) dias letivos, distribuídas em 4 (quatro) horas diárias para o turno parcial e 7 (sete) horas para o turno integral para crianças de 4 (quatro) e 5 (cinco) anos e 11 (onze) meses na pré-escola.

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica obrigatória. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) menciona o cuidar e o educar como categorias indissociáveis, por ser um guia educacional para atuar com crianças de zero aos seis anos de idade, ele é um documento que foi elaborado pelo Ministério da Educação em 1998 com o objetivo de auxiliar o professor de educação infantil no trabalho.

Atualmente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é que estabelece as competências, habilidades e conhecimentos a serem trabalhados durante o período de escolaridade. A BNCC, no capítulo IV da BNCC na EI, no artigo 10, conceitua criança como sujeito histórico e de direitos. Em relação a passagem da EI para EF traz a necessidade de criar estratégias de acolhimento e de adaptação para crianças e docentes.

Uma prática pedagógica “sustentado nas relações, nas interações e em práticas educativas intencionalmente voltadas para as experiências concretas da vida cotidiana, para a aprendizagem da cultura, pelo convívio no espaço da vida coletiva e para a produção de narrativas, individuais e coletivas, através de diferentes linguagens” (MEC, 2009a).

No estado do Rio Grande do Sul (RS), foi desenvolvida uma matriz de referência para modelo híbrido de ensino do ano letivo de 2020 da rede pública estadual e municipal, para a etapa da Educação Infantil. Esses dados asseguram o direito a entrada e permanência das crianças na educação infantil e a importância de olhar para esse novo modelo de ensino, assim como para as crianças que dele participam.

Diante do exposto, a adaptação escolar se torna um tema bem atual, considerando o infográfico veiculado em matéria do G1 que apresenta um total de 102 mil escolas de pré-escolar, com 5,2 milhões de crianças matriculadas, sendo 11,1% das matrículas em tempo integral (G1, 12 nov. 2020).

No momento os aspectos intelectuais e cognitivos não são utilizados para promoção das crianças, nem os aspectos emocionais e sociais apenas sua idade cronológica. O que pode levar ao sofrimento, isolamento e medo de acordo com sua maturidade.

É importante que a criança tenha direito adquirido e acesso a EI, frequentando o ambiente escolar, se questiona a obrigatoriedade dos 4 anos. Essas reflexões instigaram a escrever o artigo a seguir, o qual é apresentado a seguir no formato original com as normativas próprias da revista escolhida.

3 ARTIGO

Adaptação de crianças entre 4 e 5 anos na escola

Adaptation of children in school between 4 and 5 years.

RESUMO

O presente trabalho aborda a entrada e adaptação de crianças na escola aos 4 e 5 anos de idade. O objetivo é verificar se as dificuldades apresentadas pelas crianças na entrada na escola são parte de uma patologização na infância, pois entende-se que, a partir disso, desvelamos os sintomas pode-se evitar vários sofrimentos. A adaptação infantil na escola é fundamental para a socialização, aprendizagem e influência na habilidade da criança em assimilar e desenvolver rotinas e práticas. Considera-se que problemas de adaptação escolar podem, potencialmente, ocorrer e ser identificados através de sinais e sintomas. A legislação brasileira define a idade para incluir a criança no ciclo educacional, mas a regulamentação não considera os fatores psicossociais. Para isso, a análise do trabalho é feita através de documentos e artigos sobre a adaptação infantil ao meio escolar, referendado na LDB e confirma que existem vários fatores que podem influenciar na adaptação infantil à escola.

Palavras-chave: Adaptação; Educação Infantil; Psicologia.

ABSTRACT

The present work deals with the entry and adaptation of children in school at 4 and 5 years of age. The objective is to verify if the difficulties presented by the children when entering the school are part of a pathologization in childhood, since it is understood that, from this, we reveal the symptoms, it is possible to avoid several sufferings. Children's adaptation to school is fundamental for socialization, learning and influence on the child's ability to assimilate and develop routines and practices. It is considered that school adjustment problems can potentially occur and be identified through signs and symptoms. Brazilian legislation defines the age to include the child in the educational cycle, but the regulation does not consider psychosocial factors. For this, the analysis of the work is done through documents and articles on children's adaptation to the school environment, endorsed in the LDB and confirms that there are several factors that can influence children's adaptation to school.

Keywords: Adaptation; early childhood education, psychology.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho reflete sobre a entrada e a adaptação de crianças na escola, de 4 e 5 anos, a partir de 2013 com a lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013 que altera a lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece na educação básica a obrigatoriedade e gratuidade na educação infantil. O objetivo foi verificar, em artigos recentes a partir de 2021, se as dificuldades de adaptação à escola, nestas idades, são percebidas como patologias ou expressões da infância.

Também realizou-se uma análise da lei n.º 12.796, que tornou obrigatória a matrícula de crianças com 4 anos na educação básica. O trabalho considera a adaptação presencial e virtual, entendendo que este perpassa o contexto pandêmico causado pela pandemia COVID-19, com o intuito de investigar se a adaptação infantil à escola nas modalidades presencial e remota/virtual.

Baseando-se na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Banco Nacional Comum Curricular (BNCC) e artigos sobre o tema. Portanto, a pesquisa visa contribuir para construção de estratégias que viabilizem a prevenção de problemas relacionados à adaptação e à saúde mental infantil no início da educação formal — entendendo haver uma escassez de material sobre o assunto.

Ao se ter conhecimento do problema da adaptação na escola e o prognóstico podem ajudar a tratar e a evitar soluções medicamentosas e/ou que são patologizantes – que interferem na aprendizagem e no desenvolvimento saudável. No período em que a criança vivencia o processo de adaptação à escola, torna-se fundamental algumas estratégias dos educadores para que ocorra a socialização e a aprendizagem. Nesse processo, esperamos que as crianças desenvolvam habilidades e competências que as incentivem a se expressar, assimilar, conciliar, aclimatar, transformar e desenvolver as novas rotinas e as práticas sociais.

Atualmente no Brasil, todas as crianças a partir de quatro anos são obrigadas por lei, a frequentarem uma instituição escolar, porque é um direito da criança (não mais um lugar onde as crianças podem ficar). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e a Emenda Constitucional n.º 59, de 11 de novembro de 2009 que tornou obrigatória a oferta gratuita da Educação Básica a partir dessa idade (4 anos).

Diante disso, ressaltamos que a entrada na pré-escola introduz a criança no escolar cada vez mais cedo, redefinindo suas relações, papéis e atividades,

trazendo a criança e aos pais e/ou responsáveis uma série de responsabilidades relativas a essa nova etapa de vida.

Neste sentido, o trabalho do professor se torna fundamental, representando aquele que organiza e conduz situações de aprendizagem num contexto no qual a criança, segundo o Conselho de Educação apresenta no Parecer CNE/CEB 20, de 2009, o “currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral” (CNE/CEB 2009). A criança precisa aprender, não somente o conteúdo curricular, mas também todos os elementos essenciais para vida, reforçando os valores éticos e sociais ensinados pelos pais e/ou cuidadores.

Para isso, foi feita uma revisão de literatura sobre o assunto utilizando artigos científicos, periódicos especializados e trabalhos acadêmicos de graduação e pós-graduação (dissertações e teses) que estão disponíveis nas plataformas digitais SciELO, PubMed, BVS, entre outras. Os descritores usados foram: Psicologia, Adaptação Escolar Infantil, Crianças de 4 e 5 anos, com a busca no período dos últimos 5 anos.

Os artigos utilizados foram selecionados, através de uma triagem, considerando a relevância para o tema estudado, no mínimo, com cinco anos de publicação. A revisão de literatura tem foco nas análises, com interpretação de certas variáveis para se poder compreender e classificar os processos dinâmicos vivenciados. A revisão é o processo de análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta ou desdobramentos para uma questão.

O trabalho é um estudo qualitativo de natureza descritiva, a partir de artigos recentes e leis sobre o assunto, entendendo que, segundo Minayo (2012), uma abordagem de pesquisa se refere ao universo dos sintomas (e sinais, grifo meu) que correspondem a um espaço das relações humanas nos processos de desenvolvimento.

Dessa maneira, as realidades são o que são, dependendo da interpretação, compreensão e comunicação dos sentimentos e dos fatos. A pesquisa descritiva estuda um determinado assunto, com uma escrita minuciosa e detalhada, enfatizando o foco de uma certa situação, e até mesmo em alguns casos estabelecendo relações entre as variáveis.

Para a revisão, realizou-se uma busca na plataforma BVS sendo encontrados treze artigos, no entanto, nenhum deles mencionava estudos sobre adaptação infantil à escola com crianças de quatro e cinco anos. Na SciELO, não foram encontrados artigos sobre a temática, assim como não consta a discussão sobre as questões legais envolvendo o ingresso à escola de crianças de quatro anos. Na plataforma Google Acadêmico, foram encontrados mais de quatro mil artigos com as palavras-chave relacionadas ao tema, dos quais foram selecionados quarenta e sete artigos referente ao assunto de nosso interesse, sendo analisados, especificamente cinco textos que faziam alusão à adaptação infantil à escola dos quatro aos cinco anos, salientamos que nenhum discute os marcos legais do ingresso de crianças na educação formal aos 4 e 5 anos, assim como não apresentam uma discussão sobre o ensino presencial e virtual.

Processos de adaptação na infância

Para Ferreira (2018), a adaptação é a integração de uma pessoa ao ambiente onde ela se encontra. Deve-se considerar que este processo é importante na vida de todas as crianças, por envolver a saúde cognitiva, social, afetiva, moral e ética de todos os envolvidos. E também com a presença de pessoas e atividades desconhecidas começando a fazer parte do seu dia a dia.

No Banco Nacional Comum Curricular (2017) adaptação escolar é o período de adaptação é fundamental para a aprendizagem e o desenvolvimento. Dessa adaptação, dependem a consolidação de uma relação de confiança, num ambiente seguro e acolhedor, e a construção das condições adequadas para que os bebês possam interagir e explorar o ambiente com autonomia.

O ambiente escolar pode ser favorável para o desenvolvimento das crianças, proporcionando condições mentais para desenvolver suas habilidades sociais e capacidade de participar de atividades colaborativas, fatores importantes no processo de educação infantil. A escola deve oferecer à criança uma oportunidade de desenvolver sua autonomia, independência e crescimento intelectual, independente do modelo de ensino, seja ele presencial, virtual e/ou híbrido.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) no Brasil decreta que as crianças de quatro e cinco anos devem ser matriculadas na Educação Básica, segundo a Lei n.º

12.792/2013 que alterou substancialmente pela nova Lei 9.394/96 por meio de uma Emenda Constitucional nº 59/09 de 20 de dezembro de 1996, amplia a obrigatoriedade da faixa etária de quatro a dezessete anos de idade, determinando que o ano de 2016 fosse o prazo final para essa universalização e em 11 de novembro de 2009, que torna obrigatória a oferta gratuita de Educação Básica a partir dos 4 anos, com atendimento, no mínimo, de quatro horas diárias para o turno parcial e de sete para a jornada integral.

Os documentos que são referências nacionais para a Educação Infantil: Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998) um ambiente coletivo que demande condições ambientais e cuidados adequados ao contexto educacional e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), que orientam e norteiam o trabalho realizado dentro das Instituições Públicas de Educação Infantil. Atualmente o Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) com os campos de experiências, objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para EI e transição para Ensino Fundamental.

A sala de aula, segundo Oliveira (2021), pode ser um espaço de descoberta diária, enfatizando que algumas experiências podem ser muito relevantes na vida das crianças e que esse processo de adaptação vai acompanhar aquele sujeito durante sua vida. A escola representa para a criança um novo ambiente, diferente do familiar, uma nova sociedade, com uma nova estrutura que impacta no seu processo de se sentir pertencente e incluído.

Existem vários fatores que influenciam no desenvolvimento da criança, considerando o ritmo acelerado e as tribulações da complexidade da vida moderna. De acordo com Andrade (2016), o processo de adaptação das crianças ao âmbito escolar pode provocar ansiedade no momento de separação dos pais; pois, a adaptação à creche é um processo gradual em que cada criança precisa de um período diferente para se acomodar, sendo importante respeitar o ritmo próprio de cada criança e não se impor um período predeterminado para adaptação.

Nesse período histórico, a escola tende a se adaptar a esta realidade que se modifica constantemente, imersa no mundo tecnológico, conseqüentemente as crianças perpassam a essa experiência. É oportuno lembrar que no ambiente escolar a criança pode se sentir “sozinho”, sem a presença de seus pais ou cuidadores, mas no momento atual, com um sistema alternado entre o virtual e o presencial, devido à pandemia, a ambientação escolar pode ser potencialmente

diferente. Ferreira (2021), considera que a entrada precoce das crianças de 4 e 5 anos pode aumentar o risco de inibir seu desenvolvimento.

A virtualidade das aulas escolares, em tempos de pandemia, nas quais o uso da internet e tecnologia deveriam ser básicos e necessários para todos, é um fator a ser considerado, entendendo que no Brasil, a exclusão digital é relevante para o agravamento do ensino. Compreendemos que a escassez de estudos se deve pelo fato de as pesquisas sobre a pandemia estarem surgindo agora e é nessa faixa etária (4 e 5 anos) que algumas crianças ainda não têm domínio tecnológico e outros nem acesso a aparelhos digitais atuais, o que também pode causar sofrimento. De acordo com Souza e Veríssimo (2015), as plataformas virtuais de aprendizagem, as tecnologias da informação, comunicação e as redes sociais impulsionam a criação de novas relações com a informação, com o espaço, com o tempo, com os outros e consigo mesmo.

Entende-se que os problemas de adaptação escolar podem se manifestar de maneira física, emocional, psicológica e cognitiva, através de sinais e sintomas. Alguns exemplos dos sinais e sintomas físicos são: febre, diarreia, vômito, suor, rubor, tremores, urina frequente, cansaço, dificuldade de falar, insônia, falta de ar, dor de cabeça, palpitação, roer unha, choro entre outros. Enquanto psicológicos, são: nervosismo, ansiedade, angústia, medo, tristeza, dificuldade de concentração, problemas de sono, procrastinação, agitação, tensão, preocupação, irritação entre outros.

Deve-se considerar que existem crianças que podem apresentar alguns destes sinais e sintomas e eles não são correlacionados diretamente a adaptação. É importante notar que a existência destes tipos de sinais e sintomas requer uma atenção especial pelos pais (ou cuidadores) e educadores, considerando que a detecção e intervenção precoce ajuda a prevenir problemas futuros mais sérios.

Segundo Lazaretti (2010), as suas investigações teóricas e experimentais revelam que o processo de socialização não só enriquece o conhecimento e as habilidades das crianças, mas também ajuda na mudança de vários processos psíquicos. Também dizem que o processo de socialização gera um desenvolvimento genuíno da psique da criança, ressaltando a importância dos aspectos inerentes ao desenvolvimento infantil saudável; como percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento, imaginação dos movimentos e da formação dos hábitos motores.

As adaptações escolares podem apresentar vários tipos de reações conforme as singularidades de cada criança, pelo processo de distanciamento e mudança na rotina familiar. Para Rebelo (2013), o contexto familiar influencia no desenvolvimento da compreensão, o que ajuda na criação de relacionamentos com vínculos mais seguros, promovendo a aprendizagem emocional que se estende, posteriormente, quando a criança inicia sua fase de socialização com pares, influenciando na adaptação escolar.

As relações de vinculação seguras são atendidas por pessoas que compreendem as necessidades das crianças e promovem a aprendizagem emocional. No entanto, quando a criança apresenta dificuldades no processo de adaptação escolar, uma complexidade de situações pode estar conectada à sua origem. A criança pode estar demonstrando um problema em seu desenvolvimento, seja cognitivo, físico, social, emocional, cultural ou psicossocial.

Existem atividades que podem ajudar no planejamento para uma adaptação mais saudável, por exemplo, fazer uma entrevista com os pais, adquirindo informações sobre os medos, a saúde, os hábitos da criança, entre outros fatores. Segundo Pantalena (2010) ao organizar um ambiente convidativo ao brincar, planejar atividades lúdicas, como o cesto de brinquedos, e estar atento a situações propícias, como brincar de esconder, possibilita a relação professora-bebê e os vínculos, também nas refeições.

Acontece uma reorganização psicológica na estrutura emocional da criança e de seus pais (ou cuidadores), no momento em que ele é entregue à responsabilidade do educador. Essa separação de seus pais, em alguns casos, pode ser traumática, não somente para a criança, mas às vezes para seus pais de acordo com Morsch (2020), ambos os casos trazem ansiedade para a criança. Dessa maneira, o diálogo é muito importante nesta transição casa e escola, começando em casa nos preparativos, proporcionando uma despedida saudável, guiada com clareza, segurança e confiança.

Prazeres (2020), relata sobre a obrigatoriedade da matrícula aos 4 anos e como esse espaço da educação infantil ainda não é um lugar para todas as crianças.

De acordo com Santos (2015), para potencializar uma adaptação saudável de uma criança ao seu meio, é preciso investir no envolvimento social, compreendendo as características e as consequências psicológicas. Incluímos os comportamentos

de níveis de envolvimento social, das crianças inibidos, tímidos e auto isolados.

Porém, a pandemia contribuiu para desvelar as diferenças entre as crianças em relação às suas condições socioeconômicas, mas também na relação com pais ou responsáveis que receberam maiores responsabilidades, e muitos deles também não estavam preparados para tal função.

Para essa nova adaptação da realidade, no processo de aprendizagem são necessárias o mínimo de condições físicas, emocionais e estruturais. Devido ao isolamento social, famílias inteiras foram delegadas a permanecerem em casa sob tempo integral, potencializando os problemas na convivência, como, por exemplo: muitos pais não tinham paciência para lidar com os próprios filhos, sendo crianças, pois os adultos, tinham as responsabilidades relativas aos seus trabalhos, com seus afazeres de casa e as atribuições de professores dos seus filhos.

Galisteu (2021), diz que o planejamento da escola ajuda na acolhida e adaptação, oferecendo um ensino de qualidade em um espaço acolhedor, que cuida, que educa e adaptado nos espaços físicos, educacionais e conforme a realidade atual. Ao adaptar-se articulam-se conhecimentos e aprendizagens permitindo a integração.

O educador trabalha as capacidades e competências, mas reconhecendo o valor do período do acolhimento e da adaptação e como este processo é importante para construção humana, intelectual, afetiva e social das crianças.

Geralmente em um período de 3 a 4 semanas, a criança já tem confiança nas pessoas e reconhece o espaço escolar, todavia, durante a pandemia este processo não aconteceu normalmente, por causa das aulas virtuais/remotas, com as atividades escolares na casa, o gerenciamento do tempo, entre as atividades escolares e os afazeres de casa, se tornaram confusos para criança, onde em um mesmo espaço foram desenvolvidas habilidade distintas de dois ambientes.

Além disso, as dimensões de motivação da criança podem ser ativadas de diferentes maneiras. Aplicando atividades centrado nas crianças com problemas reais, com desafios, leituras de livros entre outros. Trabalhando os valores fundamentais, como: ética, honestidade e respeito, entre outros.

O pós-pandemia vai trazer novos desafios para a equipe escolar, depois de um longo período tendo aulas virtuais. As crianças terão que reaprender e se adaptar às aulas na escola, respeitando normas e regras e a se adaptar a esta nova realidade.

Segundo Rafael (2020), é crescente a discursiva que estabelece uma combinação entre inovações educativas, tecnologias digitais e metodologias ativas visando redimensionar o futuro da escola /a escola do futuro. Sugere-se uma profissionalização tecnológica para os professores, permitindo-os a inovar, e propor atividades de experimentação, considerando as experiências de ensino virtual e presencial. Ao professor cabe organizar e gerenciar as atividades, valorizando cada etapa da evolução, conforme o ritmo de cada criança. Observando que a educação híbrida é uma proposta mais horizontalizada de aprendizagem (todos aprendem e ensinam) e com conteúdo mais significativos a sua realidade. A educação híbrida é um dos desafios atuais do sistema de educação, desde o início dessa pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na literatura selecionada e estudada foi concluído que não existe um modelo que possa resolver todas as dificuldades e problemas encontrados na adaptação infantil escolar devido à grande quantidade de fatores implicados neste contexto. Cada criança tem sua adaptação com suas peculiaridades, investimentos e orientações. Ao participar deste processo de adaptação escolar, observa-se que uma integração da criança às características da turma e da turma a criança, a partir daí, então, pode-se percebê-la a adaptada ou não. Assim, as crianças manifestam sinais e sintomas classificados como diferentes reações durante o período de adaptação. Muitas vezes são utilizadas para serem classificadas como bem ou mal adaptadas.

Além do choro neste período, pode existir outros tipos de expressão da criança, tidas como mau-humor, comportamentos regressivos ou euforia, resistências à alimentação, gritos, birras, deitar-se no chão, passividade, apatia, sono, podendo ficar doentes, somatizando seus sentimentos em relação à separação, podendo apresentar sintomas físicos, tais como: alergias, rinite, vômitos, dores abdominais, febre, diarreia, bronquite, menor resistente a infecções, entre outras. Esses sinais e sintomas devem ser um modo de alerta aos pais e educadores, auxiliando no cuidado da saúde mental, mesmo que a criança apresente apenas algum deles.

O estresse, a ansiedade e a decepção são sinais e sintomas que fazem parte

do investimento emocional na criança durante a adaptação, pois é uma maneira de comunicar o que estão sentindo, também dos pais e educadores. Eles, podem externar o ambiente desconhecido, a alimentação, as novas rotinas, as separações diárias, as pessoas não familiares. Entre outros fatores, a ausência da mãe pode colocar a criança numa exigência física, social e emocional, pois implica em reorganizações e transformações. A adaptação na escola é um processo único vivenciado por cada criança envolvida e influenciada naquele momento, naquela situação de exploração deste ambiente e no estabelecimento de novos relacionamentos e relações. A importância deste processo deve ser, principalmente, divulgada nas instituições públicas, para juntos se passar por ela evitando sofrimentos e em casos mais graves sequelas.

Ao criar ou buscar na internet um manual e guia verificar se cabe as suas criança observando nas considerações e contribuições, alguns deles tem seu foco em estudar a adaptação como um processo de desenvolvimento e outros na patologia do processo de sofrimento, entre outras.

Importante notar que os autores estudados não mencionam sobre a precocidade e nem sobre a legislação vigente do Brasil. Como a pesquisa foi refletir sobre os problemas de adaptação infantil escolar, através da identificação dos sinais e sintomas neste período de pandemia, observou-se medo, choro, birra, falta de concentração, entre outros conceitos que ajudam na identificação deste processo de adaptação. Mas ainda pouco se sabe sobre os sinais e sintomas deste ambiente de virtualidade e presencial e sobre a idade cronológica, emocional, maturacional de acesso da criança no sistema educacional.

As sugestões dos guias de procedimentos de estratégias apresentados nos artigos dependem de cada realidade para serem implementadas. Nota-se que no ambiente escolar é possível auxiliar o processo de adaptação das crianças utilizando recursos pedagógicos educacionais. Existem vários guias de adaptação escolar que podem auxiliar neste processo, entre eles, os que são elaborados por pedagogos, psicólogos e educadores especiais, e visam criar condições específicas no ensino infantil, baseados na literatura existente, associações metodológicas e experiências práticas desses profissionais.

Desde o início da pandemia, cada escola recebeu sugestão e orientação municipal para elaboração de guia ou manual, que trata das condições e da logística encontrada em seu ambiente escolar conforme a sua realidade. A adaptação infantil

escolar é um processo que pode ter estresse para todos os envolvidos, não somente para a criança, mas também para a sua família. Senso comum que para prevenir os problemas de adaptação infantil, deve-se tentar manter a saúde física, mental e social.

O uso da criatividade nas atividades físicas e escolares, podem auxiliar minimizando o estresse, utilizando jogos e brincadeiras lúdicas. É aconselhado o uso de técnicas criativas, também quando a criança está com a família, não somente durante a aula virtual. A decisão de colocar a criança na escola, deve ser feita conscientemente, com tranquilidade e segurança, considerando a idade do mesmo e em que escola o matricular. A responsabilidade do educador é sempre fundamental e muito importante nessa etapa de adaptação, mas não só.

Esses fatores são ainda mais significativos considerando a realidade atual da pandemia, durante esta fase o educador pode ter experiências de medo, insegurança, estresse e ansiedade, pois ele não está em sua zona de conforto, e, sim, em um novo ambiente. A recepção de acolhida na escola é um momento único e muito importante, e não deve ser subestimado, principalmente, em época de pandemia.

Outra importante questão a ser notada, é referente à escolha das atividades, considerando a viabilidade de colocá-las em prática, respeitando as restrições e protocolos de segurança, em todos os sistemas, seja híbrido, virtual ou presencial. Refletindo sobre a adaptação infantil escolar e considerando que pode causar estresse a todos envolvidos, a melhor maneira de minimizar os efeitos negativos desse processo é trabalhar em conjunto e em sintonia entre educadores e pais, visando o melhor para a criança.

O assunto adaptação infantil escolar é muito extensivo, esta visa auxiliar os pais e educadores sobre o assunto. Os problemas causados por falta de um relacionamento amistoso e comunicação adequada entre eles pode ser melhor identificada. Assim a adaptação feita da maneira adequada a permanência da criança na instituição de Educação Infantil tende a ser tranquila, o que colabora também para o seu crescimento afetivo, motor, cognitivo e social. Tal processo é importante para a construção humana, intelectual, afetiva e social das crianças.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. I. F. **O processo de adaptação e a importância do acolhimento na Educação Infantil**. Trabalho de conclusão de curso não-publicado, Licenciatura em Pedagogia a Distância, Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. Brasil, 2016.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 1988.

BRASIL, **BANCO NACIONAL COMUM CURRICULAR**, 2017. Disponível: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/educacao-infantil/186-adaptacao-e-aprendizagem-e-o-metodo-montessoriano?highlight=WyJmYW1cdTAwZWRsaWEiLCJlc2NvbGEiXQ==#:~:text=O%20per%C3%ADodo%20de%20adapta%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9,explora%20o%20ambiente%20com%20autonomia>. Acesso: 24 de out. de 2022, às 7h.
FERREIRA, M. Escolas de educação infantil – espaços de acolhimento. **Revista Primeira Evolução**, 2021. 1(16), 83–86. DOI: <https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.16>

LAZARETTI, L. M. A psicologia de crianças pré-escolares. [Versão Eletrônica]. **SciELO**, 15(2). 14 set, 2010.
<https://www.scielo.br/j/pe/a/F5jpn7Hx3QLCtqR9K5N7GXp/?lang=pt#>
Acesso em 07 de março de 2022.

LINHARES M. B. M. ENUMO S. R. F. Contribuições da psicologia no contexto da pandemia da COVID-19: seção temática. **SciELO**, 37, 1 - 4, 2020.
<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037200110e>.

MINAYO, M. C. S. GOMES, R., DESLANDES, S. F. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. (18° ed.). Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Censo da Educação Básica 2020: **Notas Estatísticas**. Brasília, 2021.

MORSCH, D. S. CUSTODIO, Z. A. O., LAMY, Z. C. Cuidados psicoafetivos em unidade neonatal diante da pandemia de covid-19. / Psycho-Emotional care in a neonatal unit during the COVID-19 pandemic. **Revista Paulista de Pediatria**, 2020. 38, 1 - 4. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2020119>.

NONO, M. A. GALISTEU, R. B. M. Concepções de diretoras de pré-escola sobre gestão na educação infantil / Preschool principals' conceptions about early childhood education management. **Brazilian Journal Of Development**, 2021. 7(2), 107 - 126. DOI: 10.34117/bjdv7n2-302

OLIVEIRA, F. J. X. **Diálogos, emoções e afetos na relação escola-família em um Centro de Educação Infantil de Sobral**. (1° ed.). Fortaleza: Evolução Editora e Assessoria Educacional, 2021.

OLIVEIRA, S. C. M. **O processo de adaptação das crianças na educação infantil: os desafios das famílias e dos educadores da infância**. Tese de doutorado não-

publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Presidente Prudente. Presidente Prudente. Brasil, 2018.

PRAZERES, M., GIL, C., LUZ-CARVALHO, T. Do presencial ao remoto emergencial: trânsitos da educação infantil na pandemia. **Linhas Críticas**, 2021, 26, 1 - 20.. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc.v26.2020.36262>.

REBELO, A. A segurança dos modelos internos e o conhecimento emocional nas crianças de idade pré-escolar. [Versão Eletrônica] SciELO, **Psicologia do Desenvolvimento**, 26(3). 18 nov. 2013. <https://www.scielo.br/j/prc/a/XQw6cFdVMVNYKxPMcB4mMhn/?lang=pt>. Acesso em 15 de março de 2022,

RIZZO, G. O uso do brinquedo terapêutico na administração por inalação em pré-escolares. **Revista Enfermagem Uerj**, 1989. 28, 1 - 6. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2020.48443>

SANTOS, A. J. O reduzido envolvimento social: implicações para o ajustamento psicossocial de crianças em contexto pré-escolar. SciELO, **Psicologia do Desenvolvimento: Psicol. Reflex. Crit.**, 2015. 28(1), 186-193. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-7153.201528120>.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, Ministério da Educação e do Desporto **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília. 1998.

VERÍSSIMO, M. A relação entre a qualidade da vinculação à mãe e o desenvolvimento da competência social em crianças de idade pré-escolar. SciELO, **Psicol. Reflexão. Crítica**, 2011. 24(2), 292-299. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000200010>.

VERÍSSIMO, M. L. R. SOUZA, J. M. Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 2015. 23(6): 97-104. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-1169.0462.2654>.

4 DESCRIÇÃO DA PESQUISA REALIZADA

Para composição desse trabalho, foi realizada uma pesquisa quanti-qualitativa juntamente com intervenções no contexto escolar durante o período pandêmico da COVID-19. Segundo Minayo (2001), a pesquisa com crianças de 4 e 5 anos sobre adaptação na escola, se refere ao universo dos sinais e ou sintomas que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e do fenômeno no ser humano. Conforme Gil (2010), nas pesquisas o pesquisador preocupa-se em mostrar e esclarecer o que é dado. O que interessa ao pesquisador é o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, e se realiza para cada pessoa. Assim, as realidades são o que compreendemos, interpretamos e comunicamos.

A pesquisa descritiva, uma vez que identifica fatos determinantes de um fenômeno, requer uma minuciosa descrição e detalhamento da compreensão dos dados detectados nos atendimentos. Vai além da simples identificação das relações, pois pretende determinar e estudar a natureza desta relação (GIL, 2010).

Devido a pandemia da COVID-19, buscou-se respeitar as normas sanitárias de distanciamento social. Dessa forma, o primeiro passo para contatar os participantes da pesquisa, foi através de um e-mail à Secretaria de Educação de Santa Maria/RS. Nele foi solicitado às escolas municipais de educação infantil, que respondessem ao questionário de adaptação infantil (APÊNDICE A).

Aceitaram participar de forma livre e anônima, 12 professores que compõem o corpo docente de duas escolas. O questionário respondido pelos educadores conta com 17 questões, analisadas através da plataforma *Survey*, cujos gráficos estão sendo analisados no subtítulo 4.1. Os critérios de inclusão dos educadores para participar da pesquisa foram: ter alunos de 4 a 5 anos, em período de adaptação escolar e disponibilidade em responder ao questionário de adaptação infantil.

O questionário aplicado com os pais ou responsáveis pelas crianças (APÊNDICE B), contém 15 questões que estão sendo analisadas no subtítulo 4.2. Para chegar a esse grupo de participantes, foi utilizado o método de amostragem “bola de neve” (*snowball*). Dessa forma, através da indicação dos educadores, foi possível entrar em contato com o primeiro participante, esse então indicou o participante seguinte e assim se seguiu até totalizar 13 participantes.

Essa forma de amostragem não probabilística, utiliza-se de cadeias de referência. Apesar de suas limitações, esse método pode ser útil para pesquisar grupos difíceis de serem acessados ou estudados, bem como quando não há precisão sobre sua quantidade (VINUTO, 2014). Os critérios de inclusão dos pais ou responsáveis foram: ter filhos de 4 a 5 anos, devidamente matriculados e frequentando a escola, além da disponibilidade em responder ao questionário de adaptação infantil.

Além disso, para ampliar a discussão a respeito da “adaptação escolar infantil” foram realizados dois grupos focais via *Google meet*. Um deles composto por professores e outro por pais e responsáveis de crianças na faixa etária dessa pesquisa. Os grupos ocorreram em 2021 e a conversa foi norteadada por um questionário semiestruturado (APÊNDICE E), com duração uma hora. Os participantes dos grupos não foram necessariamente os mesmos que responderam ao questionário de adaptação infantil. Utilizando novamente a técnica de amostragem por bola de neve, foi feito o contato via telefone e aqueles que aceitaram participar e se enquadraram nos critérios de inclusão receberam o *link* de acesso a sala *Google meet*.

No final de 2021, com a volta à presencialidade, foi possível adentrar nas escolas EMEF Chácara das Flores e EMEI Montanha Russa, e aplicar os produtos técnicos: baralho e a hora do conto “Adaptação escolar da Joanhinha Lola”, reelaborados a partir das questões e demandas observadas. Para essa etapa da implementação dos produtos técnicos, foi enviado à Secretaria de Educação de Santa Maria/RS um ofício solicitando a permissão de entrada nas duas escolas, a resposta positiva foi obtida em 30 dias, em resposta enviamos um ofício agradecendo.

Com os produtos técnicos foram aplicados num total de 15 turmas da educação infantil (10 em uma escola, 5 em outra). Foram realizados encontros, nos dois turnos, com aplicação do livro “Adaptação da Joanhinha Lola” na hora do conto e do Jogo do Baralho. O livro da Joanhinha Lola (APÊNDICE C) foi aceito muito rápido pelas crianças, houve uma identificação e a possibilidade de trabalhar questões de adaptação escolar a partir do ponto de vista de cada um, no espaço para recontar a história. O Jogo do Baralho (APÊNDICE D), foi adaptado e melhorado, pois no primeiro momento contava com muitas cartas e as respostas se tornaram repetitivas.

A última versão gerou resultados mais adequados ao tempo disponível e alinhou melhor com os objetivos da pesquisa.

4.1 Questionário com Educadores

Essa parte do trabalho é referente a análise dos dados coletados no grupo de educadores que responderam ao questionário, na plataforma *Survey*. Os dados foram organizados em tabelas, gráficos e agrupados de acordo com as respostas. Visando identificar nesse processo problemas de adaptação infantil na escola com crianças de 4 e 5 anos, através dos sinais e sintomas apresentados.

Tabela 1 – Educadores participantes da pesquisa

Grupo de Educadores	Idade	Graduação	Município que atua	Atividades profissionais durante a pandemia	Tempo de atuação
GE1	Entre 31 e 40 anos	Pedagoga	Santa Maria	Presencial e remoto/virtual	13 anos
GE2	Entre 31 e 40 anos	Pedagoga	Santa Maria	Presencial e remoto/virtual	7 anos
GE3	Entre 31 e 40 anos	Pedagoga	Santa Maria	Presencial e remoto/virtual	17 anos
GE4	Entre 31 e 40 anos	Pedagoga	Santa Maria	Presencial e remoto/virtual	19 anos
GE5	Entre 31 e 40 anos	Pedagoga	Santa Maria	Presencial e remoto/virtual	10 anos
GE6	Entre 31 e 40 anos	Pedagoga	Santa Maria	Presencial e remoto/virtual	2 anos
GE7	Igual ou mais de 41 e 30 anos	Pedagoga	Santa Maria	Presencial e remoto/virtual	5 anos
GE8	Igual ou mais de 41 e 30 anos	Pedagoga	Santa Maria	Presencial e remoto/virtual	4 anos
GE9	Igual ou mais de 41 e 30 anos	Pedagoga Aposentada	Portão	NI	32 anos
GE10	Igual ou mais de 41 e 30 anos	Pedagoga atualmente do lar.	Lages	NI	7 anos
GE11	Entre 21 e 30 anos	Pedagoga Ensino Superior	Santa Maria	Virtual	8 anos
GE12	NI	Pedagoga Ensino Fundamental	Santa Maria	Presencial e remoto/virtual	37 anos

Legenda: GE - grupo de educadores + Número do participante. Exemplo: GE1. NI - Não informou.

Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

O número total de pesquisados proposto inicialmente era de 10 educadores, no entanto mais dois foram adicionados. Nota-se que dos doze participantes, todos são pedagogas. Todas as participantes se autodeclararam do gênero feminino, com idades variando entre 31 e 41 anos, trabalhando na educação infantil no estado do Rio Grande do Sul (RS), com média de 11 anos e 7 meses de trabalho na área da Educação, e 6 anos e 7 meses em média trabalhando na Educação Infantil (EI).

A maioria dos educadores dos pesquisados mencionaram que em suas classes de aula, foram utilizadas várias plataformas auxiliares na metodologia da aprendizagem, além do *Google Classroom*, encontros *online*, *WhatsApp*, *Facebook*, chamadas virtuais por telefone etc. Todas elas visando auxiliar e esclarecer a criança nas suas dúvidas e atividades diárias.

Considerando que a logística do sistema educacional foi alterada de maneira significativa, ampliando os problemas de adaptação das crianças, alguns participantes demonstraram pareceres em relação às diferenças entre os diferentes sistemas. Segundo GE12:

... online via Google Classroom, faço dois encontros virtuais via Google Meet, por semana, cerca de 50 minutos ou no máximo 60 minutos o encontro, pois mais que esse tempo não é produtivo. Nesses encontros trabalhamos exercícios de revisão e fixação de conteúdos enviados pelo Google Classroom, além de atender diariamente alunos via WhatsApp, com mensagens de voz ou chamadas virtuais, para esclarecer dúvidas de atividades diárias. (GE12).

Na opinião de dois dos doze educadores pesquisados em relação à modalidade *online*/virtual de ensino, eles entendem que esse modelo não deve substituir ou se tornar o sistema principal no processo de aprendizagem. Outros educadores mencionaram que nessa modalidade não havia tempo suficiente para desenvolver todas as atividades dando atenção necessária a cada criança em particular. Segundo GE1:

Acredito que essa modalidade on-line/virtual possa ser incluída na vida escolar do educando desde que não seja prioridade nem desprenda muito tempo do processo de ensino-aprendizagem. Acredito que a aula presencial seja de fato mais efetiva, pois há uma relação de grupo onde o aprendizado é também de convivência, e não apenas de conteúdo. (GE1).

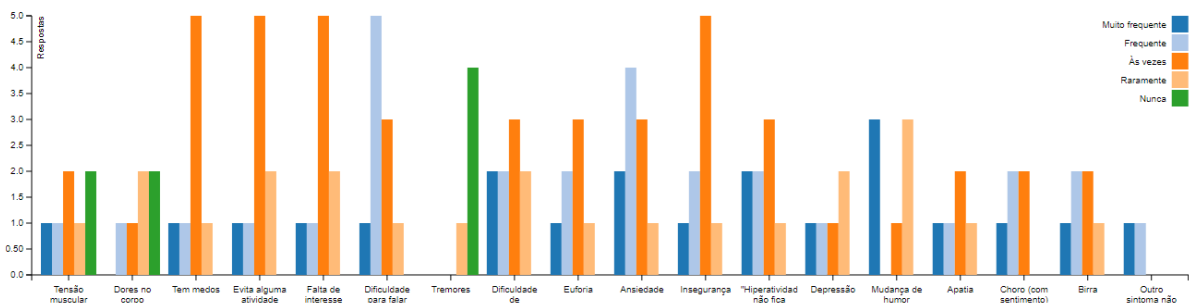
Outro ponto levantado por eles foi em relação ao espaço de acolhimento e acompanhamento na escola e em casa. Segundo GE2: “As famílias têm dificuldade

de compreender e realizar algumas atividades, mas é possível conhecer melhor o espaço cotidiano das crianças”. Segundo Guerra (2020, s/p):

A pandemia acentuou a diferença entre aqueles que tinham mais dificuldades de aprender; exigiu um novo educador, que precisou se reinventar, teve que se adaptar às novas tecnologias, novas metodologias, transformando-se. Agora é preciso estabelecer metas de aprendizagem diferentes para crianças com níveis de aprendizado diferentes.

Na percepção de sete dos doze pesquisados, as atividades presenciais são mais organizadas, pois a interação e integração com as crianças nos cinco sentidos favorecem o contato com o grupo e com o indivíduo. De acordo com eles os sinais e sintomas principalmente mencionados para não adaptação foram: dificuldade de falar, insegurança, medos, resistência a alguma atividade, falta de interesse, ansiedade, mudanças de humor, hiperatividade, euforia, dificuldade de concentração, tensão muscular, dores no corpo, falta de interesse, tremores, depressão, apatia, choro emotivo, birra, entre outros sintomas não citados.

Gráfico 1 – Sinais e sintomas principalmente mencionados para não adaptação



Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

Percebe-se que os sinais e sintomas mais mencionados, pelos educadores, são choro, birra, reações de agressividade. Entende-se que a criança ainda não sabe expressar todas as suas emoções em palavras, dessa maneira seus sentimentos são expressados na forma do choro, geralmente no momento de separação dos pais e entregues a responsabilidade do educador. Nesse momento a boa acolhida do educador se torna fundamental para evitar problemas de adaptação. Segundo Santos (2012):

O Choro transmite o que os pequenos não sabem dizer. É preciso aprender a identificar a mensagem. Outro dado é o de que existem manifestações, como gritos, reações de mau humor, bater nas pessoas, deitar-se no chão, reações de passividade, de apatia, de resistência à alimentação ou ao sono, e comportamentos agressivos. A ocorrência de doenças também é bastante frequente (SANTOS, 2012, p. 34).

Conforme os educadores pesquisados, o choro da criança neste período está geralmente relacionado à insegurança gerada pelo afastamento dos pais ou cuidadores, e também os medos relativos à sua introdução a um novo ambiente em que não lhe é familiar. Juntamente com esses sentimentos a criança pode se sentir frustrada ou estressada por não saber expressar e entender seus sentimentos, principalmente quando situações acontecem contrárias à sua vontade.

Com o passar do tempo, a criança vai se adaptando a sua rotina e percebendo que escola é um ambiente seguro, conhecendo os espaços da escola, ela vai se sentindo mais confiante. Segundo Vercelli e Negrão (2019) durante este processo, o uso de objetos de apego é facilitador e auxiliar nessa transição. Segundo as mesmas autoras, na pesquisa delas, as professoras,

[...] entendem que os sentimentos das crianças devem ser respeitados e que esses objetos tornam a adaptação menos traumática para todos os envolvidos. Essas respostas reforçam o fato de que as professoras reconhecem o sentido e a relevância dos objetos transicionais; não obstante, em alguns períodos observamos que elas interferiam na escolha dos locais e momentos em que as crianças deveriam utilizá-los. Estrategicamente, retiravam e devolveram os objetos com o intuito de convencê-las a parar de chorar (VERCELLI; NEGRÃO, 2019).

Esse período de adaptação pode ser potencialmente traumático e se manifestar não somente em sintomas psicológicos, mas também físicos.

O medo escolar pode esconder angústias de separação dos pais. Crianças tímidas, inseguras, e que sentem medo ao enfrentar novas situações, antes de ir para a escola podem apresentar sintomas como dor de barriga, suor, tremores, choro e temor, que acabam desaparecendo ao não irem à escola (SANTA CATARINA *et al.*, 2020, p. 3).

Ao identificar e entender quais são as potencialidades e as dificuldades em relação ao tempo, atividades e dificuldades que influenciaram no exercício dos profissionais da educação, considerando os desafios de adaptação deste período, durante as mudanças do sistema educacional, nestes tempos de pandemia os

educadores acreditam que é necessário um planejamento mais específico, considerando os desafios de adaptação.

Quanto à percepção dos educadores pesquisados sobre a atuação em relação à adaptação infantil na escola, considerando a realidade das atividades presenciais/remotas/*online*/virtual, eles mencionaram que no sistema virtual existe uma dependência inerente ao nível socioeconômico cultural da família da criança, o que pode-se identificar na fala de GE2: *“Como minha clientela é de um nível social e econômico muito bom, todos têm acesso a internet e computadores, não estamos enfrentando dificuldades, só de ficar conectado!”*, enquanto GE3 menciona *“Tenho alunos que não tem um celular bom para assistir as aulas.”*, expondo o contraste do nível social e sua influência no sistema educacional. Há estudos que trazem esse assunto, juntamente com outros fatores.

Os resultados obtidos apontam que os alunos apresentam várias dificuldades relacionadas ao acesso à internet e aos equipamentos tecnológicos. Quanto aos professores, dentre as principais dificuldades enfrentadas, encontram-se o desinteresse dos alunos, falta de equipamentos e de apoio dos pais. Conclui-se assim, que é necessária uma maior atuação da família e das redes de ensino, como também investimento em recursos tecnológicos, dentre outros, para que as consequências dessa modalidade de ensino, adotada de maneira emergencial, gerem menos consequências negativas no processo de aprendizagem escolar (MIRANDA *et al.*, 2020, p.6).

Constata-se um predomínio de respostas que confirmam a necessidade da participação e acompanhamento de um membro da família ou cuidador para um melhor no processo de adaptação e no desenvolvimento do aprendizado da criança, conforme, GE3 mencionado que: *“Só conseguimos perceber êxito quando podemos contar como apoio, em sua maioria das mães, para auxiliar a criança a desenvolver as atividades”*.

Além da participação e acompanhamento a ênfase na visita a escola antes de fazer a matrícula. Assunto também mencionado no *post* do portal da Escola da Inteligência, em 2019, expressando sua opinião sobre o acompanhamento da criança no período de adaptação na escola:

No período de adaptação, que normalmente dura cerca de uma semana até um mês, é importante que o responsável acompanhe a criança por algumas horas dentro do ambiente escolar, ajudando-a a familiarizar-se com a instituição, fazendo novas amizades, bem como transmitindo maior segurança a ela. É importante destacar que a criança percebe quando os familiares estão inseguros, e isso só dificulta a sua adaptação. Por essa razão, é fundamental que os familiares tenham confiança na escola que

matricularam os filhos, pensando nisso é que reforçamos a importância das visitas nas escolas antes da matrícula. (Escola da Inteligência, 2019, s/p).

A maioria dos educadores pesquisados mencionam que a socialização não somente promove o desenvolvimento da criança, mas também é necessário para que ela trabalhe todo seu potencial, suas habilidades e competências. A socialização “não desconsidera a importância dos fatores orgânicos para o desenvolvimento, mas acredita que esses fatores são constituídos socialmente” (WALLON, 1995 *apud* CHIARATTI, 2013, p. 103). GE2 coloca ainda que esse é “[...] *um período valioso para interação entre crianças e famílias, mas é olhar para questões pedagógicas para dar sentido às experiências propostas e a interação com os colegas*”.

Ainda neste tema, GE7 menciona que “...*percebo que a atividade presencial é melhor, porque posso interagir com os alunos de forma melhor*”, enquanto GE9 afirma “*Dentro do possível, observei que as crianças necessitam do presencial para desenvolver melhor suas habilidades e potencialidades, posso olhar nos olhos e ver como estão realmente*”, realçando a necessidade do encontro pessoal e da socialização, o que contribui na adaptação.

Desse modo, fica evidente que a rotina diária é de extrema importância para o desenvolvimento da criança, ajudando nas relações interpessoais, que são necessárias para o desenvolvimento da criança, proporcionando que eles possam crescer, aprender, reconhecer e se identificar no tempo e espaço, GE6 menciona que: “*Para realizar uma atividade online nem todas as crianças se fazem presentes. Está sendo muito difícil trabalhar de forma remota com a educação infantil, porque não tem uma frequência e não cria uma rotina*”, confirmando a importância e a necessidade da rotina.

Entende-se que com a rotina, a escola vai se tornando um ambiente familiar e conhecido, além do desenvolvimento dos relacionamentos interpessoais e vínculos com outros colegas e professores. Desse modo a criança vai se acostumando com a situação e seus medos preliminares se dissipam.

Outro ponto para a criação da rotina nas aulas presenciais foi em relação ao espaço de acolhimento, que é favorável na escola para a criança ter uma boa adaptação e um bom desenvolvimento, o que é primordial para integração social do mesmo. Segundo GE11: “*Observei que a rotina diária é de extrema importância para seu desenvolvimento e as relações interpessoais são mais do que necessárias para*

que os alunos possam crescer, aprender, reconhecer e se identificar no tempo e espaço”

Santos (2020), sendo citado por Romanzini (2022) menciona outro ponto, em relação a rotinas rigorosas exigidas pelos pais e suas influências, pois tem pais que a preocupação excessiva na formação das crianças organiza rotinas exaustivas:

Os pais são os responsáveis diretos frente às instituições, com a responsabilidade de responder às demandas infantis, desta forma, exigem produtividade excessiva e rotinas rigorosas aos seus filhos. Neste atual cenário, e na forma que a educação infantil vem sendo praticada, está mudando sua identidade, que deveria ser de integração social e afetiva para uma maior racionalidade, produtivista e controladora (SANTOS, 2020 apud ROMANZINI, 2022, p. 8).

Dessa maneira, entende-se que uma rotina muito rigorosa pode causar estresse e ser prejudicial a um bom processo de adaptação.

Os educadores pesquisados acreditam que existe uma maior interação das crianças nas aulas presenciais, e que durante a pandemia, muitas famílias tinham medo de levar suas crianças gerando muita falta de frequência nas aulas, assim alguns educadores necessitam de métodos criativos e personalizados para viabilizar um melhor processo de educação e alfabetização. Segundo GE2, um exemplo apresentado na pesquisa foi de:

[...] uma educadora que se sensibilizou com esta realidade e por ter uma turma muito pequena, autorizada por sua coordenadora, fez visitas quinzenais para que os alunos tenham contato com ela, e afirma ter sido muito gratificante, mesmo com os devidos cuidados de pandemia.

Exemplificando o fato de que os educadores também passaram por um processo de adaptação para se ajustar à nova realidade, trazendo novos desafios a eles. De acordo com GE10:

Com muitas dificuldades no sistema presencial, porém potencialidades também. Contudo tive que aprender muitas técnicas que ainda não estão totalmente dominadas no sistema, que é a realidade da maioria das crianças, que possuem pouco ou nenhum acesso às tecnologias, é um dos maiores contrapontos do sistema remoto ou híbrido de ensino.

Entende-se que o sistema remoto está diretamente vinculado ao nível socioeconômico cultural dos envolvidos neste processo, pois para funcionar eficazmente, depende de uma série de fatores incluindo a qualidade do equipamento

utilizado, a recepção da internet, o espaço de acolhimento para aulas, entre outros. Segundo Guerra (2020),

[...] as mudanças de rotina que ocorreram, em suas vidas e na vida dos pais, irão novamente se transformar. Se foi difícil de repente estarem todos em casa, mudar a rotina novamente, e se ausentar da segurança que o lar representa, pode também gerar alguns impactos. Principalmente aos menores, todo um período de readaptação à escola e de afastamento dos pais terá que ser feito novamente. (GUERRA, 2020, s/p).

Importante notar que durante a implementação desse sistema, toda a comunidade escolar passou por um período de adaptação, acentuando a vulnerabilidade do mesmo, pois para a dinâmica e fluência do processo de ensino se tornou necessário resolver problemas técnicos, logísticos e de saúde respeitando a legislação vigente. Segundo os educadores, o sistema virtual é mais desgastante e cansativo, para todos os envolvidos, pois a dinâmica de trabalho requer atenção à tela, e envolve múltiplas partes incluindo a família da criança e do educador, dependendo do espaço onde as aulas são administradas.

Tabela 2 – Avaliação da atuação do educador, segundo eles mesmos

	Ótima (%)	Boa (%)	Regular (%)	Ruim (%)	Total (%)
Sua experiência na primeira semana de aula virtual	9,76	4,88	12,20	0	26,83
Sua experiência na primeira semana de aula presencial	12,20	7,32	0	0	19,51
Compare este ano sobre outro de sistema presencial	4,88	9,76	9,76	2,44	26,83
Como você se sentiu na primeira semana de aula virtual	7,32	9,76	2,44	7,32	26,83
Total (%)	34,15	31,71	24,39	9,76	100

Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

De acordo com os educadores, **a primeira semana de aula presencial**, foram melhores administradas e produtivas do que a primeira semana de aula virtual, pois apresentaram menos problemas de adaptação, considerando que foi necessário um grande aparato e trabalho de organização para tornar as aulas

possíveis, dessa maneira impedindo um fluxo normal de aprendizagem. Conforme estudo,

Alguns pais/mães haviam revelado que as crianças queriam ver e ouvir seus/suas professores (as), isso nos revela mais uma vez a importância dos educadores na mediação pedagógica, pois a apostila tem um significado maior quando estabelecemos a mediação. Nesse sentido percebe-se mais uma vez, o quanto as relações são essenciais no processo educativo. (PALÚ *et al.*, 2020, p.50).

Nota-se que a **primeira semana de trabalho**, apesar dos desafios, foi considerada de regular a boa, e de certa maneira os educadores se adaptaram com sua dinâmica, buscando e recebendo as orientações necessárias para um melhor desenvolvimento da criança, levando em conta todas as limitações para a realidade pandêmica que limitaram o desenvolvimento contínuo das classes, que foram interrompidas geralmente para solucionar problemas técnicos, dificultando a estabilização de uma rotina eficaz.

Comparando com **anos anteriores**, os educadores mencionaram que nas aulas virtuais é mais difícil reter a concentração/atenção das crianças durante um período relativamente longo de tempo considerando o processo desgastante, o que se tornou um desafio adicional para os educadores. A concentração da criança nas classes se tornou vulnerável às distrações do ambiente onde ele se encontra, a orientação dupla do educador e do acompanhador, juntamente com períodos de tela longos, estressando a visão e o cansaço, entre outros motivos delimitadores, pois acredita-se que crianças de 4-5 anos não tem de ficar longos períodos na frente à tela.

Dessa maneira, os educadores entendem que o sucesso das atividades remotas/online/virtuais se torna muito dependente do acompanhante e de seu desempenho como orientador e controlador do ambiente, o que auxilia muito no processo de adaptação e aprendizagem. Notando que sob o ponto de vista pedagógico, é um período valioso para interação e adaptação entre educandos/crianças com suas famílias.

Ao prestar atenção nos hábitos das crianças, os pais poderão avaliar a gravidade do problema e discernir se há, de fato, um déficit de atenção ou se a criança tem apenas falta de interesse e motivação para finalizar a tarefa de casa. (FERRAZ, 2011, p. 15).

Com a implementação do sistema de aulas virtuais/online/remotas houve uma divisão de responsabilidade no processo educacional, o trabalho de aprendizagem anteriormente era responsabilidade primordial da escola durante o período de aulas, e com as aulas virtuais, essa responsabilidade passou a ser dividida entre a escola e a família.

Em alguns casos, os trabalhos propostos para a semana remota não eram desenvolvidos, porque os cuidadores não tinham tempo para auxiliar nas tarefas. “[...] sim, as orientações sempre primaram especialmente pela comunicação ativa com as famílias para sanar as dificuldades” (GE8).

O aprendizado foi sem dúvida, muito mais resultado do esforço do aluno, o que antes era da escola. O educando por sua vez teve que criar uma certa autonomia, o que é positivo. Porém o fator econômico (celular, computador, acesso a material) pesou bastante. Os pais que mantiveram firmes os propósitos de ajudar a criar essa autonomia colheram bons frutos, porém os conteúdos ficaram mais difíceis para o aluno entender sozinho, dessa forma, o processo teve que ter a participação dos familiares. (GE7).

Deve-se considerar que nessa modalidade de ensino as aulas acontecem com uma carga horária menor, intercaladas semanalmente e conforme mencionado anteriormente com problemas de frequência, dificultando o processo de aprendizagem, criação da rotina e também os relacionamentos. Dessa maneira os educadores precisam se adaptar e criar novas formas de contato com as crianças, considerando as condições específicas de cada criança. Por exemplo, uma das educadoras da EI só conseguiu avaliar as atividades propostas para a criança através de fotos e vídeos, porque a criança não comparecia nas aulas virtuais.

Esse exemplo demonstra também o impacto nos sentimentos do educador, que muitas vezes pode se sentir frustrado por não conseguir atingir seus objetivos em suas condições. Segundo Batista (2019):

Os sentimentos formam-se nas relações concretas vividas entre seus pares e entre os educadores, por isso, é importante que suas atividades sejam planejadas e organizadas, já que a criança ainda está no processo de reconhecer e denominar o que sente. A nomeação e o entendimento das causas de emoções e sentimentos são intervenções pedagógicas necessárias para a idade pré-escolar (BATISTA, 2019, p.35).

Juntamente com esses desafios, os educadores também precisaram de treinamento técnico para trabalharem com as novas tecnologias disponíveis. Segundo Palú *et al.* (2020):

É oportuno lembrar que toda mudança gera desconfortos, 41 Desafios da Educação em Tempos de Pandemia dificuldades. Não foi diferente para os professores e alunos, que de uma hora para outra tiveram que adaptar-se a um novo formato de aulas. O desafio estava lançado, e coube aos professores, inicialmente, participarem de uma rotina de capacitações promovidas pela Secretaria de Estado da Educação para adotar a plataforma Google Classroom e as devidas metodologias pedagógicas para lecionar de forma remota (PALÚ *et al.*, 2020, p.41).

Em relação às maiores dificuldades encontradas pelos educadores pesquisados, os principais pontos citados foram o acesso à tecnologia e a relação e interação com os pais. Para ter acesso às aulas necessita do aparato tecnológico, que inclui internet de boa qualidade, um computador ou tablet, e muitas vezes as crianças não tem essas condições básicas nesta etapa de cuidar e educar.

Segundo a pesquisa TIC Domicílios, realizada pelo Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), 46 milhões de brasileiros estão na exclusão digital.

Outro ponto importante mencionado pelos educadores foi em relação a interação entre os educadores e as famílias, pois promove um acompanhamento melhor no processo de formação da criança. Com aulas virtuais/remotas há necessidade de acompanhamento em casa, e em muitos casos o acompanhante precisa de auxílio na compreensão das atividades e de sua importância no processo. Conforme o GE1 é necessário *“Fazer com que as famílias compreendessem a importância das atividades enviadas”*; e a *“dificuldade foi a participação das famílias nas aulas online”*.

Segundo o RCNEI, visando proporcionar um melhor relacionamento entre pais e educadores sugere que: “[...] quando há um certo número de crianças para ingressar na instituição, pode-se fazer uma reunião com todos os pais novos para que se conheçam e discutam conjuntamente suas dúvidas e preocupações” (BRASIL, 1998, p. 79).

Considerando a realidade pandêmica, os educadores também realçaram que os relacionamentos virtuais carecem do contato, olhar, toque, etc., que viabiliza a formação de um relacionamento emocional. Segundo o GE3:

Penso que a maior dificuldade é no dia a dia, falta do toque, o olhar, os desafios do dia a dia. O emocional fica muito abalado, as crianças somente executam atividades soltas, não se enxerga o seu desenvolvimento e progresso, falta os limites, falta o colo, o toque o olhar. Vejo aulas sem conexão devido a internet e distantes. Na educação infantil o afeto, o toque,

o olhar se faz necessário para o desenvolvimento das crianças. O professor precisa estar em sintonia e conectado com seus alunos. (GE3).

Em relação às dificuldades, foi unânime entre os pesquisados sobre o espaço de acolhimento para as aulas virtuais de acordo com GE4:

É difícil propiciar um ambiente de aprendizagem onde todos possam participar e tirar dúvidas, seja tecnológica como pedagógica. Sabe-se que estudar em casa, num ambiente calmo, em silêncio, criado para tal tarefa, pode ser bem proveitoso. Mas não é a realidade dos educandos nem dos educadores. Muitos de nós, educadores, tivemos que adaptar a sala, um escritório, um quarto para desenvolver a aula, enquanto o filho chorava, pois queria atenção. O aprendizado foi sem dúvida, muito mais resultado do esforço do aluno. (GE4).

Segundo uma educadora pesquisada, em muitos casos as crianças não tinham em sua casa um ambiente propício, dividindo o ambiente com os pais e outros membros familiares, que estavam trabalhando em *Home Office*, tornando difícil para a criança se concentrar na aula virtual. Algumas famílias com mais de uma criança em diferentes aulas ao mesmo tempo no mesmo espaço físico de acolhimento.

Em outros casos, salas de aulas virtuais com crianças em diferentes níveis de aprendizagens, os educadores tiveram que dar atividades específicas a cada criança, dependendo do seu nível. Dessa maneira tornando impossível dar a atenção necessária a cada criança, correndo o risco de deixar alguns se sentindo isolados da turma, o que potencialmente pode trazer problemas emocionais resultando em problemas de adaptação, tais como: ansiedade e medo e preocupações. Sentimentos esses que foram ampliados na primeira semana de aula presencial, considerando o medo do contato e exposição à doença o que dificultou ainda mais a formação e desenvolvimentos de relacionamentos interpessoais, principalmente na idade pesquisada e estudada, considerando que o ambiente escolar não oferecia as condições necessárias para esse desenvolvimento.

Notando que, para atender melhor as crianças, eles foram divididos em grupos semanais intercalados, o que ajudou na aprendizagem, mas dificultou a formação de relacionamentos e convívio entre eles, não possibilitando o trabalho em grupo e o auxílio mútuo, durante as dificuldades das tarefas. Nessa idade é nessa etapa da alfabetização, a ampliação e desenvolvimento do vocabulário acontece com interações entre eles.

O principal medo dos educadores durante a pandemia foi o de exposição à doença, levando a comportamentos impacientes, nervosos, agitados e desconfiados, dessa maneira, ampliando as inseguranças presentes na adaptação. Esse tipo de comportamento reflete nos relacionamentos na comunidade escolar em todos os âmbitos, segundo Silva (2018), assim a:

[...] sensação permanente de insegurança e medo gerada por esse sistema é necessário controlar não apenas o que as pessoas pensam, mas também o que elas sentem e, principalmente, o modo como reagem aos seus pensamentos e sentimentos. (SILVA, 2018, p.30).

Constata-se que nas primeiras semanas de adaptação das aulas presenciais, o relacionamento entre os educadores e as famílias estavam em formação, e os possíveis problemas nesse relacionamento poderiam influenciar no desenvolvimento das atividades pedagógicas da criança.

Os educadores mencionam que também sofreram com os problemas de adaptação, aprendendo a lidar com seus próprios medos e ansiedades perante as adversidades, pois estavam em uma situação em que não tinham experiência prévia, conforme GE11 “[...] *as vezes fico sem saber o que fazer...*” os imprevistos e situações desconfortáveis durante a adaptação, de acordo com GE2, “[...] *gritei com meu aluno, porque não tive paciência por ele não responder uma tarefa tão fácil, na maioria dos casos, os problemas foram resolvidos*”. A reflexão de ser fácil para quem e acolher a criança nas suas adversidades. Ao educador cabe trazer luz a situação, evitando ser um promovedor de problemas, porque entende-se que uma criança se adapte melhor e mais depressa quando se sente amada, está segura e é respeitada como um ser humano único.

Outros educadores precisaram de ajuda de profissionais da área técnica. GE2 por exemplo mencionou “[...] *Pedi ajuda ao colega da informática, pois não sabia como fazer!*”. Apesar de a maioria dos educadores pesquisados terem recebido orientações da coordenação pedagógica da escola onde atuam, muitos problemas técnicos momentâneos apareceram, necessitando um tempo até que todos educadores entendessem e trabalhassem com o software de trabalho.

Em relação a adaptação, os educadores mencionaram que os principais sinais e sintomas emocionais percebidos e observados foram medo, ansiedade e nervosismo, tanto das crianças como dos pais e outros educadores. Nas crianças

também foram observados diversos sinais e sintomas comportamentais, físicos e cognitivos de não adaptação, tais como: o choro, suor frio, agitação, introversão, dificuldades de concentração, memorização e aprendizagem, entre outros.

Os educadores entendem que a identificação dos sinais e sintomas da adaptação escolar favorece o processo de aprendizagem. Segundo GE10: *“De início todo o novo assusta e nos deixa ansiosos, porém com a prática vai ficando mais fácil lidar com as adversidades e criamos um ambiente que pode ser proveitoso”*. Sugerindo que ao identificar os sintomas, o educador vai obtendo mais clareza e experiência nas situações, respondendo e reagindo a elas de uma maneira mais eficaz e produtiva.

Dessa maneira o educador tem que filtrar as informações coletadas trabalhando em suas reações, segundo Moran (2015):

O papel do professor é mais o de curador e de orientador. Curador, que escolhe o que é relevante entre tanta informação disponível e ajuda a que os alunos encontrem sentido no mosaico de materiais e atividades disponíveis. Curador, no sentido também de cuidador: ele cuida de cada um, dá apoio, acolhe, estimula, valoriza, orienta e inspira. Orienta a classe, os grupos e a cada aluno. Ele tem que ser competente intelectualmente, afetivamente e gerenciamento (gestor de aprendizagens múltiplas e complexas (MORAN, 2015, p. 28).

Prestando uma atenção maior nos sinais e sintomas, o educador fica mais preparado para promover um acompanhamento melhor e formar um sistema de suporte juntamente com a família para auxiliar as crianças que apresentarem problemas. Assim a família também auxilia na coleta de informações, o que propicia um melhor entendimento da situação e como resolvê-la da melhor maneira possível. Segundo GE12: *“[...] que se conversasse com as crianças, que se conversasse com os pais para tirar muitas informações, e que pudessem me dar suporte para conhecer e melhor adaptar meu trabalho e o educando ao sistema educacional”*.

Entende-se que o fato de estar atento aos sinais e sintomas, favorece um trabalho preventivo, o que auxilia para minimizar os problemas posteriores. Foi mencionado nos dados da pesquisa, que a experiência do educador é fundamental, não somente para identificar os sinais e sintomas do problema de adaptação escolar, mas também como trabalhar com a criança, visando minimizar os efeitos do mesmo. Notando que a experiência ajuda muito, mas o educador necessita estar sempre se atualizando e se aperfeiçoando, pois assim como aconteceu com a

pandemia, a realidade da sociedade e escolar está sempre evoluindo. Segundo GE13: *“Pesquisei muito, como fazer melhor!”*.

[...] docência e a educação escolar estão abaladas, por conta das inúmeras mudanças ocorridas de forma tão repentina, sem a possibilidade de um processo de formação, de reflexão, de adaptação, onde veicula-se o discurso do “novo tempo” o qual parecemos reviver o dilema da transição [...]. (PALÚ, *et al.*, 2020, p. 146).

De acordo com a maioria dos educadores entrevistados, **na primeira semana de aula de 2021**, os sinais e os sintomas mais citados foram: ansiedade, nervosismo, agitação, depressão, estresse, gagueira, entre outros, que podem ser identificados nos vídeos das aulas ou presencialmente, isto é, no sistema virtual como no presencial. Segundo GE1 ocorreram: *“Casos isolados relatados pelas famílias de gagueira, agitação e ansiedade”* e *“no primeiro dia de aula tinha novas expectativas e estava muito ansiosa que não falei com os alunos sobre o primeiro dia de aula”* (GE2).

Esses relatos exemplificam a citação de Palú (2020), “[...] muitos professores revelaram a dificuldade em realizar de forma efetiva as intervenções, principalmente quando iniciaram as gravações de áudios e vídeos, além de algumas limitações com o uso das tecnologias e também pela timidez” (PALÚ *et al.*, 2020, p. 48).

Identificando dessa maneira a timidez como um dos sinais relevantes nos problemas de adaptação, assunto que foi desenvolvido e será apresentado mais detalhadamente na análise dos grupos focais.

No **primeiro dia de aula presencial**, segundo alguns educadores entrevistados, os principais sinais e sintomas mencionados foram sentimentos de angústia, aflição, tensão, apreensão combinados com sentimentos de alegria e animação. Segundo GE2: uma aluna disse que *“estava tão ansiosa que roí as unhas entusiasmada”*, exemplificando o mix de emoções apresentados nesse período de adaptação.

Levando em consideração os efeitos psicológicos da pandemia e todas as diretrizes de higiene e contato, durante o primeiro dia de aula presencial, todos os membros da comunidade escolar estavam com medos, ansiedades, incertezas incluindo o medo do contato e da exposição a doença, sendo importante notar que os adultos conseguem trabalhar seus sentimentos e reações, mas na idade estudada, de 04 a 05 anos, as crianças estão aprendendo a expressar seus

sentimentos e reagir a diferentes situações, entende-se que, muitas das suas reações sendo manifestadas pelo seu mecanismo de defesa.

Entende-se se que o processo de adaptação escolar consiste em várias etapas, incluindo preparação psicológica da criança, ainda antes de ir à escola pela primeira vez. Dentre elas, o acolhimento do educador é primordial para o início de uma boa adaptação, o momento em que a criança é recebida na escola e também o momento em que ele tem que se separar da família, e seus medos estão se concretizando. O educador tem que estar preparado para acolher bem, respeitar os sentimentos da criança fazendo com que ele se sinta bem-vindo.

Os educadores pesquisados apresentaram como sugestões relevantes para uma boa acolhida cumprimentar e receber individualmente as crianças na sala de aula, reforçando o relacionamento entre eles. Permitir que a criança traga à escola algum objeto de apego, conforme Vercelli e Negrão (2019), ajudando na transição da casa para escola com um objeto familiar. Criar um ambiente na sala de aula que seja inclusivo, receptivo e que valorize as diferenças entre eles valorizando a diversidade da etnia brasileira.

Explicar conversando sobre as expectativas da criança, conversando sobre a rotina diária, mencionando as atividades e brincadeiras que serão feitas no próximo dia, dando a criança uma expectativa boa para o próximo dia, e ao final do dia desejar um bom descanso e reafirmar que se reencontraram todos no próximo dia com interessantes atividades planejadas.

Importante notar que além da empatia do educador, deve tentar identificar as dificuldades pedagógicas de cada criança, acolhendo as diferenças procurando integrá-los com brincadeiras coletivas e inclusivas, assim o educador está se adaptando a sua classe e ao nível de suas crianças. Conforme Duarte (1986) citado por Ecke (2010) a adaptação pode ser um processo.

[...] adaptação escolar é um processo ativo e deve ser marcada por uma relação funcional de reciprocidade: não só cabe ao aluno se adaptar à escola, ... se adaptar aos alunos” e “é um período delicado que envolve não só as crianças, mas também pais e educadores. Partindo da suposição de que o processo de adaptação gera sentimentos, medos e inseguranças para todos os envolvidos. (DUARTE, 1986, p. 5).

Em relação ao interesse das crianças em participar das aulas, segundo os educadores pesquisados, entende-se que a maioria deles preferem as aulas presenciais em detrimento das virtuais, conforme os dados que seguem.

Tabela 3 – Avaliação do interesse dos educandos em participar das aulas

	1 (pouco)	2	3 (médio)	4	5 (muito)	Total
Virtuais	4,76%	9,52%	19,05%	4,76%	14,29%	52,38%
Presenciais	4,76%	0%	4,76%	0%	38,10%	47,62%
Total	9,52%	9,52%	23,81%	4,76%	52,38%	100%

Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

Observa-se pelos gráficos 2 e 3 que apesar de todos os fatores trazidos pela pandemia, que na percepção dos educadores, as crianças ainda preferem as aulas presenciais. A falta de um acompanhamento mais individualizado, os ambientes não ideais para aprendizagem, a falta do aparato tecnológico apropriado, tornaram as aulas virtuais um desafio ainda maior e com mais dificuldades a todos os envolvidos.

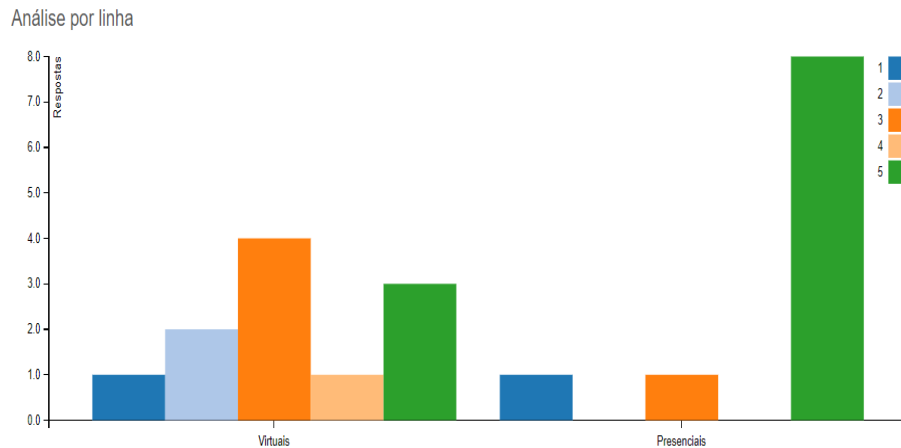
Entende-se também que nas aulas presenciais a logística é bem mais simples, o educador explica o conteúdo da classe, supervisionando todos os alunos e sanando dúvidas no momento em que elas aparecem. Esse procedimento nas aulas virtuais não é possível, pois não há tempo necessário de atender a cada criança separadamente, e as crianças têm seus microfones desligados para evitar poluição sonora na aula. Palú (2020) também afirma que as aulas presenciais são melhores:

Sabemos que o ideal são as aulas presenciais, suspensas no momento e o conjunto de ações não presenciais é o melhor que pode ser proporcionado aos estudantes de toda a rede. O pior cenário é o estudante não estar participando das atividades, uma vez que o conteúdo trabalhado nesse período é importante e fará falta em sua trajetória estudantil, em sua vida e na sua carreira. (PALÚ *et al.*, 2020, p. 33).

Os educadores entrevistados avaliaram o interesse das crianças em participar das aulas presenciais, e as respostas estão nos gráficos abaixo. Segundo eles, as crianças demonstraram maior interesse nas atividades, participando mais nas aulas presenciais considerando que a interação entre as crianças, colegas e o educador é

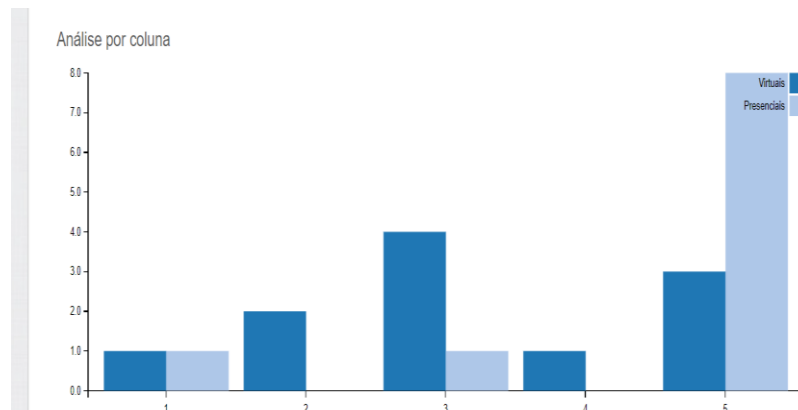
maior. Essa interação favorece uma boa adaptação, tornando possível a criação e desenvolvimento dos relacionamentos interpessoais.

Gráfico 2 – Avaliação do interesse dos educandos em participar das aulas



Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

Gráfico 3 – Avaliação do interesse dos educandos em participar das aulas



Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

Em relação a problemas no primeiro dia de aula, os educadores pesquisados relataram que receberam treinamento prévio para as suas atividades, considerando que foram adaptadas para classes virtuais, juntamente com o treinamento técnico para trabalhar com a plataforma virtual a ser implementada. Eles também afirmaram que apesar do treinamento, o primeiro dia foi repleto de pequenos problemas a serem resolvidos, objetivando ter todos os alunos conectados e fornecendo auxílio a todos. Considerando que muito tempo foi empregado implementando o sistema, e a maioria dos problemas foram solucionados, não foram relatados nenhum problema de adaptação, o que não quer dizer que não existiram

considerando que algumas crianças podem ter se sentido frustrados por não conseguirem se conectar ou acompanhar a aula de forma integral. Notando que na idade pesquisada, para assistir a aula, as crianças dependiam do conhecimento tecnológico dos pais, e alguns deles ainda não estavam familiarizados com a plataforma, sem falar os que tiveram problemas de conexão, etc.

Desse modo, generalizando quando houveram problemas de adaptação, eles foram identificados e solucionados pela equipe pedagógica, juntamente com os pais das crianças. Lembrando que o primeiro dia foi um período de adaptação para todos os envolvidos. É válido considerar que, apesar de nenhum transtorno de adaptação ter sido relatado, não significa que não existiram; observando que a amostra da pesquisa é relativamente pequena.

Em relação às dificuldades da primeira semana de aulas virtuais, os educadores mencionaram que as mais significantes foram a dispersão e falta de atenção, interesse e concentração na classe, notando que muitas crianças não estavam em um ambiente acolhedor propício para aulas virtuais. Em alguns casos em casa, com seus cuidadores, juntamente com família, sendo vulnerável a distúrbios no ambiente, poluição visual e sonora, dificultando a concentração, principalmente para a faixa etária pesquisada. Outra dificuldade encontrada foi em relação a aceitação às regras, não aceitando ficar prestando atenção a tela com o educador falando por extenso período de tempo.

Ratificando o acima descrito nas palavras dos pesquisados, GE1 menciona que: *“Como estamos apenas com aulas online [remotas] a maior dificuldade foi fazer com que as famílias participassem das atividades [visto que elas são as mediadoras entre o professor e o aluno].”* Enquanto GE2 coloca ainda que: *“Rotina que muda, mexer no computador para apresentar as aulas, horários a serem cumpridos, muito agito dentro de casa, ausência de um ambiente silencioso e estímulos externos que tiram atenção da aula.”*

O gráfico abaixo é referente aos fatores que apresentaram as maiores dificuldades para as crianças nas primeiras semanas de aulas, na percepção dos educadores.

Importante notar que aulas virtuais são dependentes do local onde assiste a aula a tecnologia que a criança tem acesso, o que é relacionado diretamente ao seu nível socioeconômico cultural. Notando que as crianças necessitavam de um acompanhante para as aulas, e em alguns casos a criança se desconecta da turma

sem o educador ter como identificar se foi um problema técnico ou se ele desligou de propósito, a criança pode não estar sendo supervisionado, no momento e desligou a câmera e saiu da classe para fazer outra atividade no computador ou telefone.

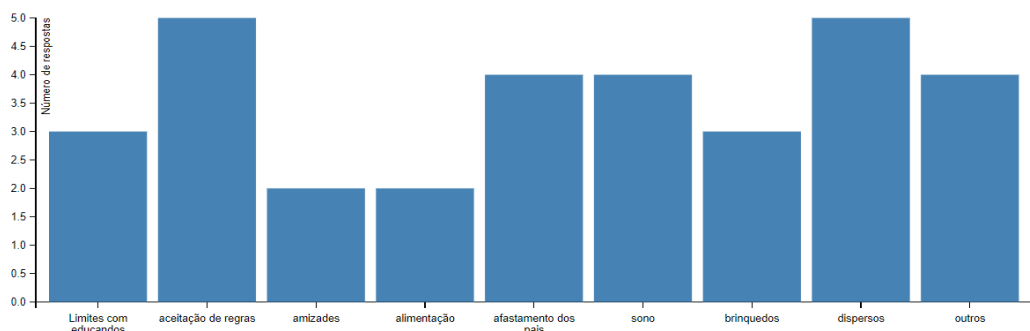
Tabela 4 – Maiores dificuldades apresentadas nas primeiras semanas

	Contagem	%
Limites com educandos	3	9,38
Aceitação de regras	5	15,63
Amizades	2	6,25
Alimentação	2	6,25
Afastamento dos pais	4	12,50
Sono	4	12,50
Brinquedos	3	9,38
Dispersos	5	15,63
Outros	4	12,50
Outras respostas	0	0
Total	32	100

* Possibilidade de marcar mais de uma opção

Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

Gráfico 4 – Maiores dificuldades apresentadas nas primeiras semanas



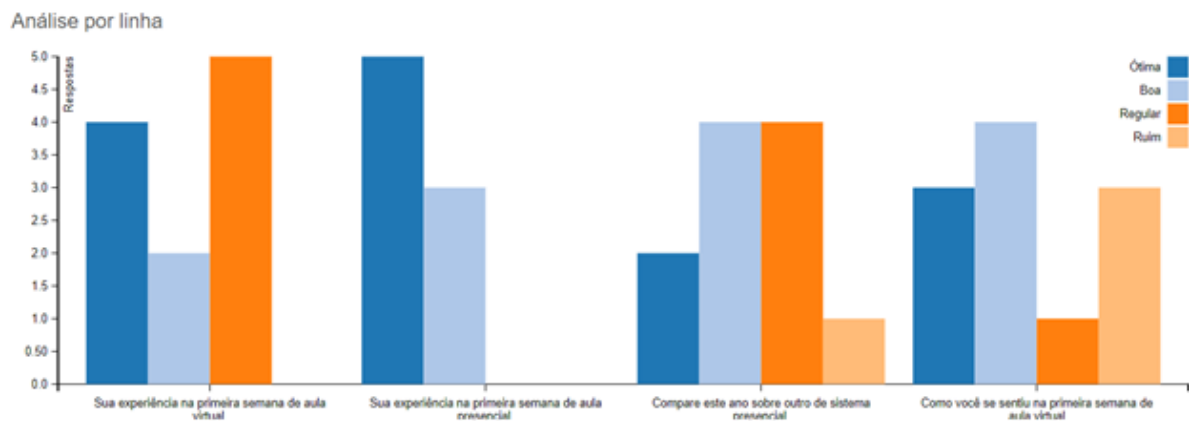
Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

Devido a pandemia, há famílias que se mantiveram, outras que acirram as regras etc. Dessa maneira muitas crianças não tinham horário certo para dormir e para realizar suas tarefas, deixando muitas vezes eles com sono, no turno da

manhã, participando das aulas virtuais, e na idade pesquisada esse comportamento em geral não favorece a aceitação das regras da classe.

Resumindo, o gráfico 4 com as respostas da pesquisa, as opções indicadas foram problemas de aceitação dos limites, crianças dispersos, afastamento dos pais ou membros da família e sono, pois crianças com poucas condições de trabalhar num celular e com pouca velocidade de internet, assim pouco acesso ao produto tecnológico adequado para realidades atual.

Gráfico 5 – Auto avaliação dos educadores, no início do ano, em plena fase de adaptação.



Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

No gráfico acima, durante a primeira semana de atividades pedagógicas e de intensa adaptação, os educadores se auto avaliaram muito bem (5 Ótimos, 3 Bom, 3 regular e 1 ruim). Entende-se que, nas respostas dos educadores, em relação ao primeiro dia de aula virtual as atividades predominantes foram de apresentação entre eles, reduzindo o tempo para outras atividades. Por ser o segundo ano de pandemia, os educadores já tinham experiência do ano anterior e os problemas que poderiam afetar na adaptação foram solucionados prontamente.

Em relação às maiores dificuldades encontradas na primeira semana de aula, que influenciaram no desenvolvimento das atividades pedagógicas no ponto de vista dos educadores foi o trabalho de organizar a logística das aulas, determinando como o material didático seria distribuído, sendo impresso ou enviado somente de forma digital, considerando que alguns estudantes não tinham acesso às plataformas digitais, o que dificultou a criação de uma rotina, e com ela a familiarização necessária para uma boa adaptação por parte da criança.

Em resposta aos recursos utilizados, as plataformas digitais preferidas pelos educadores foram o *Classroom*, *Google meet*, *Facebook*, *WhatsApp*, e-mail e vídeo aulas no *YouTube*. Notando que quando possível, materiais didáticos impressos foram distribuídos. As atividades pedagógicas digitais proporcionam ao educador a habilidade de identificar crianças com maiores dificuldades na aprendizagem, considerando que durante as aulas virtuais ele não tem condições de dar atendimento individual a cada criança.

Em relação a interação com as crianças, os educadores pesquisados mencionam que no modelo “híbrido”, em que a classe é dividida com parte das crianças assistindo as aulas em casa, se torna muito difícil de acompanhar as crianças virtuais, pois a aula presencial requer do educador atenção de maneira mais imediata.

Nota se que no modelo “híbrido”, o processo de adaptação é mais longo, considerando que são duas dinâmicas completamente diferentes combinadas. Na semana de aula presencial, ele se adapta a uma realidade que é completamente diferente da próxima com aulas virtuais. Apesar de estarem fazendo as mesmas atividades pedagógicas, a criança está em um ambiente diferente e com um acompanhamento, não a criança próximo.

Observando que no sistema de aulas (virtuais ou remotas), para a idade pesquisada, o sistema é muito dependente da cooperação da família (acompanhador), e da sua interação com o educador. Quando os fatores necessários para a aprendizagem são acordados entre a família e a escola, esse esforço mútuo auxilia a criança a ter uma adaptação segura e sem problemas, desenvolvendo suas habilidades e competências.

Em relação aos problemas mais relevantes associados à não adaptação escolar, os educadores pesquisados observaram que problemas familiares foram os maiores disruptores do processo de adaptação, o que representa um resultado esperado, considerando que as classes são administradas dentro da casa da criança. Outro ponto mencionado foram problemas cognitivos notando que na idade pesquisada a criança está sendo alfabetizado, esse processo de aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento da criança. Esses desafios são acompanhados de todos os possíveis problemas psicológicos que a criança está vivenciando, seus medos, ansiedades, angústia, frustração por não saberem se expressar ou entender as atividades, entre outros.

Palú (2020) aprofunda o estudo nas possíveis razões dos problemas familiares,

[...] destacamos: problemas pessoais, como falta de estrutura física, de locais em suas residências que ofereçam condições para o aprendizado; novas tarefas que tiveram de assumir, como o cuidado com os irmãos, que também estão sem acesso às escolas; sobrecarga de atividades escolares/domésticas, sendo que muitos tiveram de ir para o mercado de trabalho formal e não formal, para complementar a renda da família, pois em muitos casos os pais e familiares perderam seus empregos; problemas de saúde, pois tiveram seus familiares infectados pelo vírus; dificuldade de aprender sem a mediação do professor, desânimo e falta do convívio. (PALÚ, *et al.*, 2020, p. 100).

Em relação aos problemas emocionais, Maia (2020) investigando problemas familiares observou a raiva,

Mais de uma educadora afirmou que muitas crianças aprendem a expressar raiva em casa, e geralmente a causa da raiva expressa em sala de aula está em problemas familiares. Segundo elas, para muitas crianças é difícil dividir brinquedos e lidar com outras situações que geram raiva, pois não aprendem em casa a dividir e acabam sendo crianças egocêntricas. Essa seria a maior diferença entre aquelas crianças que sabem lidar com a raiva e aquelas que não sabem. (MAIA, 2020, p. 39).

Dessa maneira, a raiva oriunda dos problemas familiares, pode deixar a criança afetada no sistema de aprendizado e vulnerável aos distúrbios e perturbações inerentes ao convívio familiar, cada um com suas peculiaridades.

Importante notar que os problemas emocionais podem se externalizar em sintomas físicos, incluindo problemas de saúde, que podem ser extremamente prejudiciais para o processo de adaptação. Santos (2012) menciona que,

O choro é muito comum no período de adaptação das crianças, que o manifestam principalmente na entrada e quando os pais ou familiares vêm buscá-las [...] O bebê pode somatizar seus sentimentos em relação à separação, apresentando sintomas físicos, como febre, vômitos, diarreia, bronquite, alergias, etc. Esses sintomas devem alertar para possíveis problemas de adaptação, mesmo que o bebê não chore na escola (SANTOS, 2012, p. 34).

Rizzo (1989) elucida a razão dos problemas emocionais na adaptação se manifestarem fisicamente em sintomas como alergias, sono, choro, medos, angústia, estresse durante a adaptação podem ser causados porque, “[...] esses sintomas de saúde são passíveis de ocorrer, porque o grande investimento emocional da criança,

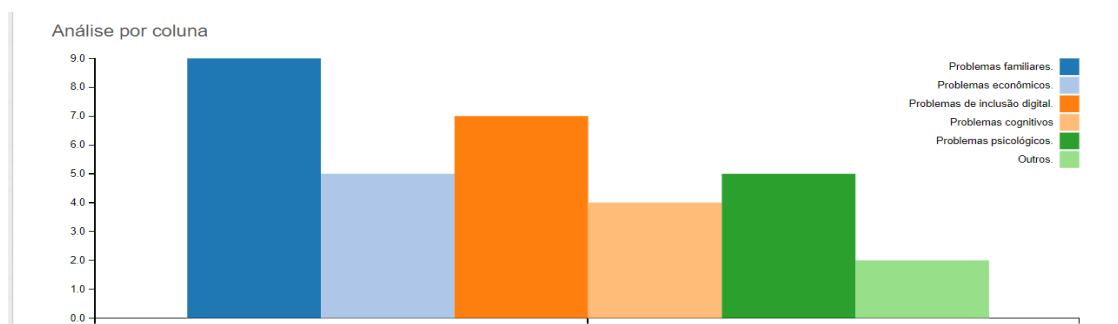
durante a adaptação, pode torná-lo menos resistente à infecção” Rizzo (1989 p. 325).

Notando também que problemas de origem física, em que a criança está doente por qualquer outra comodidade, também pode afetar o seu lado emocional, e ser igualmente disruptivo para o processo de adaptação. Geralmente, quando uma criança está doente por um bom período de tempo, ela passa por um processo emocional que pode incluir sentimentos de depressão, angústia, impotência, entre outros. Um dos sintomas físicos mais mencionados foi o sono, e em uma análise mais aprofundada, Valle *et al.* (2009) cita que,

Compreender o fenômeno do sono em seus diversos aspectos é o procedimento científico para buscar soluções para seus distúrbios, visando alcançar um rendimento satisfatório nas atividades diárias. Na vida diária, o sono interfere no humor, na memória, na atenção, nos registros sensoriais, no raciocínio, enfim nos aspectos cognitivos que relacionam uma pessoa ao seu ambiente. Alterações no sono determinam má qualidade ao desempenho e interferem na saúde, às vezes, de forma muito grave (VALLE *et al.*, 2009, s/p).

Problemas econômicos foram mencionados, e são associados automaticamente a classe sócio econômica da família da criança, levando em conta que a pesquisa foi realizada durante a pandemia, onde a sociedade estava passando por um momento crítico, e problemas dessa natureza foram muito frequentes. Os gráficos abaixo representam as respostas da pesquisa em relação aos problemas já mencionados anteriormente.

Gráfico 6 – Problemáticas associadas as dificuldades de adaptação



Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

Em relação a importância da escola na adaptação das crianças, os pesquisados acreditam que a mesma deve oferecer um espaço de acolhimento

inclusivo, onde a comunidade escolar se sinta segura e informada. Considerando que toda criança deve ter um acompanhamento não só na escola, mas também em casa, para melhor identificar a existência de um problema. O bom relacionamento entre os pais e a escola é primordial, pois no momento que a criança demonstrar qualquer sintoma, as duas partes devem se comunicar e trabalhar no sentido de auxiliá-lo, se for o caso, procurando uma ajuda psicológica profissional. Segundo GE9: “*Conversar e dar orientação aos pais*” informando aos pais que podem contar com a escola nos problemas de adaptação.

As crianças, entre os três e cinco anos, estão em uma fase em que os temores são naturais, tais como o medo de escuro, de monstros, do trovão ou de dormir sozinho. Essa fase passa conforme a criança cresce e amadurece emocionalmente. Observando que embora esses medos sejam naturais, no caso de medos excessivos, se torna responsabilidade dos pais, trazerem o assunto para os educadores, para juntos entenderem e acompanhar o desenvolver desses sentimentos, visando minimizar efeitos posteriores e auxiliando no momento da adaptação. Contudo o papel dos pais é fundamental para facilitar este processo – ou para transformá-lo em um trauma difícil de superar (RAMOS, 2021). Segundo a mesma autora,

[...] nem sempre é possível, ainda que com o apoio dos pais, tranquilizar uma criança que está sofrendo com temores excessivos. Nesse caso, é preciso procurar ajuda profissional, assim quando o medo for intenso a ponto de gerar um sofrimento grande na criança, ou quando ela estiver perdendo contato social, escolar ou lúdico por causa dos medos, procure um terapeuta. (RAMOS, 2021, p. s/n).

De acordo com Novais (1976, p. 20), em relação aos sentimentos oriundos no ambiente da escola menciona que “[...] a ansiedade de um aluno pode advir de exigências excessivas do ambiente, como de sentimentos de solidão ou de bloqueios de comunicação que desencadearam dificuldades de relacionamento e de aprendizagem”. Segue ainda:

São comuns os casos de dificuldades de adaptação escolar advindas de problemáticas emocionais: alunos que sofrem de angústia, depressão, inibições provindas de frustrações afetivas, sentimentos de inseguranças e de inferioridade, são agressivos com o ambiente, vivendo conflitos familiares paralelos. (NOVAIS, 1976, p.27).

Ratificando a necessidade de um ambiente escolar acolhedor, inclusivo, afetivo em que a criança seja imerso em uma realidade que respeite suas individualidades, inclusive suas deficiências. Considerando que 10% da população mundial apresenta algum tipo de deficiência, todos os sinais e sintomas são relevantes, de acordo com os dados da ONU (2020) no IBGE:

[...] Vale lembrar ainda que a Organização Mundial de Saúde – ONU estima que em torno de 10% da população mundial apresenta algum tipo de deficiência. No Brasil, os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE, de 2010, mostram que 6,4% da população têm alguma deficiência. Esta porcentagem refere-se às pessoas que apresentam muita dificuldade ou não consegue de modo algum em um ou mais questões do Censo 2010, usadas como critério. Um número bem maior, 24% da população, declarou possuir pelo menos alguma dificuldade em uma ou mais questões por tipo de deficiência. IBGE (2020).

Segundo a educadora GE2, a dinâmica do grupo deve ser observada, quando analisando os sintomas apresentados pelas crianças considerando que na idade pesquisada, as crianças reagem às vezes de uma maneira simultânea e coletiva, espelhando os sentimentos de colegas, mencionando que “[...] *alguns se adaptam, os outros vão seguindo, vão perdendo o medo, criança é na sociedade, a socialização, se alguns choram muito, as outras se irritam, já se as crianças estão calmas ali, os não adaptados vão vendo e se acalmam*”.

Dessa maneira, para evitar problemas de adaptação, deve-se prestar atenção não somente nos sintomas individuais das crianças, mas também nas atitudes e sentimentos da classe em geral. Notando que na classe o educador e o controlador do ambiente da escola, deve estar atento aos relacionamentos entre as crianças, no sentido de evitar desrespeito, bullying, entre eles, o que potencialmente pode levar a problemas de adaptação. Importante notar que todos os membros da comunidade escolar devem estar atentos em todos os momentos, inclusive no período anterior as classes e nos intervalos.

Os sinais e sintomas que foram mencionados pelos educadores em ordem de maior frequência foram: a ansiedade, dificuldade para falar, insegurança, resistência a alguma atividade, falta de interesse, dificuldade de concentração, medos, hiperatividade não ficar quieto, tensão muscular, euforia, mudança de humor, birra, dores no corpo, choro, apatia, depressão e tremores. Sintetizando assim os principais sentimentos a serem observados quando analisando o processo de adaptação de uma criança, notando que existem outros sintomas que não foram

mencionados pelos educadores, mas podem potencialmente afetar a adaptação que serão identificados e analisados posteriormente.

4.2 Questionário com os Pais ou Responsáveis

A análise dos dados coletados no grupo de pais ou responsáveis estão organizadas em tabelas, gráficos e agrupados de acordo com as respostas. Indivíduos que aceitaram participar da pesquisa receberam o *link* de amigos e conhecidos. O número total de pesquisados proposto inicialmente era de dez, contudo, mais três foram adicionados uma vez que se voluntariaram para participar e faziam parte ativamente do público a ser estudado, totalizando treze participantes. Na identificação do perfil dos pesquisados e demonstrado na tabela abaixo, considerando os dados de Escolaridade, Profissão, Idade, e Gênero do (a) filho (a),

Tabela 5 – Descrição dos Participantes da Pesquisa Grupo

Participantes	Escolaridade	Profissão	Idade	Gênero do(a) filho(a)
GP1	Ensino superior	Contador(a)	NI	NI
GP2	Ensino superior	Advogado(a)	46 / 39	F
GP3	Ensino superior	Advogado(a)	47 / 40	M
GP4	Ensino superior	Advogado(a)	43 / 41	F
GP5	Ensino superior	Policia	43 / 40	M
GP6	Ensino superior	Empresário(a)	34 /	M
GP7	Ensino superior	Pedagogo(a)	49 / 49	M
GP8	Ensino superior	Policia	43 / 40	M
GP9	Ensino superior	Coordenador(a) pedagógico(a)	37 / 35	F
GP10	Ensino superior	Médico(a)veterinário(a)	50 / 42	M
GP11	Ensino superior	Fisioterapeuta	49 / 48	M F
GP12	Ensino superior	Contador(a)	NI	NI
GP13	Ensino superior	Militar	38 / 34	M

*NI – dado não informado

Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

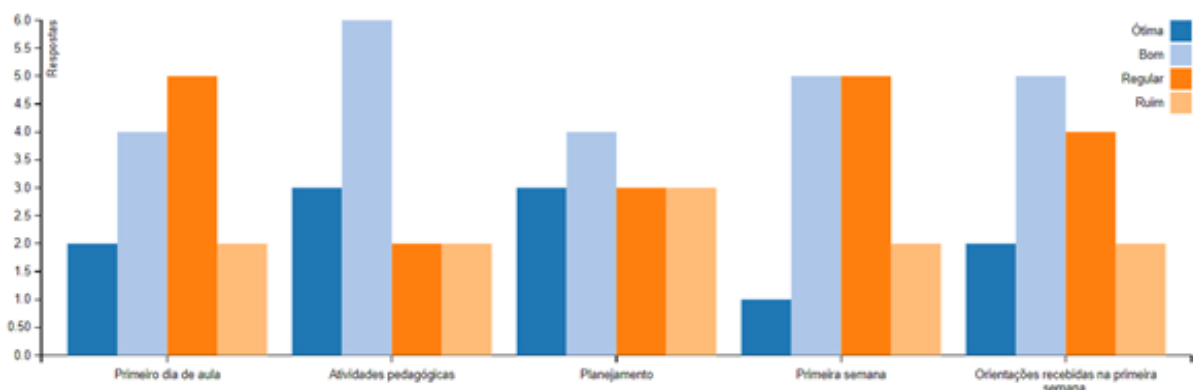
Considerando que todos os pesquisados têm nível superior, de um bom nível sócio econômico cultural, entende-se que são pessoas informadas e principalmente interessadas na educação dos filhos, sendo alguns educadores também, com suas valiosas experiências validando as informações recebidas pelos mesmos. Na tabela e gráfico que seguem são correspondentes às respostas dos educadores em relação à primeira semana de aula.

Tabela 6 – Realidade escolar na primeira semana de aula virtual

	Ótimo (%)	Bom (%)	Regular (%)	Ruim (%)	Total (%)
Primeiro dia de aula	3,08	6,15	7,69	3,08	20
Atividades pedagógicas	4,62	9,23	3,08	3,08	20
Planejamento	4,62	6,15	4,62	4,62	20
Primeira semana	1,54	7,69	7,69	3,08	20
Orientações recebidas na primeira semana	3,08	7,69	6,15	3,08	20
Total	16,92	36,92	29,23	16,92	100

Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

Gráfico 7 – Realidade escolar na primeira semana de aula virtual



Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

Em relação à realidade escolar **no primeiro dia de aulas virtuais**, 53,85% dos pais entrevistados consideraram regular ou ruim, o que sugere que houveram frustrações e problemas a serem resolvidos, o que não é um resultado inesperado,

considerando que toda a comunidade escolar estava se adaptando e aprendendo. Todo o sistema de educação se tornou completamente dependente da tecnologia, e para a comunidade escolar aprender o software, foi necessário treinamento, um certo nível de conhecimento em computadores, e um tempo de familiarização. Juntamente com a adaptação de um ambiente, dentro da própria casa, com todas as suas dinâmicas e peculiaridades, tentando transformar em um ambiente calmo e propício para a criança assistir às aulas.

Dentro deste contexto foi pensado o produto técnico, notando que as aulas virtuais podem ser potencialmente menos traumáticas, pois não há separação dos pais, e a criança está no seu ambiente habitual o que pode auxiliar na adaptação, segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI):

No primeiro dia da criança na instituição, a atenção do professor deve estar voltada para ela de maneira especial. Este dia deve ser muito bem planejado para que a criança possa ser bem acolhida. É recomendável receber poucas crianças por vez para que se possa atendê-las de forma individualizada. (BRASIL, 1998, p. 80).

Considerando que no primeiro dia de aulas virtuais todas as partes estão se familiarizando com o sistema e com a plataforma, é normal que ocorram imprevistos, que possam influenciar no processo de adaptação, segundo Bueno (2019):

[...] uma criança recém-chegada na creche pode se tornar um desafio ou de pode ser ou dominação no emaranhado de elementos que compõem o dispositivo de adaptação escolar. Há um eterno descompasso entre o planejamento idealizado e o que, de fato, acontece em uma rotina com uma turma de crianças. Desde o período de adaptação até o roteiro de atividades, sempre aparecem os imprevistos. (BUENO, 2019, p. 28).

Em relação às atividades apesar de 69,25% consideraram a qualidade ótima ou boa, enquanto 30,75% classificaram ruim. Notando que os educadores mencionaram que o primeiro dia foi de aulas virtuais, foram mais apresentações, esse parecer pode ter sido influenciado pelos sentimentos e pela participação de seu filho/a na aula. Notando que em muitos casos, as atividades pedagógicas propostas podem ter sido desenvolvidas para as aulas presenciais, precisando de uma melhor adequação para as aulas virtuais.

Em relação ao **planejamento**, 46,20% dos pais pesquisados consideraram regular e ruim, considerando os desafios da implementação do sistema, e a falta de experiência com o mesmo, muitos dos problemas ocorreram esporadicamente e

imprevistos, dificultando assim a fluência dos planos programados pelos educadores. Entende-se também que para uma melhor adaptação é necessário um planejamento baseado no conhecimento das individualidades, capacidades de cada criança e características específicas da sua faixa etária. Nesse período se torna importante a experiência do educador para lidar com as adversidades apresentadas, considerando que as partes estão se conhecendo, coletando informações e ainda aprendendo sobre os aspectos comportamentais e emocionais de cada criança.

Em relação a **primeira semana** de aula 53,84% dos pais consideraram ruim ou regular, o que pode demonstrar que o período de adaptação às aulas virtuais foi mais longo do que nas aulas presenciais, considerando que as aulas foram somente de uma hora, em uma semana ainda se encontravam distúrbios de aprendizagem e de comunicação, imprevistos que influenciaram no processo, e dessa maneira na adaptação das crianças.

Enfatizando que na primeira semana é necessário um **trabalho pedagógico inclusivo**, colaborativo, que respeite as diferenças individuais, possibilitando que a criança desenvolva sua autonomia e identidade. Em relação às orientações recebidas na escola na **primeira semana**, 46,15% dos pais pesquisados consideraram regular ou ruim o que denota que alguns problemas ocorreram, sejam eles por falta de informação clara e objetiva por parte da escola, ou por falhas na comunicação. Notando que um relacionamento não muito comunicativo entre os pais e educadores pode ser prejudicial para uma boa adaptação. Desse modo, **orientações sobre adaptação** na educação infantil aos educadores e cuidadores se tornam fundamentais, assim como a boa comunicação entre as partes envolvidas.

Considerando que na primeira semana, durante o período pesquisado, alguns pais necessitaram de ajuda, seja ela técnica ou em alguma situação relativa à implementação do sistema. Conforme citado por GP3, "*Houve muitos momentos de dificuldades técnicas com o sistema, faltas e baixo aproveitamento*", ratificando também, o que foi mencionado anteriormente pelos educadores em relação às dificuldades técnicas, fator que influenciou muito no atendimento e no desenvolvimento e fluidez das atividades, e dessa maneira na adaptação às aulas virtuais. Importante notar que para a idade pesquisada, a criança ainda não tem autonomia nem conhecimento técnico para assistir as aulas sozinhas, e para atender as aulas dependem do acompanhamento dos pais.

Em relação ao comportamento dos seus filhos durante o período de adaptação às **aulas virtuais**, os pais pesquisados mencionaram uma série de atitudes e sentimentos, muitos deles relacionados à realidade pandêmica, tais como “ansiedade, medo de sair de casa”, citados por GP2. Considerando que nesse período, a sociedade estava vivendo um momento em que o isolamento das famílias, o contato físico com outras pessoas não era aconselhável, colocando os educandos na sala de aula em uma situação de desconforto, com medo de interação e contato.

Considerando a idade das crianças pesquisados, esses sentimentos os tornam suscetíveis e vulneráveis a traumas e transtornos posteriores que podem ser prejudiciais à sua saúde mental. Outros mencionaram vários sentimentos, segundo GP3 “Introspecção e ausência de interesse em atividades”, GP4 “Irritação e agitação” e GP1 “desinteresse e preguiça”. Em alguns casos levando a não participação efetiva da classe, com um nível de concentração e aproveitamento baixos, que por sua vez podem potencialmente influenciar no estado psicológico do educando levando a problemas de adaptação.

No **sistema “híbrido”** adotado, as aulas foram divididas em aulas virtuais e presenciais em semanas intercaladas. Em relação às aulas presenciais, os pais informaram que geralmente a mãe, pai ou algum familiar levaram o educando à escola. É importante notar que o processo da adaptação inicia antes da chegada à escola, e que a pessoa que leva o educando deve preferivelmente ser alguém que a criança confia, e que lhe transmita segurança, confiança, calma, tranquilidade e apoio procurando minimizar seus medos, e dessa maneira propiciando uma melhor adaptação.

Na maioria dos casos pesquisados, o educando foi entregue ao educador pela sua mãe, entende-se que a tarefa da criação e acompanhamento é, historicamente, delegada à mãe, segundo Klein (2005) ao analisar a articulação entre diversos discursos teóricos e políticos tornou/torna possível explorar, a partir dos significados conferidos à maternidade, o quanto as mulheres (e não os homens) foram sendo re/posicionadas como as melhores ‘cuidadoras’ das crianças.

É notável a importância desta atividade de levar a criança para escola, pois repassa a responsabilidade da autoridade familiar do educador, observando que pela primeira vez, ele vai ser introduzido a um grupo social alheio à família, o receio

de separar dos pais ou cuidadores é comum. Deve-se prestar atenção, pois esse momento tem potencial para se tornar um evento traumático.

Em relação à acolhida dos educandos nas aulas presenciais, 60% dos pais consideraram que a acolhida foi ótima, enquanto 40% boa, o que denota que de acordo com alguns pais a acolhida poderia ter pontos a serem melhorados. A acolhida do educando é um ponto central na adaptação do mesmo, conforme também mencionado pelos educadores. Importante notar que nas aulas híbridas, o educador precisa receber e acolher os educandos para as aulas presenciais e virtuais simultaneamente. De acordo com GP1, “*só um professor, fica difícil dar conta de tudo!*”, pois é impraticável acompanhar os educandos a distância e estimular sua participação da mesma maneira dos presenciais.

A acolhida também é importante para os pais, pois eles também estão em adaptação e precisam estar seguros de que o educando está sendo bem recebido e acompanhado. Pois se eles estão inseguros e receosos, o educando pode refletir seus sentimentos e se sentirem ainda mais vulneráveis, segundo a GP2, “*Eu vejo que ela é bem cuidada*”, entendi que a mãe está demonstrando a necessidade dessa autoafirmação.

Entende-se que na idade pesquisada, os educandos estão em fase de aprender os recursos para lidarem com os medos, inseguranças e ansiedades, ainda sem ter a habilidade de verbalizar os mesmos, o que causa frustrações. A maneira mais frequente ou habitual de externalizar essas frustrações são através do choro, evidenciado por GP1 “*não forcei ficar na escola, com o choro fomos embora*” e GP2 “*Eu deixo ela chorando, isso me incomoda...*” De acordo com o RCNEI, os pais e responsáveis necessitam de ajuda para entender o choro como uma manifestação de comportamento.

O choro da criança, durante o processo de inserção, parece ser o fator que mais provoca ansiedade tanto nos pais quanto nos professores. Mas parece haver, também, uma crença de que o choro é inevitável e que a criança acabará se acostumando, vencida pelo esgotamento físico ou emocional, parando de chorar... (BRASIL, 1998, p. 23).

Esses sentimentos, emoções e sensações precisam ser considerados significativos e válidos e por isso os educandos devem ser acolhidos e recebidos com carinho e paciência. Assim, em alguns educandos, esses sentimentos podem se externar de maneira física, tais como: dor de barriga, escape de xixi, dor de

cabeça, suor frio, tremor, entre outros. Esses sinais e sintomas podem indicar possíveis problemas. Segundo Rapoport e Piccinini (2001), a forma como as mães sentem-se ao deixarem seus filhos na escola pode influenciar o comportamento e reações da criança e vice-versa. Segundo GP3 “*Ela diz que tem medo*”.

A entrega da criança na escola no primeiro dia é muito significativa, e quando os pais não podem fazê-lo pessoalmente, é necessário que seja substituído por uma pessoa de confiança da criança, o GE5 “*eu estava mais nervoso que minha filha e tinha que ir trabalhar*”, segundo RCNEI;

Os pais podem encontrar dificuldades de tempo para viver este processo por não poderem se ausentar muitos dias no trabalho. Neste caso, seria importante que pudessem estar presentes, ao menos no primeiro dia, e que depois pudessem ser substituídos por alguém da confiança da criança (BRASIL, 1998, p. 81).

Os gráficos abaixo apresentam as respostas mencionadas pelos pais na pesquisa, em relação aos sentimentos, comportamentos e emoções vivenciados pelos seus filhos, de 04 e cinco anos, em todos os momentos do seu dia, durante o período de sua adaptação escolar.

Tabela 7 – Sentimentos, comportamentos que podem influenciar nas emoções do educando durante a adaptação escolar infantil

	Frequentemente	Algumas vezes	Poucas vezes	Não	Total
Aceitação de regras	8	4	1	0	13
Aceitação de limites	7	6	0	0	13
Fazer amizades com colegas	10	2	1	0	13
Aceita alimentação sem reclamar	5	6	1	1	13
Cuida de seus brinquedos	8	4	1	0	13
Participação nas aulas	9	3	1	0	13
Demonstra sofrimento no afastamento dos pais	1	5	5	2	13
Sonolência	0	3	8	2	13

Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

Analisando os dados acima, foi observado que pelos pais os comportamentos a seguir:

A aceitação de regras: a análise indica que 38.46% dos educandos, demonstraram problemas em aceitar regras impostas pelos pais. Deve-se notar que a aceitação de regras em qualquer ambiente, seja na escola ou em casa, pode colaborar no sentido de que ela se sinta mais segura, em uma situação de conforto, onde ela está sendo cuidada. Segundo Borsa (2007), as crianças, nas suas relações com iguais, descobrem que é necessária reciprocidade, para agir conforme as regras, levando em conta que as regras são efetivas, se as pessoas concordarem em aceitá-las. Notando-se que uma criança precisa de regras, limites. Santos (2012) enfatiza que:

[...] a família possui um papel fundamental na formação moral das crianças. Entretanto, nas relações pais-criança, as regras possuem um caráter afetivo, ou seja, as regras possuem o risco de terem um valor restrito às pessoas amadas, sem que a criança consiga generalizar para outras pessoas, em outros contextos. As regras e aos valores aprendidos neste espaço social privado (da família) precisam somar-se às regras e os valores aprendidos no espaço público (da sociedade como um todo), sendo que a escola representa um importante espaço intermediário entre os dois. (SANTOS, 2012, p. 15).

A aceitação de limites: 46,15% dos educandos tiveram problemas em aceitar os limites impostos pelos pais.

Essa questão de limites é complexa e nos faz pensar que os pais, às vezes, por não saberem lidar com determinadas situações acabam “falhando” nas recompensas e na hora de impor limites; pois, querendo agradá-los, talvez, pelo fato de não ficarem o dia todo com eles, por trabalharem fora, acabam fazendo suas vontades, tirando do castigo, criando, dessa forma, seus filhos sem limites (ALMASAN; ÁLVARO, 2006, p. 14).

Nota-se que a aceitação de regras e limites depende do relacionamento entre o educando e seus pais, e a dinâmica na convivência da família. Existem casos, em que crianças aceitam as regras impostas pelos pais, mas rejeitam as normas impostas pelas mães e/ou vice-versa. E considerando o momento de adaptação, nas aulas virtuais, o educando necessita de um responsável supervisionando, e nas aulas presenciais, um responsável que entregue a criança a responsabilidade do educador, nos dois casos, o relacionamento dessa pessoa com o educando pode influenciar na adaptação do mesmo.

Observa-se que na faixa etária pesquisada, os educandos podem desafiar a autoridade por várias razões dependendo de seu estado psicológico do momento. Nas famílias contemporâneas existe uma permissividade e uma dificuldade de dizer não muito significativas, o que compromete a educação das crianças e promove um comportamento não muito aceitável na convivência social. Em alguns casos, a reação à palavra “não” e a rebeldia da criança podem levar a um transtorno.

Ao analisar o fato de a criança fazer amizade com os colegas, 23,07 % dos pais pesquisados notaram que seus filhos não faziam amizades frequentemente na escola. Importante notar que fazer amizades contribui para socialização da criança, sendo típico dessa faixa etária, é importante, Segundo Müller (2008),

[...] toda observação foi possível averiguar o desenvolvimento das relações de amizade entre as crianças. Pudemos verificar também a importância deste conceito no processo de socialização da criança. A interação social, o convívio e a rotina do ambiente escolar fortalecem os laços de amizade. O sentimento de amizade existente entre as crianças tem uma influência decisiva na formação do indivíduo ético. (MÜLLER, 2008).

Ao notar, que algumas crianças podem apresentar dificuldades nas relações interpessoais, geralmente com os colegas, o que pode influenciar na adaptação da turma. Outros podem também replicar o comportamento de seus colegas, sejam eles de rebeldia, superioridade, etc. Em alguns casos extremos até mesmo bullying com seus colegas. Importante notar que o relacionamento entre os educandos pode influenciar diretamente nas suas adaptações, o que posteriormente pode levar a sérios problemas de saúde mental.

Existem muitos distúrbios que podem ocorrer devido a problemas de alimentação, segundo Garcia (2016) o transtorno alimentar tem vários fatores, em alguns casos, a criança pode se alimentar excessivamente, ou ao contrário. Distúrbios de alimentação, nessa faixa etária podem levar a obesidade, bulimia e outros transtornos posteriormente, e vem reforçar que temas complexos, ressaltando a extrema importância de se avaliar um quadro clínico de transtorno alimentar dentro do ambiente escolar (GARCIA, 2016).

Segundo os pais pesquisados, 38,46% dos educandos não cuidam e zelam por seus brinquedos. Notando que demonstrar zelo por um objeto pode estimular o equilíbrio emocional, a autoconsciência e a empatia. Por exemplo, em um caso

extremo, uma criança que destrói um urso de pelúcia, pode posteriormente fazer o mesmo com um animal de estimação, levando a sérios transtornos no longo termo.

Em um outro caso, umas crianças cuidam extremamente seus brinquedos, pode desenvolver os sentimentos de não querer partilhar ou até mesmo, no longo termo, transtorno obsessivo compulsivo. Segundo Garcia (2016, p. 1) “As doenças mentais são compreendidas como transtornos da trajetória da vida, que evoluem a partir de alterações do neurodesenvolvimento e que manifestam seus primeiros sinais na infância”.

Em relação à participação nas aulas virtuais e presenciais, 30,75% dos pais responderam que seus filhos participavam algumas ou poucas vezes. Notando que a participação na aula é necessária para o seu desenvolvimento cognitivo. Demonstra que a criança tem iniciativa, trabalha em grupo e colabora na organização do ambiente coletivo. Quando a criança não participa da sala de aula, ela pode estar apresentando problemas que podem ser cognitivos, psicológicos, emocionais, entre outros. Entende-se que é na faixa etária estudada, que uma criança pode ser identificada e diagnosticada com autismo, dislexia, hiperatividade, entre outros;

Em relação ao sofrimento no afastamento dos pais, 84,61% dos pais relataram que seus filhos tiveram pelo menos uma experiência, incluindo educandos que frequentemente demonstraram sofrimento nesse momento. Ratificando a importância desse momento na adaptação escolar. Segundo os pais entrevistados, o comportamento dos educandos requer cuidados, mencionados por Rapoport, 1999 apud Ferreira (2007):

Rapoport (1999) sugere que a forma como as mães sentem-se ao deixar seus filhos na escola, pode influenciar o comportamento e reações da criança, assim como, reciprocamente, as atitudes apresentadas pelos filhos podem gerar algumas reações na mãe... As reações à separação são diferentes para cada pessoa e estão ligadas às variações da relação mãe filho. (RAPOPORT, 1999 *apud* FERREIRA, 2007, p. 12).

Este momento pode ser de extrema relevância para o desenvolvimento emocional e social do educando, pois pode gerar traumas, problemas transitórios de ajuste nos educandos, de confiança, de formação de vínculos e de autonomia, para toda a vida. Segundo Coronado (2018), a separação amplia a possibilidade de pais e crianças mostrarem mal-estar psicológico, influenciando o impacto emocional e físico, que por ele é criado.

Em relação à sonolência, 23,07% dos pais pesquisados mencionaram que seus filhos apresentaram esse sintoma algumas vezes. É oportuno comentar que por causa da pandemia, todas as rotinas foram adaptadas às suas realidades do convívio familiar, sendo diferenciado de casa para casa. Notando que o sono pode ser um sinal de identificação de um problema, devido ser um elemento identificador de bom desenvolvimento físico e mental; aos cinco anos a fase de crescimento é acelerada e a criança precisa de mais horas de sono. Crianças com sono podem apresentar sintomas de irritação, mau humor, falta de concentração entre outros (VALLE *et al.*, 2009).

A tabela abaixo se refere ao grau de interesse dos educandos nas aulas virtuais e presenciais, de acordo com pais pesquisados. Em relação ao interesse nas aulas, os pais pesquisados responderam que 50% dos educandos demonstraram pouco ou médio interesse nas classes virtuais, enquanto 76,92% demonstraram muito interesse nas aulas presenciais.

Nota-se que mesmo com todas as restrições trazidas pela pandemia, os educandos preferiram as aulas presenciais, dessa maneira indicando que no sistema virtual, podem ter ocorrido maior frequência de problemas, que poderiam ter afetado na adaptação.

Tabela 8 – Grau de interesse nas aulas por modalidade

	1 (pouco)	2	3 (médio)	4	5 (muito)	Total
Presencial	0	0	1	2	10	13
Virtual	2	1	3	4	2	12

Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

Mas esse resultado não quer dizer que as aulas presenciais não tiveram seus desafios. De acordo com Romanzini, Vivian e Botton (2022) na sua pesquisa,

[...] os pais destacaram o medo apresentado pelas crianças em contrair o vírus ou que algum parente próximo contraísse, também foi trazido por eles, as alterações no comportamento dos filhos, como, ansiedade, insegurança e dependência, aspectos relacionados às dificuldades com relação às atividades escolares, também foram evidenciados. (ROMANZINI; VIVAN; BOTTON, 2022, p.8).

Considera-se as vantagens do sistema presencial, entende-se que seriam necessários estudos adicionais, que pudessem revelar aspectos de uma possível não adaptação às aulas presenciais. Nota-se que de acordo com os pais, as crianças pesquisadas apresentaram algum sinal ou sintoma de desconforto durante as aulas, que podem ou não significar um problema de adaptação.

Em relação aos problemas sobre as orientações recebidas pela escola, 38,46% respondeu que existiram problemas que não foram solucionados pela escola. E durante a primeira semana 23,07 % dos pais mencionaram que seus filhos tiveram experiências de algum tipo de desconforto. Essas experiências serão analisadas a seguir considerando os sinais e sintomas apresentados.

Entende-se que “O período de adaptação escolar é muito delicado tanto para as crianças, quanto para seus familiares, que costumam sentir uma certa insegurança e ansiedade ao deixar os pequenos aos cuidados de outras pessoas” (Augusto Cury, 2022). Todos os educandos apresentaram pelo menos um ou mais sintomas, sejam eles de ansiedade, falta de concentração, medo, entre outros. Assim a presença dos pais é essencial na vida de qualquer criança. Deste modo, os responsáveis podem ter controle de tudo o que está ocorrendo na vida das crianças.

Tabela 9 – Sinais e sintomas que foram observados na criança durante o período escolar

Sintomas	Frequência observada (%)
Tensão muscular	0
Dores no corpo	2,44
Tem medos irracionais	4,88
Fobias	2,44
Evita algumas atividades	9,76
Falta de ar	0
Respiração superficial	0
Suor (mais que o normal)	2,44
Dificuldade de falar	0
Tremores	0
Dificuldade de concentração	17,07
Preocupação constante	4,88
Euforia	4,88
Apatia	2,44
Irritabilidade	7,32
Insônia	2,44
Mudanças de humor	2,44
Ansiedade	9,76
Depressão	0
Nervosismo	4,88
Mudanças de humor	2,44
Hiperatividade “não fica quieta”	7,32
Estresse	2,44

Tabela 9 – Sinais e sintomas que foram observados na criança durante o período escolar

Sintomas	Frequência observada (%)
Choro	2,44
Birra	7,32
Outros sintomas não citados	0
Outras respostas	0

Fonte: Dados produzidos pela autora, 2022.

Os sinais e sintomas mais observados pelos pais foram a dificuldade de concentração (17,07%), evitar atividades (9,76%), a ansiedade (9,76%), a birra (7,32%) e a hiperatividade (7,32%). Entende-se que a dificuldade de concentração pode ser causada por vários motivos diferentes, um deles quando existem fatores externos que tiram a atenção do educando, por exemplo quando o ambiente de estudo não é adequado.

E em outros casos quando o educando tem dificuldade em se concentrar, pode estar demonstrando uma deficiência cognitiva, o que pode levar a uma dificuldade de entender as atividades e ultimamente desinteresse nas atividades escolares. Outro ponto mencionado por Frota *et al.* (2009) foi em relação a alimentação,

Observou-se que as crianças desnutridas ou com carência alimentar possuem dificuldades de assimilação e que a fome dificulta a capacidade de concentração comprometendo o rendimento... mediante prática dos autores, percebeu-se, na sala de aula, que crianças com dificuldade em concentração, problemas com a coordenação motora e comprometimento na aquisição/formulação do conhecimento, possuem alimentação insuficiente e inadequada. (FROTA *et al.*, 2009).

Segundo a OMS, Organização Mundial da saúde, um dos principais motivos para falta de concentração é o cansaço mental, normalmente aliado ao estresse. O ritmo de trabalho/escolar atual, com suas condições ambientais, tarefas e frequentes estímulos, ultrapassa os limites do corpo e da mente. Em relação a evitar atividades, os pais relataram que pelo menos uma vez as crianças se negaram a desenvolver alguma atividade pedagógica. Entende-se que, quando a criança se nega a fazer uma atividade por repetidas vezes, requer um olhar especial de todos (pais, educadores e o próprio educando), pois normalmente a criança gosta de estudar e de aprender.

De acordo com os pais, 9,76% dos educandos sofreram de ansiedade durante o período de adaptação escolar. A ansiedade é caracterizada por uma série de sintomas, incluindo preocupação constante. Dependendo dos motivos e da intensidade das preocupações, tensões e medos demonstrados, pode se tornar um caso patológico. A ansiedade também é caracterizada por sintomas físicos como batidas do coração aceleradas, sudorese, aperto no peito, tensão muscular, dores de estômago e de cabeça, tontura e insônia.

O sintoma da birra foi mencionado por 7,32% dos pais dos educandos, sendo que às vezes a criança não domina completamente a linguagem verbal, não sabendo como lidar com suas frustrações, isso significa que ela não consegue resolver o problema e encontra na birra a forma de chamar a atenção.

Os pais pesquisados relataram que 7,32% dos educandos demonstraram hiperatividade durante o período escolar. Considerando que a hiperatividade infantil é uma condição que sempre vem acompanhada de agitação e impulsividade, em que a criança se mostra mais agitada do que as outras da mesma idade, fazendo com que ela tenha dificuldade para se concentrar, terminar as atividades ou fazer as tarefas escolares.

Importante notar que as crianças são naturalmente mais energéticas e agitadas que os adultos, porque a criança não consegue controlar seus impulsos e exterioriza essa vontade no movimento. Quando a agitação da criança no início do ano letivo é diferente das outras, é quando o sintoma requer atenção, pois influência no comportamento não só dele, mas da classe, dessa maneira influenciando na formação dos relacionamentos escolares, e conseqüentemente influenciando sua adaptação.

Os pais também relataram os seguintes sinais e sintomas: o medo irracional (4,88%), a preocupação constante (4,88%), euforia (4,88%), mudança de humor (2,44%), nervosismo (4,88%). De acordo com Teixeira (2019), o medo irracional costuma ser ilógico e antecipado, geralmente, vem acompanhado de ansiedade e não tem uma justificativa plausível. Ele altera a visão da realidade e pode trazer prejuízos para a vida afetiva, social. Palone (2022), aprofundando menciona que,

Como é difícil para todos nós lidarmos com a insegurança e o medo do novo! Imagine para uma criança que nunca saiu de casa sem os pais, que sempre esteve em companhia da família e, de repente, vê-se em um ambiente estranho, cheio de crianças que ela nunca viu e de "umas moças" diferentes (PALLONE, 2022, s/p.).

O sintoma da preocupação constante foi mencionado por 4,88% dos pesquisados e pode ser considerado como um sinal de alerta, pois a preocupação excessiva pode estar ligada diretamente ao estresse, aumentando os níveis de hormônios como cortisol, adrenalina e noradrenalina, potencializando casos de hipertensão e arritmias cardíacas. Notando que se as preocupações da criança são oriundas da escola, denota a importância de uma adaptação sem problemas, pois poderá ter consequências físicas e sérias complicações posteriormente.

De acordo com a pesquisa, 4,88% dos pais relataram que seus filhos expressaram sentimentos de euforia durante o processo de adaptação escolar. Notando que se sentir feliz, com alegria e otimismo são sentimentos inerentes da criança, o problema é denotado quando tal sentimento é demasiado, ou quando sentimentos antagônicos ou de descontentamento são consecutivos sem uma explicação lógica. Nesse caso, esses sentimentos podem estar direcionando esses sintomas a existência de um distúrbio, tal como o bipolar. Segundo Tuchlinski, comentando sobre a bipolaridade,

[...] apresenta uma alegria excessiva, fora do normal. A pessoa tem uma sensação de felicidade intensa e ri desproporcionalmente para coisas que não são engraçadas. Ideias de grandeza e pensar que é maior do que os outros também fazem parte dos comportamentos de quem tem bipolaridade. “A pessoa também tem pensamentos e atitudes aceleradas, quer fazer muitas coisas ao mesmo tempo, tem pouca necessidade de sono, dorme poucas horas e não tem sonolência diurna. Devido a essa sensação, até de irritabilidade, começa a fazer coisas erradas”, segundo Louzã. (TUCHLINSKI, 2019).

Nota-se que a euforia demasiada, pode afetar no acompanhamento das atividades, afetando a adaptação do educando.

Mudança de humor nos educandos foram relatados por 2,44% dos pais pesquisados. Essas mudanças de humor, geralmente, podem estar relacionadas ao crescimento e amadurecimento normal infantil, como por exemplo, reagindo ao sentimento de frustração ao se depararem com limites e regras impostas pelos pais. Mas o acompanhamento dessas mudanças de humor se faz necessário. De acordo com Cury (2019),

[...] é bom compreender de perto essas modificações. Afinal, a criança pode estar vivenciando **medos** em relação à escola, **dificuldades** de aprendizagem ou mesmo **conflitos** com os novos amiguinhos, mas pode ser também apenas uma característica individual como aquele mau humor matinal ao acordar, por exemplo.” ... Sugerindo que entendendo os motivos

se torna possível interpretar o comportamento da criança e ajudá-la a enfrentar esse período de instabilidade emocional. Notando que o mau humor constante por parte do educando, pode ser um sinal de alerta de que o mesmo necessita de ajuda de um profissional especializado. (CURY, 2019, s.p.).

Dos pais pesquisados, 2,44% mencionaram como um dos sinais observados o **choro**, que na idade pesquisada pode ter causas emocionais ou físicas, tais como medo, raiva, desconforto, fome, dor, entre outros. Sendo que o choro representa para a psicologia um reflexo psicológico, resultante da interação entre as áreas que regulam a experiência consciente das emoções internas e das respostas fisiológicas possibilitando a auto regulação. Nota se que um excesso de choro pode denotar um distúrbio clínico específico e que deve ser encaminhado a um profissional.

De acordo com a pesquisa, 2,44% dos pais mencionaram que seus filhos apresentaram pelo menos um dos sintomas físicos como dores no corpo e sudorese. Entende se que são esses sintomas podem ser manifestações físicas da ansiedade.

Os pais pesquisados relataram que 2,44% dos educandos sofreram de insônia durante o período de adaptação escolar. Nota se que no período pesquisado, as rotinas das famílias estavam alteradas pela pandemia. Nota se que a rotina da criança está relacionada diretamente ao seu sono, merecendo a atenção dos pais para não afetar no desenvolvimento dela.

Quando a **insônia** é prolongada, e não sendo relacionada à rotina, pode haver a necessidade da ajuda de um profissional. Segundo a Sociedade de Pediatria de São Paulo (2022, s.p.), “A privação de sono pode provocar, por exemplo, menor atenção às aulas, menor concentração e maior chance de erros”. A insônia pode e também interferir na liberação de hormônios relacionados ao crescimento, o que em situações severas pode comprometer o desenvolvimento intelectual saudável das crianças. Dessa maneira ratifica a importância do sono e seus efeitos e influências na adaptação.

Em relação ao **sintoma/sinal fobia**, foi relatado a existência de casos. Notamos que o medo está relacionado à ansiedade, o que é uma reação comum e saudável, independentemente da idade. Sendo a fobia, uma evolução da ansiedade e do medo sendo uma combinação de medo extremo, persistente e severo, e com uma ansiedade duradoura e mais intensa. O que indica que essa fobia relatada já era existente, anteriormente ao período de adaptação escolar. Se alguma fobia foi originada nesse período de adaptação, ela somente será confirmada como fobia

depois de um período extenso de tempo, de aproximadamente seis meses, segundo DSM V (2014).

Em relação ao sintoma **estresse infantil**, 2,44% dos pais relataram ter notado esse sintoma em seus filhos. Notando que o estresse infantil pode ter várias causas, incluindo separação dos pais, pois ainda não tem maturidade para lidar com essa situação de adaptação. O estresse infantil pode também ser externalizado em uma série de sinais e sintomas de desconforto físicos e emocionais.

Em relação a **apatia**, 2,44% dos pesquisados relataram esses sentimentos em seus filhos, sendo uma condição psicológica designada por um estado emocional de indiferença, externalizada como falta de emoção e motivação perante situações. Podendo também ter manifestações físicas como o desgaste físico, desesperança, fraqueza muscular, desânimo e letargia. Importante notar o sentimento de apatia, em determinada situação pode ser considerado normal, dependendo do estado psicológico da criança no momento. Mas é um comportamento que deve ser acompanhado e entendido dependendo de sua frequência e intensidade.

O **sintoma da depressão** não foi mencionado por nenhum dos pais pesquisados, mas é um assunto de muita importância na realidade escolar. Notando que é na escola que as crianças vivenciam grande parte de suas experiências da infância. Sendo a depressão um transtorno do humor caracterizado pela incapacidade de sentir prazer, é bem mais complexo do que episódios comuns de tristeza. Segundo Pimenta (2020), a criança se torna mais quieta, mais desinteressada e mais volúvel. Suas emoções oscilam, tornando seu comportamento confuso. Mas, para os pais, essa mudança no modo de agir pode ser vista como “apenas uma fase” do crescimento.

Nota-se que no período de adaptação escolar, algumas crianças podem desenvolver comportamentos tímidos naturais, que aos poucos vão desaparecendo ao se familiarizar com o ambiente e com as pessoas. E enfatizando que o ambiente deve ser acolhedor, respeite as diferenças de cada educando para evitar que nesse processo o educando se sinta excluído, iniciando um processo de depressão. Pode também ocorrer de os educandos já estarem deprimidos antes de sua adaptação na escola, nesse caso o relacionamento dos pais e educadores é fundamental para dar o apoio e acompanhamento necessário ao educando em todos os lugares.

O sintoma **dificuldade de falar** não foi mencionado por nenhum pai nos resultados, mas podem acontecer na realidade escolar. Deve se notar se o episódio é um acontecimento único ou repetitivo, refletindo uma situação de desconforto, estresse e ansiedade perante uma situação, caracterizando essa dificuldade de falar por problemas emocionais. Esse sintoma deve ser analisado porque pode potencialmente se tornar um episódio traumático para o educando. Em outros casos, a dificuldade de falar pode ser por condições médicas físicas, onde o educando precisa de uma avaliação de uma Neuropediatra ou Fonoaudióloga.

Importante notar que na adaptação escolar, o educador deve estar sempre atento e ter controle e domínio da classe, para que se um episódio de dificuldades na fala acontece, controlar o ambiente e os colegas, porque se o ambiente é hostil, a situação se torna ainda mais desconfortável e traumática.

Apesar dos sintomas de **tensão muscular**, falta de ar, respiração superficial, tremores não terem sido mencionados pelos pais, como observados em seus filhos, isso não significa que esses sintomas não foram apresentados, pois os pais não estão com seus filhos o tempo integral e esses sintomas físicos podem ser esporádicos e de curta duração de tempo.

Os pais ou cuidadores dos educandos da EI não incluíram sinais e sintomas além dos já mencionados na pesquisa. Em relação ao sistema de educação, 53,84% dos pais pesquisados acreditam que o sistema presencial trouxe mais vantagens no aprendizado de seus filhos, e que proporcionou melhores condições para eles desenvolverem suas potencialidades.

Enquanto 23,07% optaram pelo sistema virtual, acreditando que a introdução do educando no mundo virtual, ensinando a ele novas tecnologias e procedimentos, conforme citado por GP3, "*Utilização e envio de meios audiovisuais para os estudos (principalmente powerpoint), app com informações, prazos e possibilidade de submissão de trabalhos, contato por e-mail diretamente com professores*". Notando também que o sistema digital proporciona aos pais um acompanhamento maior no desenvolvimento de aprendizagem do educando, e uma melhor comunicação entre todas as partes. Sendo que quanto melhor o relacionamento entre eles, melhor o acompanhamento e o suporte para o educando, nos possíveis problemas de adaptação.

Dessa maneira, o período pandêmico exigiu mudanças no sistema educacional, e algumas dessas mudanças podem ser consideradas como melhorias, e provavelmente continuarão a ser parte do novo sistema de ensino.

Provavelmente, com o retorno às aulas presenciais permanentemente, no fim da pandemia, o sistema não será exatamente como era no período anterior a pandemia, e de acordo com Alves (2020),

Pelas orientações da Organização Mundial de Saúde (WHO, 2020) que recomendou o isolamento e tratamento dos casos identificados, testes massivos e distanciamento social para a população. Esta última ação atingiu de forma significativa estudantes, pais e professores dos distintos níveis de educação, gerando um sentimento de confusão, dúvidas e angústias frente a necessidade de se manterem em casa, afastados dos espaços escolares e, conseqüentemente, das dinâmicas de interação social que se constituem em um aspecto importante para o desenvolvimento do ser humano, especialmente infantil. (ALVES, 2020, p. 478).

Em resposta à existência de problemas de adaptação, 23,07 % dos pais mencionaram que seus filhos apresentaram algum problema de adaptação, durante o período escolar, mas que foram resolvidos juntamente com a equipe pedagógica. Segundo Dias *et al.*, (2018):

[...]o diálogo dos professores com a família ganha destaque no desenvolvimento emocional da criança, podendo esta ser encorajada a tornar-se parcialmente autônoma em relação à dependência dos adultos, a aprender a resolver conflitos, a ser curiosa, a confiar em si mesma e a exprimir suas ideias, medos e angústias. Tudo isso sem perder o controle e o cuidado para com as mesmas. (DIAS *et al.*, 2018, p. 3).

Em relação às dificuldades encontradas, 23,07 % dos educandos demonstraram falta de concentração, enquanto 23,07% mencionaram falta de interesse nas classes. Segundo Tonche (2014), o desinteresse dos educandos pode ter origem na estrutura, investimento invertido em cobrança e nos relacionamentos familiares.

[...] no contexto educacional, o que se pode observar é uma falta de interesse do educando e da família, pois, muitos pais trabalham ... ao chegarem em casa não procuram saber dos filhos, como foi o dia escolar, se tem lição a ser feita, ou seja, não há cobrança e comprometimento com as tarefas passadas pelos professores, o que ocasiona nos filhos uma falta de interesse e motivação pelo aprendizado escolar. (TONCHE, 2014).

Importante notar que a criança responde mais quando percebe o interesse genuíno do que a cobrança; esse ponto de vista, não representa a realidade de todas as famílias. Durante a implementação do novo sistema de educação, toda a comunidade escolar estava se adaptando, aprendendo novas metodologias. E para o sistema funcionar eficientemente, necessita a formação de bons relacionamentos e comunicação entre as partes, processo que pode levar um tempo. Por exemplo, para a idade pesquisada, se torna difícil para o educador e o educando formarem um relacionamento, somente através da tela do computador, sem nunca ter encontrado pessoalmente, como exemplificado por GP2 mencionando “*A falta de convivência em sala de aula e de que a professora também estava vivendo um momento novo em ensinar on-line*”. No entanto, Rosa (2020) nos diz que a

[...] falta de experiência dos educadores no novo sistema, pois o novo sistema tem proposta pedagógica de educação diferenciada e “ofertada por meios tecnológicos sempre trouxe alguns obstáculos, principalmente pela falta de preparo/capacitação dos professores no manuseio de suportes tecnológicos. (ROSA, 2020, p.1).

Observa-se que a falta de interação e o relacionamento entre os educandos e seus educadores podem fazer diferença na qualidade de ensino esperado. E na idade pesquisada, o relacionamento entre os pais e o educador também. Em relação à socialização do educando durante o período escolar, 23,07% dos pais consideram a existência de problemas na socialização de seus filhos. Nas aulas virtuais, eles não tinham contato com seus colegas, enquanto nas aulas presenciais os relacionamentos eram mais distantes devido às restrições e protocolos de segurança pandêmicos. Exemplificado por GE7, mencionado “*Falta de socialização com os coleguinhas*”. Sendo que um bom relacionamento entre os educandos é vital para a aprendizagem e desenvolvimento da criança em uma adaptação sem problemas.

4.3 Grupo focal: adaptação infantil à escola

GFP (grupo focal de Pais) e GFE (grupo focal de educadores).

O grupo focal (GF) é uma técnica utilizada em pesquisas com objetivo de coletar informações através da interação do grupo. Neste trabalho utilizou-se como método o GF, devido a sua praticidade de aplicabilidade em tempos pandêmicos.

Segundo Morgan (1997), o GF é um método de pesquisa com origem na técnica de entrevista em grupo. Segundo a mesma autora, sinaliza para observar os objetivos e os dados oferecidos no GF.

O grupo focal é uma das ferramentas utilizadas para analisar e entender a adaptação infantil à escola. Foram realizados: um grupo com os pais e outro com educadores. Os eventos foram programados para ter a duração de uma hora, e o número de participantes era em aberto, sendo que para cada grupo, dependeu da viabilidade das pessoas que receberam o convite para participar, através da técnica conhecida como bola de nove.

O critério de seleção do perfil dos participantes era de pais de crianças com cinco e seis anos que estivessem matriculadas nas escolas, e educadores de crianças desta mesma faixa etária.

Os encontros do grupo focal aconteceram através da plataforma *Google Meet*, contando com um moderador para informar as orientações na abertura da reunião sobre o tema, tempo de duração, apresentação do grupo, e a dinâmica das apresentações. A seguir, foi feito o processamento dos dados e análise das falas.

No dia 24 de junho de 2021, às 20h, via *Google Meet*, foi realizado o encontro de educadores. O tema dos encontros: “adaptação dos educandos da educação infantil em tempos de pandemia”, contou com a participação de oito educadores e outros convidados.

Neste encontro eles colocaram o seu ponto de vista em relação a adaptação da comunidade escolar ao novo sistema. Esse grupo focal teve a duração de duas horas. Os tópicos mencionados no encontro estão sendo apresentados abaixo. Apesar de serem sugeridos em uma ordem lógica, cada participante teve a oportunidade de expressar seus pensamentos, dessa maneira a ordem descrita abaixo não necessariamente é a mesma em que foram apresentados no grupo focal.

No dia 9 de junho de 2021, às 20h, via *Google Meet*, foi realizado o primeiro encontro dos pais que receberam o convite via internet, por e-mail ou *WhatsApp*. O encontro teve a duração de uma hora e trinta minutos. O tema dos encontros: “adaptação dos filhos na educação infantil em tempos de pandemia”, contou com a participação de dez pais e outros convidados. Segundo Trad (2009):

[...] em que adotamos os grupos focais, estes demonstraram ser espaços privilegiados de discussão e de trocas de experiências em torno de determinada temática. Seu formato estimulava o debate entre os

participantes, permitindo que os temas abordados fossem mais problematizados que numa situação de entrevista individual. (TRAD, 2009, p. 792).

Devido a pandemia, o sistema educacional passou a utilizar a modalidade de ensino híbrida, onde os estudantes tinham aulas remotas e presenciais simultaneamente. Segundo Siqueira (2021, s/p) “a pandemia impôs mais uma lacuna aos estudantes de baixa renda, já que agora, para acompanhar as aulas, são necessários equipamentos adequados e acesso à internet” e segundo GP8: “*Que a educação repasse por novos critérios de avaliação, para que alunos carentes de dúvidas e de ensinamentos, não sejam prejudicados no futuro por não terem acesso à internet e a equipamentos tecnológicos*”.

A implementação desse sistema virtual/remoto causou dúvidas e indecisões, para toda a comunidade escolar, tornando primordial para o processo de aprendizagem uma boa interação e comunicação entre todos.

Em relação à implementação, nota-se que o sistema de educação virtual está diretamente relacionado à situação socioeconômica cultural dos envolvidos. Pela parte da escola, essa implementação incluiu orientações, treinamento, e em alguns casos oferecer o equipamento e o acesso à tecnologia para o educador.

Para muitas famílias esse processo representou um grande desafio, somente para possibilitar o acesso às aulas pelos filhos. O primeiro ponto a ser considerado foram as dificuldades de acesso à tecnologia, observando que no Brasil, de acordo com o Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação – CETIC, 46 milhões de brasileiros são excluídos digitalmente, e suas crianças não têm acesso à internet ou equipamento necessário para as aulas. Em alguns casos, as escolas providenciaram um telefone celular para o educando poder assistir às aulas virtuais.

As escolas também foram responsáveis em providenciar o treinamento dos pais/responsáveis para aprender a trabalhar nas plataformas utilizadas pelo sistema. Segundo GFP2 “[...] *já estou trabalhando há um ano e meio, de trabalho home office, e assim tempo integral com os filhos, que estão afastados da escola devido a pandemia*”.

Nota-se que para a idade estudada, o educando necessita de acompanhamento durante todo o período das classes, cabendo aos pais a necessidade de organizar e oferecer não somente um ambiente propício para o filho

assistir às aulas, mas também disponibilidade de horário ou alguém para acompanhá-lo durante as aulas.

Considerando todas as dificuldades na implementação, é importante notar que esse período é o mesmo período de adaptação para toda a comunidade escolar, onde as partes estão aprendendo o sistema e lidando com uma série de problemas, sejam eles de estrutura, tecnologia juntamente com possíveis problemas que o educando esteja demonstrando emocionalmente.

Em outros casos, os pais não tinham condições de oferecer ao educando um computador ou telefone com internet, condição mínima para participação na sala de aula. GFP3 “[...] *na escola de meu filho, nos organizamos para ajudar quem não tinha celular para assistir as aulas [...]*”, GFP4 “*quando não entendo alguma coisa vou no grupo de mães do WhatsApp e pergunto...!*”

Dessa forma se torna fundamental para uma boa adaptação do educando, um triângulo de relacionamento e de comunicação, entre o educando, o educador e seus pais. Observando que plataformas como *WhatsApp*, *Facebook* e e-mails facilitaram muito esse relacionamento, principalmente entre os pais e educadores. Apesar dessas plataformas, considerando a idade pesquisada, o processo de aprendizagem se tornou muito dependente do pai/acompanhante. Analisando esse triângulo de relacionamento, nota-se que a mudança do sistema de educação, reestruturou a dinâmica e o processo de aprendizagem.

O relacionamento do pai com o educando proporcionou um acompanhamento maior por parte dos pais no processo de aprendizagem, e uma participação maior em seu processo de adaptação. Conforme mencionado anteriormente, o relacionamento dos pais e educadores, foi melhorado visando um acompanhamento melhor do processo de aprendizagem do educando. Mas para o relacionamento entre crianças e educador, ficou mais distante, devido ao fato do educador ser somente mais uma face na tela. O papel do educador foi reduzido, dificultando a criação de um relacionamento de afetividade.

Importante notar também que o relacionamento do educando com seu acompanhador, vai respeitar as dinâmicas existentes dentro do convívio em família, interferindo em vários pontos que podem influenciar na adaptação às aulas, incluindo aceitação de regras, entre outros.

Outro ponto primordial é em relação aos relacionamentos com seus colegas de aula, notando que o sistema virtual não proporciona uma boa socialização da

criança, o que faz parte de seu processo de aprendizagem e facilita na adaptação. Observando também que a participação na aula se torna mais restrita.

Para atender e participar nas aulas virtuais, a criança necessita de um ambiente propício para aprendizagem, idealmente livre de distúrbios sonoros e intervenções alheias. Considerando a realidade pandêmica, esse ponto se tornou outro desafio, não somente para os pais, mas também para os educadores, principalmente em famílias com mais de uma criança em idade escolar ou em famílias com cômodos reduzidos que precisavam ser divididos não somente com os familiares, às vezes trabalhando em home office, mas também com outros irmãos com aulas virtuais. Nessas famílias, o aparato tecnológico como computadores e/ou tablets/ celulares juntamente com internet de pouca velocidade também se tornaram problemas a serem superados.

Os distúrbios provenientes de situações como essas, podem influenciar no acompanhamento das aulas pelas crianças, levando a falta de concentração, que por sua vez, pode levar ao não acompanhamento ou compreensão das atividades propostas. Observando que esses acontecimentos em cadeia, também levam ao desinteresse, apatia, preguiça entre outros.

Esses comportamentos também são prejudiciais na formação dos relacionamentos necessários para a sua socialização. Segundo a GFP1: *“a importância deste momento, de conversarmos com os professores, sobre nossas preocupações, diante desta realidade”*.

Segundo os pais presentes, uma comunicação entre eles e escola se tornou necessária, e essa interação proporcionou um processo de aprendizado melhor. Considerando todas as mudanças, toda a comunidade escolar precisou se adaptar. Além disso, os pais também tiveram de se adaptar à nova realidade, em que seu papel na alfabetização dos filhos foi ampliado.

Com as aulas remotas os educandos precisaram se adaptar às aulas em casa, prestando atenção ao educador na tela e ao mesmo tempo sendo orientado por um membro da família, sem ou com pouco contato ou interação com seus colegas. A escola, em nome da equipe diretiva, *“[...] também tiveram que se adaptar às novas formas de educar [...]”*, segundo a GFE1, com a missão de proporcionar acesso às crianças às atividades pedagógicas e de trabalhar com os pais no processo de aprendizagem. Um dos problemas mais citados foi a conexão, segundo GFP2 *“Agora já dei uma melhorada na internet em casa. E da turma dele, que são*

quinze, só dois estão em casa, e o problema das interferências é bastante recorrente”.

Segundo Cavalcante, (1998),

proponho que professores, pedagogos, diretores, psicólogos escolares e outros profissionais ligados à escola encarem as famílias dos alunos como aliados no processo educacional. Somente através da valorização das famílias e do desenvolvimento de parcerias com os pais dos alunos é que a escola poderá fornecer uma educação mais relevante e significativa (CAVALCANTE, 1998, p.7).

A adaptação é uma palavra muito relevante, no momento, considerando todas as mudanças que ocorreram durante a realidade pandêmica. Toda a sociedade teve que se adaptar a novas regras sociais, novos procedimentos de higiene pessoal, dentre outras. As rotinas foram alteradas, incluindo os ambientes de trabalho e a realidade de cada casa. De acordo com Cavalcante (2016), entender o acolhimento dentro deste processo de adaptação, e segundo o GFP4 *“As mães tiveram que se adaptar mais que os pais, por causa da educação escolar dos filhos.”*, segundo GFP5 *“Além do computador a criança tem que se adaptar, os pais imprimir as folhinhas!”* e segundo GFE4 *“No começo da aula todos querem falar e mostrar suas atividades via remoto, o que dá uma reação nos cinco primeiros minutos.”*.

Para o sistema educacional a alfabetização se tornou remota, aumentando o tempo de tela, também utilizada para o lazer. De acordo com a GFP 7 o aluno teve aula todos os dias da semana das 13h30min às 17h30min, e para Garcia (2021):

[...] as restrições sociais necessárias para reduzir a propagação de COVID-19 aumentaram o comportamento sedentário das crianças, dentre eles, o tempo de tela. Tal fator, somado à alteração de padrão alimentar, sono e redução de atividades físicas, pode favorecer alterações cardiometabólicas e psicológicas. Ademais, é válido destacar que o aumento do acesso à internet, adesão e dependência dos equipamentos digitais não necessariamente se encerrarão ao fim da pandemia, o que pode impactar ainda mais negativamente a saúde das crianças (GARCIA, 2021, p. 382).

Uma das mães relatou sobre o sofrimento da família, em termos de saúde mental, devido à grande quantidade de notícias emitidas pelos meios de comunicação. Nota-se que até mesmo para os adultos que têm a capacidade de processar e filtrar a informação, foi um desafio lidar com estas informações, e muitos estavam em terapia desde o início da pandemia.

Entende-se que as informações divulgadas nos meios de comunicação causaram medos e incertezas, para todos, inclusive para as crianças (como já foi citado). Observa-se que a criança recebe a informação, mas não tem estrutura ou mecanismos para lidar com esta informação, e suas reações perante ao medo, insegurança, ansiedade são respostas involuntárias de seu mecanismo de defesa.

Na idade pesquisada, elas ainda estão aprendendo a expressar seus sentimentos. Como resultado, as crianças começaram a sofrer de medos que podem se transformar em fobias posteriormente, tais como agorafobia, germofobia, afefobia, automisofobia, claustrofobia, entre outros. Esses sentimentos são demonstrados pelas crianças que têm medo de sair na rua, de serem tocadas, de tocar, dentre outros, temendo serem contaminadas e conseqüentemente contaminarem as suas famílias.

Segundo os participantes GF1, GF4 e GF8, as crianças demonstraram ansiedade através de atitudes, sentimentos e comportamentos diante de determinadas situações. Apresentando sinais e sintomas psicológicos, tais como: medo, irritabilidade, dificuldade de concentração, falta de interesse, dificuldade de se expressar, insegurança, entre outros. Demonstraram também sinais e sintomas físicos, tais como: choro, insônia, tremores, sudorese, nervosismo, problemas estomacais e intestinais, entre outros.

Segundo a GFP6 “[...] ” *como meu filho vai falar com os coleguinhas agora?*”. *Ele fica sozinho na sala virtual, porque alguns coleguinhas estão na sala de aula presencial e conversam, mas não tenho coragem de mandar para escola!”.*

Outro ponto importante mencionado foi além da relação a interação social, o distanciamento social juntamente com o tempo de tela ampliado. As crianças que retornaram às aulas presenciais tiveram que respeitar regras de convivência, limitações de espaços e interação. A socialização e interação com os colegas é fundamental para o desenvolvimento infantil.

Houve ainda aqueles que não retornaram à escola nem na modalidade “híbrida”, permanecendo exclusivamente a distância. Ainda não se tem estudos para saber se essa introdução ao mundo tecnológico e digital vai ser um fator positivo no desenvolvimento ou se foi um processo forçado e de certa maneira precoce para idade estudada, de 4 e 5 anos.

Considerando que durante a pandemia toda a sociedade teve que se adaptar a novas rotinas, dependendo da situação da doença em cada lugar. Essas rotinas

alteradas influenciaram não somente a escola, mas também as residências dos pais, educandos e educadores. Cada educando teve que se adaptar à realidade de sua casa e de sua escola, alguns tendo aulas remotas (modalidade de ensino remoto emergencial, ou ensinando a distância) enquanto outros tiveram aulas alternadas com presenciais (modalidade de ensino híbrido).

Assim, identificar as rotinas domésticas das crianças em isolamento e distanciamento social para compreender o comportamento das famílias, e posteriormente intervir com estratégias específicas que se tornam fundamentais na minimização dos efeitos negativos de um confinamento prolongado.

Em relação à aprendizagem de uma criança em ensino remoto, foi mencionado que a responsabilidade da educação e da alfabetização, foi dividida entre o educador e o cuidador. Nota-se que muitos pais e/ou cuidadores, não tinham a fundamentação teórica ou até mesmo condições emocionais, tendo que administrar seu tempo para acompanhar o próprio filho em processo de aprendizagem.

Note-se também, que segundo os educadores pesquisados, o currículo pedagógico foi reduzido para ser desenvolvido nos programas de computador, utilizando as plataformas na internet. Foi observado pelos pais que o educador não tem condições de acompanhar simultaneamente os educandos que estão em aulas virtuais, da mesma maneira que acompanha os educandos presenciais. Dessa maneira, as crianças virtuais se tornaram indisciplinadas e não prestavam atenção nas orientações. Tendo isso em vista, em alguns casos, os pais intervieram perante a escola, e um educador foi designado para as aulas presenciais enquanto outro foi designado somente para as aulas remotas.

Os problemas de adaptação na escola podem se manifestar física e/ou psicologicamente, alguns exemplos dos sinais e sintomas físicos são: febre, diarreia, vômito, enquanto psicológicos, são: nervosismo, ansiedade, angústia, tristeza. Segundo Rebelo (2013), às relações de vinculação seguras são atendidas por pessoas que atendem as necessidades das crianças e promovem a aprendizagem emocional. No entanto, quando a criança apresenta dificuldades no processo de adaptação escolar, uma complexidade de situações pode estar conectada à sua origem.

A criança pode estar demonstrando um problema em seu desenvolvimento, seja cognitivo, físico, social, emocional, cultural e psicossocial, assim o

desenvolvimento infantil está pautado na interação com o meio, segundo Vygotsky a criança aprende e depois se desenvolve, este desenvolvimento se dá pela aquisição e aprendizagem de tudo aquilo que vive socialmente, em especial com sua família.

O Transtorno de Adaptação é um distúrbio muito frequente na educação Infantil, o que é perceptível na prática diária dos atendimentos. Por este motivo, entende-se que partindo dos sintomas comuns desvelamos o enredamento de vários sofrimentos e seus entornos. Considerando que a idade que a criança tem que se matricular na escola, aos 4 anos, é muito precoce, sugere que um estudo mais aprofundado poderia ser feito visando analisar, refletir e identificar os efeitos da virtualidade e presencialidade nesta etapa no desenvolvimento do educando.

Portanto, as crianças podem levar para sua vida, junto na conduta o sofrimento dos problemas sofridos neste período de adaptação, podem Segundo Hatchet (2006):

Os critérios de adaptação escolar para cada criança se baseiam não apenas no sucesso, mas também e principalmente na ausência de distúrbios de caráter que possam perturbar a tranquilidade do ambiente” ...“Ao criar o impasse ante aquilo que compõe a identidade da criança como sujeito, a saber, seu desejo, a sociedade se obstina a não ouvir o verdadeiro sofrimento que se esconde por trás do sintoma ou de seu "distúrbio de conduta", o qual está longe de poder ser reduzido a fatores químicos, hereditários ou genéticos (HATCHET, 2006).

5 DESCRIÇÃO DE PRODUTOS TÉCNICOS

Considera-se que um produto técnico deve ter uma forma de organização com diretrizes que possam ser implementadas na prática, e que possa auxiliar as pessoas num determinado problema. De acordo com esses indicativos, desenvolvemos dois produtos técnicos: um livro infantil (APÊNDICE C) questionando as crianças sobre problemas de adaptação, propondo questões que podem ser trabalhadas tanto com auxílio dos pais ou profissionais. E o segundo produto foi um baralho infantil (APÊNDICE D) que tem como função investigar a existência do problema e os sinais e sintomas da adaptação do educando na escola. Questionando a criança de uma maneira informal na linguagem da mesma, procurando identificar sinais de problemas de adaptação.

Esses produtos visam ajudar a refletir sobre o problema da não adaptação que pode ser incluída no dia a dia dos envolvidos, sendo utilizados como um instrumento auxiliar na metodologia da identificação do problema e também oferecendo auxílio na solução. Consideramos que esses produtos são inéditos e podem inovar, além de disseminarem conhecimento. O livro infantil é destinado a crianças a partir dos quatro anos de idade, trazendo um exemplo fictício de não adaptação, trabalhando os sintomas e apresentando sugestões, de uma forma lúdica e acessível, que auxiliem na melhora do problema. Ele é relacionado com a realidade escolar em termos de implementação, podendo ser trabalhado de maneira presencial ou virtual.

Dessa maneira, oferecendo um auxílio livre de custo, de fácil acesso e disponível a todos os interessados na internet. Segundo Dagnino (2020), a tecnologia social é todo produto, método, processo técnico criado para solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos vocabulário acessível, venha contribuir para um problema social, de baixo custo, fácil aplicabilidade e replicabilidade, e impacto social comprovado. Também é um conjunto de técnicas metodologias transformadoras desenvolvidas e ou aplicadas na interação com a população e apropriadas ela que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida, do mesmo autor.

Considerando as diretrizes citadas, os produtos elaborados obedecem às condições necessárias para ser classificado como um produto de tecnologia social. Lembrando somente que por serem inéditos ainda não se tem impacto social

comprovado. O livro é interativo, além de pintar as ilustrações, as crianças irão sugerir textos e escrever a história da sua maneira.

O baralho trabalha o emocional das crianças ao contar sobre seus processos escolares de forma lúdica. Esse instrumento foi desenvolvido com base nas informações e sugestões recebidas nos grupos focais e nas entrevistas, dessa maneira, visando trazer auxílio nas soluções, buscando identificar os problemas e ajudar na transformação social.

Segundo Luciane Patrício (2019), os produtos técnicos surgiram por iniciativa de docentes, estudantes e/ou técnicos administrativos vinculados a diferentes departamentos. Eles articulam saberes de múltiplos campos do conhecimento, articulando saberes locais, comunitários, acadêmicos e científicos que tenham como resultado um projeto multidisciplinar. Eles devem valorizar os conhecimentos da comunidade e conter considerações em relação a administração dos problemas encontrados. Ela também afirma, sobre as contribuições proporcionadas pelas experiências:

O livro e o baralho são tecnologias que podem colaborar para o melhor desenvolvimento de políticas públicas e se dedicam à construção de formas criativas de ensino e aprendizagem, pois foram elaboradas para oferecer suporte e apoio a todos neste período de adaptação sem custo, pretende ajudar a entender e identificar os problemas de adaptação, com atividades interativas que a criança fala sobre seu processo e nomeando os sinais e sintomas que pode ser um prognósticos para atuar melhor.

Crianças de todos os segmentos sociais podem ter problemas na adaptação escolar. Utilizando os produtos técnicos, completando o livro interativo e respondendo as questões do baralho a criança se torna mais consciente da sua realidade e do seu mundo. A maneira como os produtos técnicos são aplicados, podem auxiliar as crianças a trabalharem a sua inteligência emocional, ensinando-as a conversar e trabalhar seus problemas com calma e serenidade.

As atividades interativas contribuem para o autoconhecimento da criança, no momento em que ela fala e externaliza seu sofrimento, pode-se evitar traumas posteriores e auxilia na saúde mental, contribuindo na construção de uma sociedade emocionalmente mais equilibrada e menos violenta.

No desenvolvimento desses produtos novos relacionamentos foram criados entre a universidade e a sociedade, gerando novos conhecimentos, produzindo

novas respostas visando auxiliar na prevenção ou solução dos problemas de adaptação de uma maneira inovadora e eficaz. Esse relacionamento entre a universidade e a sociedade é vital, considerando que o conhecimento acadêmico e científico produzido deve ser baseado na realidade da sociedade. Esses produtos técnicos quando difundidos tem o potencial de beneficiar a sociedade.

Esses produtos técnicos são de interesse para uma parcela da sociedade, ao mesmo tempo, podendo auxiliar na formação acadêmica de profissionais da área. De acordo com o manual da CAPES 171/2018, sobre o detalhamento de produtos, os apresentados neste trabalho são materiais didáticos. Segundo o manual da CAPES, um produto com tecnologia social, passa por um método, processo ou produto transformador, desenvolvido e/ou aplicado na interação com a população e apropriado por ela, que represente solução para inclusão social e melhoria das condições de vida e que atenda aos requisitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e replicabilidade; Cabe aos produtos: Baralho Adaptação Escolar e Livro: Adaptação Escolar da Joaquinha Lola.

Os produtos técnicos incluem os campos descritivos obrigatórios, descrição e finalidade, e serão cadastrados na Biblioteca da UNISC. O formato será impresso e virtual, e será distribuído nas escolas participantes. É importante notar que esses produtos são protótipos e não têm como solucionar por si os problemas de adaptação nos processos de ensino e aprendizagem em diferentes contextos educacionais, mas podem servir como ferramentas para o seu entendimento.

5.1 Livro “A adaptação escolar da Joaquinha Lola”

O livro infantil é uma ferramenta que foi desenvolvida na pesquisa de mestrado nomeada de: “Adaptação escolar da Joaquinha Lola” como recurso didático para conversar com crianças de 4 e 5 anos. O objetivo desta ferramenta é contribuir para a ampliação do processo lúdico e promoção de um maior engajamento dos educadores, educandos e comunidade educativa, com a possibilidade de refletir sobre a adaptação infantil.

Ao identificar os sinais e sintomas e conversar sobre eles, acredita-se numa passagem menos traumática para os envolvidos. O livro trata da adaptação de uma família de joaninhas com problemas na adaptação escolar de sua filha. Através de

uma linguagem infantil, prazerosa e acessível espera-se alertar para o problema e ajudá-los a entender o processo e buscar ajuda se necessário.

O livro contém 31 páginas com a narração deste processo de adaptação sinalizando os sinais e sintomas mais evidentes. A decoração é inédita e foi feita exclusivamente para este produto técnico. Também contém uma parte interativa com as crianças, onde cada criança tem a oportunidade de escrever sobre a sua realidade e pintar o desenho sobre aquele momento. Fica a sugestão da exposição dos livros onde as crianças são coautores. Será disponibilizado em PDF e sem custos para todas as escolas municipais de Santa Maria/RS. O educador tem a opção de imprimir só as páginas das crianças, mantendo a capa e contracapa.

5.2 Jogo Baralho

Cada peça visa trabalhar com um dos principais sintomas ou sinais de não adaptação, monitorando de maneira lúdica e interativa os sentimentos da criança, focado na identificação de ansiedades, medos e sofrimentos.

O Baralho da Adaptação contém:

- 1 Manual com orientações;
- 1 Cartão contendo as 20 cartas para serem recortadas: Cartas com sintomas esinais (meninos e meninas).

A elaboração do jogo sobre adaptação, que pode ser jogado de várias formas, ficando a critério e criatividade de cada educador ou pais das crianças. Algumas possibilidades são:

Cartas numeradas de 1 a 20 em sequência.

- a. Cada criança pega/recebe uma carta do jogo.
- b. Começa com a criança que gosta de falar ou com a carta número um. A criança que pega/recebe esta carta deve responder à pergunta, ganhando uma estrela ou salva de palmas.
- c. Todas as outras crianças podem ser voluntários a responder a mesma pergunta e ganham estrelinhas também.
- d. Depois de todos os voluntários serem ouvidos, passa para a próxima carta ou um voluntário.
- e. Repetir o processo até o final do jogo (carta final) ou educando pode delimitar o tempo.
- f. A criança que participa ganhar estrelinhas, recebe parabéns do grupo por ajudar na socialização e ter participado da atividade.
- g. Organizar para que todos falem sobre sua adaptação e levem uma

estrelinha para casa.

Observações gerais:

- A criança que não ganhar nenhum ponto, porque não participou da atividade, sugerimos que o educador crie um modo da criança comentar sobre a participação de um colega e também levar uma estrelinha para casa, a partir daí observe os sinais e sintomas desta criança;
- Não tem problema da criança repetir a resposta do colega;
- Todas as respostas são aceitas e devem ganhar ponto/estrela. Se a criança durante o jogo demonstrar sinais de nervosismo e ansiedade “anormais”, entre outros sinais podem ser encaminhados para avaliação externa;
- Se a criança não responder, não pode ser forçada a falar, nem tão pouco se sentir fragilizada, vulnerável ou com vergonha devido não ter respondido.
- Um comentário desnecessário sobre a resposta do colega, pode conversar dizendo que não é legal e que o colega não gostou.

A Professora que tem interesse no baralho ou livro é só solicitar por e-mail: morgadarodrigues@hotmail.com que será enviado o PDF.

Livro infantil: Adaptação Infantil Escolar da Joanelha LOLA. Autora Morgada e ilustrador Lutiele. Contendo páginas interativas para as crianças pintarem e construir seus textos sobre a história.

Baralho sobre Adaptação Infantil na escola para os pais e educadores (orientações e sugestões sobre o tema, com indicações de sinais e sintomas de não adaptação e orientação de quando procurar um profissional/Psicólogo), que pode servir para ajudar as crianças a falarem sobre o que estão sentindo ou que sentiram nas primeiras semanas de aula.

De acordo com os conceitos estudados, os produtos técnicos desenvolvidos no projeto são caracterizados como materiais didáticos, que trazem em sua essência o interesse na busca de sugestões para identificar e auxiliar nas soluções de eventuais problemas de não adaptação. Assim, o livro infantil para crianças de 4 e 5/6 anos, com vocabulários e gravuras adequadas a esta faixa etária, busca proporcionar uma leitura contextualizada sobre este universo infantil.

O baralho de adaptação escolar traz sugestões e orientações para os pais e os educadores, auxiliando a identificar, reconhecer os sinais e sintomas que podem ser apresentados por uma criança sofrendo de alguma maneira devido a sua

adaptação infantil escolar. As sugestões e orientações visam a ajudar a evitar gatilhos que levam a minimizar o sofrimento da não adaptação infantil escolar.

Os dois produtos técnicos apresentados na pesquisa sobre Adaptação infantil a escola: Numa perspectiva virtual e presencial, um dos produtos é um livro infantil fictício que exemplifica um caso de não adaptação, que a criança pode ou não se identificar e desta maneira entender que o problema pode ser amenizado com ajuda dos pais dos educandos e profissionais. O segundo produto é um baralho, com fichas e questionamentos sobre adaptação escolar, sendo um instrumento que pode ser utilizado para identificar problemas de adaptação. Ele pode ser usado por pais, educadores e profissionais.

Ao elaborar o baralho/Jogo de Adaptação Infantil estamos almejando oferecer uma ferramenta para os pais, educadores e profissionais da área, em que eles possam trabalhar questões psicoeducativas que possam trazer a não adaptação dos comportamentos disfuncionais em pauta, possibilitando identificar os sinais e sintomas de uma maneira informal e pedagógica.

No retorno às aulas presenciais e diminuição das aulas virtuais, alguns educandos podem apresentar problemas na sua adaptação. Dessa maneira, se torna necessário identificar os sinais e sintomas procurando evitar ou amenizar problemas mais sérios posteriormente. O jogo de baralho com diferentes situações, traz, de forma lúdica, algumas realidades desta situação escolar. O objetivo do jogo é estimular o educando a falar sobre a sua realidade, usando artifícios e comparações com uma realidade sugerida em que os problemas de adaptação estão presentes. Falando das diferentes situações vividas, trabalhamos com o sofrimento de forma adequada, reconhecendo e trabalhando com os sentimentos próprios e dos seus colegas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adaptação desempenha um importante papel biológico, psicológico, emocional e social na vida da criança. Desse modo, sinais e sintomas funcionam como um sistema de alerta e auxiliar na prevenção de problemas posteriores, incluindo a não adaptação. Se constatar sofrimento na criança, deve-se buscar orientação com um especialista.

Concluimos que para prevenir e/ou para evitar os problemas de adaptação escolar que podem potencialmente ocorrer e serem identificados através de sinais e sintomas, dando visibilidade e desvelando o enredamento de vários sofrimentos e seus entornos. Tais reflexões em conjunto com os produtos técnicos desenvolvidos servirão de auxílio no reconhecimento e na condução dos processos de adaptação infantil.

A partir do estudo sobre adaptação à escola com crianças de 4 e 5 anos buscamos identificar e compreender os indicativos de dificuldades de adaptação (sinais e sintomas) no ingresso à educação infantil, a fim de auxiliar pais e professores a pensar estratégias e meios para lidar com as possíveis adversidades que se apresentarão nesse processo e trabalhar para evitar possíveis sofrimentos.

Compreendemos que esse processo de adaptação infantil tem suas peculiaridades, investimentos e orientações. Assim, quando as crianças manifestam sinais e sintomas diversos durante esse período, é possível identificá-los. Além do choro neste período, pode existir outros tipos de expressão como o mau humor, comportamentos regressivo ou de euforia, medo, resistência à alimentação, os gritos, as birras, deitar no chão, passividade, apatia, sono, podendo ficar doente, etc, somatizando seus sentimentos em relação à separação apresentando por sintomas físicos como alergias, rinite, vômitos, dores abdominais, febre, diarreia, bronquite, menor resistente a infecções, entre outras. Estes sinais e sintomas são um modo de alertar aos pais e educadores para um maior cuidado com a saúde mental.

Sugestões de procedimentos e de estratégias de adaptação ficam evidentes, tais como as implementações no local, dependendo de cada realidade. É possível auxiliar no processo de adaptação e para isso existem vários guias (internet) que visam criar condições específicas no ensino infantil ou elaborar para escola um guia ou manual. É relevante mencionar que o assunto adaptação escolar de educandos de 4 e 5 anos é muito extensivo. O que proporcionar um planejamento e

acompanhamento melhor no processo de adaptação e aprendizagem do educando.

A acolhida deve vir cercada de uma preparação psicológica do educando pelos pais e educadores. Os pais devem demonstrar segurança e confiança na entrega. É fundamental o educador cumprimentar e receber individualmente as crianças pelo nome e observar as tarefas por grupo de interesses, sempre incentivando o relacionamento entre as crianças.

Ao organizar o espaço, criar um ambiente na sala de aula que seja inclusivo, receptivo e que valorize as diferenças entre eles valorizando a diversidade de ideias, de etnia num ambiente de respeito mútuo. A escolha das atividades, considerando a viabilidade de colocá-las em prática, respeitando as restrições, em todos os sistemas. Refletindo sobre a adaptação infantil na escola e considerando que pode causar estresse a todos envolvidos, a melhor maneira de minimizar os efeitos negativos desse processo é trabalhar em conjunto e em sintonia entre educadores e pais, visando o melhor para a criança. Também sempre que possível permitir que o educando traga à escola algum objeto de apego, Vercelli e Negrão (2019), ajudando na transição da casa para escola com um objeto familiar.

Notamos que a realidade pandêmica trouxe ansiedades, medos, isolamento social, falta de contato, falta de toque com os próximos, medo de contato com desconhecidos, medo de sair na rua, entre outros, e se não forem trabalhados estes sinais e sintomas podem trazer fobias e consequências serias na saúde mental das crianças. Quando os sinais e sintomas são identificados e trabalhados mais cedo auxilia na prevenção dos problemas.

Notamos que no ambiente escolar é possível auxiliar o processo de adaptação das crianças utilizando recursos pedagógicos educacionais. Os produtos técnicos, são pedagógicos e podem auxiliar neste processo, tanto pedagogos, psicólogos, educadores especiais, entre outros, visando criar condições específicas. Unindo a literatura existente, associações metodológicas e experiências práticas desses profissionais, nessa perspectiva de uma adaptação sem problemas.

Outro importante fator a ser notado é referente à escolha das atividades, considerando a viabilidade de colocá-los em prática, respeitando as restrições e protocolos de segurança, em todos os sistemas, seja híbrido, virtual ou presencial. Refletindo sobre a adaptação infantil na escola e considerando que pode causar estresse a todos envolvidos, a melhor maneira de minimizar os efeitos negativos desse processo é trabalhar em conjunto e em sintonia entre educadores e pais,

visando o melhor para a criança.

É relevante mencionar que o assunto adaptação infantil escolar de quatro/cinco anos é muito amplo, sendo possível trazer aqui apenas um recorte, que visa auxiliar os pais e educadores sobre o assunto, pois algumas vezes existem problemas causados por falta de um relacionamento amistoso e comunicação entre eles. Assim, se a adaptação é satisfatória a permanência da criança na instituição de Educação Infantil tende a ser tranquila, o que colabora também para o seu crescimento afetivo, motor, cognitivo e social. Tal processo é importante para a construção humana, intelectual, afetiva e social das crianças.

REFERÊNCIAS

- Agência Brasil. Ensino híbrido é tendência para a vida escolar no mundo pós-pandemia. **Rádio Pelotense**, 14 jul. 2020. Disponível em: <https://www.radiopelotense.com.br/Pagina/18556/Ensino-hibrido-e-tendencia-para-a-vida-escolar-no-mundo-pos-pandemia>. Acesso em: 08 ago. 2022.
- AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2015.
- ALMASAN, D. A.; ÁLVARO, A. L. A importância do senso de limites para o desenvolvimento da criança. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, [S.l.], v. 7, s.p, nov. 2006. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/site/e/psicologia-7-edicao-novembro-de-2006.html#tab526>. Acesso em: 12 set. 2022.
- ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas - Educação**, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 348-365, 4 jun. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365>. Acesso em: 08 ago. 2022.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual de diagnóstico diferencial do DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ANDRADE, M. I. F. **O processo de adaptação e a importância do acolhimento na Educação Infantil**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia a Distância) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/42126>. Acesso em: 08 ago. 2022.
- ARAÚJO, L. T. G. **Afetividade na educação infantil**. 2014. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/13433>. Acesso em: 08 ago. 2022.
- BATISTA, J. B. **O desenvolvimento de emoções e sentimentos na infância como fundamento psicológico na educação escolar**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2019.
- BOLEIZ JÚNIOR, F. **Pistrak e Makarenko: pedagogia social e educação do trabalho**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BORSA, J. C. O papel da escola no processo de socialização infantil. **Psicologia.pt**, [S.l.], p. 1-5, 2007. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0351.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 08 ago. 2022.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Situação das metas dos planos de educação. **PNE em movimento**, Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao>. Acesso em: 08 ago. 2022.

BRASIL. **Produção técnica**. Brasília: CAPES, 2019. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/pt/relatorios-tecnicos-dav>. Acesso em: 15 ago. 2022.
BUENO, K. Q. **Psicanálise e educação: do "período de adaptação" ao (im) possível de adaptar**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CAVALCANTE, R. S. C. Colaboração entre pais e escola: educação abrangente. **Psicologia escolar e Educacional**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 153-160, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85571998000200009>. Acesso em: 08 ago. 2022.

CHIARATTI, F. G. de O. **Psicologia geral e do desenvolvimento**. Indaial: Uniasselvi, 2013.

CID, M. F. B. *et al.* Saúde mental infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores. **Pro-Posições**, Campinas, v. 30, p. e20170093, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0093>. Acesso em: 08 ago. 2022.

CORONADO, C. **O impacto da afetividade nas crianças no processo de separação dos pais e como os professores da educação infantil podem trabalhar com esta situação**. (Doctoral Dissertation, Faculdades Integradas Santa Cruz De Curitiba). Disponível em: <https://www.conic-semesp.org.br/anais/files/2018/trabalho-1000002047.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

CUPERTINO, C. **Alfabetização precoce: condição para adiantamento escolar?** Dois Pontos - teoria & prática da Educação, [s. l.], v. 5, n. 41, março/abril de 1999, p. 59-61. Disponível em: <http://cape.edunet.sp.gov.br/textos/textos/TextosAlfabetizacao.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2022.

CURY, A. Adaptação Escolar: Como lidar com os quatro problemas mais comuns. **Site Escola Socioemocional**, 2022. Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/blog/adaptacao-escolar-como-lidar-com-4-problemas-mais-comuns/>. Acesso em: 9 ago. 2022.

CURY, A. Como cuidar e lidar com as mudanças de humor das crianças? **ESPAÇO FAMÍLIA**, 2019. Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/blog/como-cuidar-e-lidar-com-as-mudancas-de-humor-das-criancas/>. Acesso em: 13 set. 2022.

CURY, A. Hiperatividade infantil: o que é e como identificar?. **Site Escola da inteligência**, 2017. Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/blog/hiperatividade-infantil-o-que-e-e-como->

identificar/#:~:text=Hiperatividade%20infantil%20%C3%A9%20uma%20condi%C3%A7%C3%A3o,as%20tarefas%20dom%C3%A9sticas%20e%20escolares. Acesso em: 13 set. 2022.

CRAIDY, M. KAERCHER, G. E. P. S. **Educação Infantil: Pra que te quero?** Org. Editora: Artmed, 2001, p.67.

DAGNINO, R. **Tecnologia Social: contribuições conceituais e metodológicas**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

De MACHADO e SILVA, P. V. Alfabetização e letramento em tempos de pandemia: relatos de experiência durante o ensino remoto. **Revista Docência e Ciber cultura**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 01-20, jul. 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/64568>. Acesso em: 9 ago. 2022.

DIAS, B.S. *et al.* **Adaptação da educação infantil: reações das crianças durante o processo de adaptação escolar na educação infantil**. 2018. I Seminário de Políticas Públicas Educacionais: Desafios e perspectivas após o golpe de 2016. Disponível em: http://www2.uesb.br/eventos/politicaspublicas/wp-content/uploads/2018/12/I_SEM_PPE_2018_15.pdf. Acesso em: 09 jun. 2022.

Dos SANTOS CELIA, L. **Aquisição e desenvolvimento infantil (0-12 anos): um olhar multidisciplinar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

DUARTE, S. G. **Dicionário Brasileiro de Educação**. Rio de Janeiro: Antares, 1986.

ENUMO, S. R. F.; LINHARES, M. B. M. Contribuições da Psicologia no contexto da Pandemia da COVID-19: seção temática. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, p. e200110, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037200110e>. Acesso em: 12 ago. 2022.

ESCOLA DA INTELIGÊNCIA. Adaptação escolar: Como lidar com 4 problemas mais comuns. **Blog escola da inteligência**, 30 jan. 2019 Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/blog/adaptacao-escolar-como-lidar-com-4-problemas-mais-comuns/>. Acesso em: 31 jan. 2022.

FERRAZ, M. Seu filho sofre com falta de atenção e concentração infantil? Veja o que fazer!. **Blog LUMA**, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://lumaensino.com.br/blog/concentracao-infantil/#%3A~%3Atext%3DO%20tempo%20de%20concentra%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20crian%C3%A7a%20faz%20toda%20a%20diferen%C3%A7a>. Acesso em: 30 ago. 2022.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio online**, 2018. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

FERREIRA, G V. **O impacto da adaptação de crianças na creche sobre os sentimentos maternos**. 2007. Monografia (Especialização) - Curso de Programa de Especialização em Psicologia Clínica, Infância e Família, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FROTA, M. A. *et al.* Má alimentação: fator que influencia na aprendizagem de crianças de uma escola pública. **Revista de APS**, [S.l.], v. 12, n. 3, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/14147/7655>. Acesso em: 12 set. 2022.

GARCIA, J. M. Saúde Mental na Escola: O que os Educadores Devem Saber. **Psico-USF**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 423-425, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210217>. Acesso em: 15 ago. 2022.

GIL, A. C. *et al.* **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, C. A. V. O lugar do afetivo no desenvolvimento da criança: implicações educacionais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 3, p. 509-518, set. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722013000300012>. Acesso em: 15 ago. 2022.

GUERRA, G. R. Um novo normal. **Site Aventura de construir**, 2020. Disponível em: <https://aventuradeconstruir.org.br/8936/>. Acesso: 06 ago. 2022.

HACHET, A. Entre prevenir e normalizar, que lugar terá o sofrimento da criança? **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, pág. 27-34, junho de 2006. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 31 jan. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA (IBGE). **Pessoas com deficiência**. IBGE Educa, 2020. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20Censo,ou%20possuir%20defici%C3%Aancia%20mental%20%2F%20intelectual>. Acesso em: 10 ago. 2022.

JUNQUEIRA FILHO, G. de A. Educação infantil e pandemia. **Campo Grande News**, 21 dez. 2021. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/artigos/educacao-infantil-e-pandemia>. Acesso em: 09 jun. 2022.

KLEIN, C. A produção da maternidade no Programa Bolsa-Escola. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 31-52, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/VrwhRQPXH3cPktzLTkMyFZK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 ago. 2022.

LADWIG, V. K.; SILVA, S. P. B. da. Adaptação: processo que exige acolhimento e confiança. In: Seminário Internacional de Educação no Mercosul, 18. 2018, Cruz Alta. **Anais [...]**. Cruz Alta: UNICRUZ, 2018.

MAIA, J. M. D.; ALBUQUERQUE, L. C. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. **Revista Temas em Psicologia**, São Carlos, v. 13, n. 2, p. 91-103, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751425002.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2020.

MARCHETTI, R. **Obrigatoriedade da educação infantil a partir de quatro anos de idade**: percepções de educadores e familiares. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2751>. Acesso em: 17 ago. 2022.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, K. K. C. O. *et al.* Aulas remotas e em tempo de pandemia: desafios e percepções de professores e alunos. **In**: Congresso Nacional De Educação, 7., 2020, Maceió. **Anais** [...]. Maceió: Editora Realize, 2020.

MORSCH, D. S.; CUSTODIO, Z. A. O.; LAMY, Z. C. Cuidados psicoafetivos em unidade neonatal diante da pandemia de covid-19. / Psycho-Emotional care in a neonatal unit during the COVID-19 pandemic. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 38, p. e2020119, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2020119>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MORAES, J. B. *et al.* A criança agitada nem sempre é um problema. *Pediatria moderna*, São Paulo, v. 48, n. 5, 2012.

MORAN, J. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. *In*: NETO, A. T.; TREVISANI, F. de M. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015, p. 27-45.

MORGAN, D. **Focus groups as qualitative research**. Newbury Park: Sage, 1997.

MÜLLER, F. Socialização na escola: transições, aprendizagem e amizade na visão das crianças. **Educar em Revista**, [S.l.], n. 1, p. 123-141, 2008. Disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/proensino/article/view/824>. Acesso em: 12 set. 2022.

NOVAIS, M. H. **Adaptação Escolar**: Diagnóstico e Orientação. Petrópolis: Vozes, 1976.

OLIVEIRA, M. A. M.; LISBÔA, E. S. D. S.; SANTIAGO, N. B. Pandemia do coronavírus e seus impactos na área educacional. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v.13, n. 1, 17-24, 2020. Disponível: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23750>. Acesso em: 8 abr. 2022.

PACHECO, E.; MAIA, C. **Expressão de emoções em crianças pré-escolares**: percepção das educadoras. 2020. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

PALLONE, F. **Adaptação Escolar**: O Medo do Novo!. Site Rede Psi, 16 jun. 2022. Disponível em: <https://www.redepsi.com.br/2008/06/16/adapta-o-escolar-o-medo-do-novo/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

PALÚ, J. *et al.* **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

PALMEN, S. H. C. A implementação de creches nas universidades públicas estaduais paulistas: USP, UNICAMP, UNESP. 2007. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP. 2007.

PATRÍCIO, L. O papel das tecnologias sociais e a atuação da Divisão de Inovação e Tecnologias Sociais da UFF. **Site Tecnologia Social**, 02 abr. 2019. Disponível em: <http://tecnologiasocial.sites.uff.br/2019/04/02/entrevista-luciane-patricio-fala-sobre-o-papel-das-tecnologias-sociais-e-a-atuacao-da-divisao-de-inovacao-e-tecnologias-sociais-da-uff/> Acesso em: 9 ago. 2022.

PIMENTA, T. Precisamos falar sobre depressão infantil: saiba quais são os sinais de alerta. **Site vittude**, 2020. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/depressao-infantil/#:~:text=A%20depress%C3%A3o%20infantil%20%C3%A9%20como,apenas%20uma%20fase%E2%80%9D%20do%20crescimento.> Acesso em: 13 set. 2022.

RAMOS, D. O medo na infância. **Site Dra. Deborah Ramos**, 2021. Disponível em: <https://deborahramos.com/artigos/o-medo-na-infancia/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

RAPOPORT, A; PICCININI, C A. O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 81-95, jan. 2001.

REBELO, A. A segurança dos modelos internos e o conhecimento emocional nas crianças de idade pré-escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 26, n. 3, p. 591-598, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000300019>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ROSA, R. T. N. Das aulas presenciais às aulas remotas: as abruptas mudanças impulsionadas na docência pela ação do Coronavírus - o COVID-19! **Rev. Cient. Schola Colégio Militar de Santa Maria**, Santa Maria, Volume VI, Número 1, Julho 2020.

ROMANZINI, A. V.; VIVIAN, A. G.; BOTTON, L. Percepções parentais sobre implicações da pandemia para a criança Pré-escolar. **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 11, n.1, s/p, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i1.24900>. Acesso em: 11 jul. 2022.

RIZZO, G. O uso do brinquedo terapêutico na administração por inalação em pré-escolares. **Revista Enfermagem Uerj**, [S.l.] v. 28, p. 1-6, 1989. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2020.48443>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SANTA CATARINA, C. *et al.* A importância de estudar o medo no desenvolvimento infantil. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel do Oeste**, [S. l.], v. 5, p. e23922, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/23922>. Acesso em: 12 set. 2022.

SANTOS, E. P. dos. Adaptação de crianças na educação infantil. **Revista E-PED**, Osório, v. 2, n.1, p. 30-39, ago. 2012. Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/adaptacao_de_crianças_na_educacao_infantil.pdf. Acesso em: 12 jul. 2022.

SANTOS, M. E. A.; QUINTÃO, N. T.; ALMEIDA, R. X. Avaliação dos marcos do desenvolvimento infantil segundo a estratégia da atenção integrada às doenças prevalentes na infância. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 591-598, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452010000300022>. Acesso em: 25 jun. 2022.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**: polêmicas do nosso tempo. Campinas: Editora Autores Associados, 1999.

SILVA, M. M. D. A formação de competências socioemocionais como estratégia para captura da subjetividade da classe trabalhadora. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/157212>. Acesso em: 13 jul. 2022.

SOCIEDADE DE PEDIATRIA DE SÃO PAULO. Insônia infantil: como cuidar do sono das crianças. **Site Laboratório Melpoejo**, agosto de 2022. Disponível em: <https://www.melpoejo.com.br/insomnia-infantil/>. Acesso em: 13 set. 2022.

SOUZA, J. M. de; VERÍSSIMO, M. R. Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 6, p. 97-104, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-1169.0462.2654>. Acesso em: 15 jul. 2022

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>. Acesso em: 08 ago. 2022.

TONCHE, J. C. da S. O desinteresse dos alunos das séries iniciais do ensino fundamental pela educação escolar: causas e possíveis intervenções. Trabalho (Especialização) - Universidade Federal do Paraná, UFP, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/47110>. Acesso em: 12 ago. 2022.

VALLE, L. E. L. R.; VALLE, E. L. R.; REIMÃO R. Sono e aprendizagem. **Rev. Psicopedagogia**, São Paulo, v. 26, n. 80, p. 286-290, 2009. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/256/sono-e-aprendizagem>. Acesso em: 12 jul. 2022

TUHLINSKI C. Euforia e tristeza profunda são principais sintomas do transtorno Bipolar. **O Estado de S. Paulo**, 2019. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/bem-estar,euforia-e-tristeza-profunda-sao-principais-sintomas-do-transtorno-bipolar,70002772699#:~:text=Sintomas%20de%20mania,coisas%20que%20n%C3%A3o%20s%C3%A3o%20engra%C3%A7adas>. Acesso em: 13 set. 2022.

VALLE, L. E. L. R.; VALLE, E. L. R.; REIMÃO, R. Sono e aprendizagem. **Rev. Psicopedagogia**, São Paulo, v. 26, n. 80, p. 286-290, 2009. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/256/sono-e-aprendizagem>. Acesso em: 12 jul. 2022

VERCELLI, L. D. C. A., & NEGRÃO, T. P. A. Um olhar sobre o período de adaptação de crianças pequenas a um centro de educação infantil e o uso de objetos transicionais. *EccoS Revista Científica*, [S.l.], n. 50, p. e13320. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n50.13320>. Acesso em: 15 jun. 2022

VERÍSSIMO, M. *et al.* A relação entre a qualidade da vinculação à mãe e o desenvolvimento da competência social em crianças de idade pré escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 292-299, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000200010>. Acesso em: 12 ago. 2022

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 15 jul. 2022

VOKOY, T.; PEDROZA, R. L. S. Psicologia Escolar em educação infantil: reflexões de uma atuação. **Psicol. esc. educ.**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 37-46, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 ago. 2022.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS EDUCADORES

1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Educador(a):

Você está sendo convidado/a para participar como voluntário do projeto de pesquisa intitulado “Adaptação escolar infantil, pensando a dimensão virtual e presencial”, que pretende compreender quais sinais e sintomas mais frequentes num sistema presencial e virtual, vinculado ao Mestrado Profissional do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. A pesquisadora responsável por este projeto de pesquisa é Morgada Rodrigues Vieira que poderá ser contatado a qualquer tempo através do número (55)981082755 e o Professor Orientador é Jerro Cardoso da Silva, que poderá ser contatado a qualquer tempo através do número (51) 3717-7388.

Sua participação é fundamental, pois atende aos critérios de inclusão previstos na pesquisa, os quais são: ser pais ou responsável por uma criança de quatro ou cinco anos, profissional da educação com experiência de atuação na Educação Infantil. Sua participação consiste em responder a um questionário online, onde precisará marcar a alternativa de acordo com a sua realidade, bem como responder a questões de marcar e aberta. Este ato deve ter duração máxima de 20 minutos.

O acesso ao questionário deve se dar entre o período de 19 de abril a 31 de junho de 2021, e poderá ser realizado em qualquer local com internet ou presencial. Neste contexto a pesquisa possui riscos mínimos, é possível que alguns desconfortos aconteçam, devido precisar refletir sobre a sua participação e envolvimento com a crianças e seus pais ou responsáveis.

Caso se sinta algum desconfortável psicologicamente, poderá parar para descansar e decidir se deseja ou não continuar as respostas.

Caso tenha necessidade de atendimento psicológico, poderá acessar um dos telefones para orientação e encaminhamento para os serviços especializados ou para o Serviço Integrado de saúde - SIS (Serviço-escola) da UNISC.

Sua participação trará benefícios, como contribuir para a inovação e desenvolvimento da pesquisa científica e, conseqüentemente, para pensar estratégias de atuação psicológica na escola com atendimento infantil.

Na participação nessa pesquisa você não terá nenhuma despesa com transporte, alimentação, exames, materiais a serem utilizados, horário ou agendamento de entrevista, despesas de qualquer natureza. No final da pesquisa poderá ter acesso aos resultados, através da produção de um artigo científico, que deverá fornecer os resultados obtidos pelo pesquisador. Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado/a, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados. Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de minha imagem e voz de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que eu não possa ser identificado através desses instrumentos (imagem e voz). Fui, igualmente, informado/a:

- a) da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- b) da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- c) da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- d) do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- e) da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa; e,
- f) de que se existirem gastos para minha participação nesta pesquisa, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (051) 3717- 7680.

Orientador de pesquisa: Jerro Cardoso da Silva

Responsável pela pesquisa: Morgada Rodrigues Vieira (morgadarodrigues@hotmail.com).

Concordo em participar da pesquisa

Não concordo em participar da pesquisa

2. Dados de identificação:

Qual é o seu gênero?

Coloque a letra de acordo com a sua idade: A (menos de 20 anos); B(entre 21 e 30 anos); C(entre 31 e 40 anos); D(entre 41 anos ou mais).

Qual é a sua graduação?

Qual é o seu município de trabalho?

Quais foram as suas atividades profissionais neste período (virtual, presencial, híbrido)?

Quanto tempo de atuação na área de educação?

Quanto tempo de atuação na Educação Infantil?

3. Descreva como você percebe as atividades presencial, online/virtual ou híbrida com suas potencialidades e dificuldades?

Tempo, atividades, dificuldades e potencialidades, entre outras.

4. Marque a coluna que mais traduz a sua atuação:

	Ótima	Boa	Regular	Ruim
Sua experiência na primeira semana de aula virtual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sua experiência na primeira semana de aula presencial.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Compare este ano sobre outro de sistema presencial.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Como você se sentiu na primeira semana de aula virtual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5. Qual foi a maior dificuldade profissional neste período letivo?

Esclarecer se foi econômico, emocional, inclusão, exclusão digital, cognitivo, entre outros.

6. Nas dificuldades mais recorrente, se você precisou de ajuda e a quem solicitou?

Nas atividades tecnológicas

Nas atividades pedagógicas digital

Outras não citadas.

7. No assunto da não adaptação: Você buscou orientação e quais foram as orientações recebidas?

8. Descreva sua opinião sobre o início do ano letivo de 2021, em poucas palavras:

O primeiro dia de aula?

Você apresentou algum problema de saúde, se sim, quais?

Observou nos educandos atitudes diferentes da habitual, se sim, qual?

9. Dê 1 a 5, 1(pouco) a 5 (muito) avalie o interesse dos educandos em participar das aulas:

	1	2	3	4	5
Virtuais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Presenciais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. Quais foram as orientações escolares dadas aos educandos, nas primeiras semanas, para lidar com possíveis problemas?

Baseadas nas experiências anteriores.

11. Quais os fatores que apresentaram mais dificuldades nas primeiras semanas?

Pode marcar mais de uma alternativa.

- Limites com educandos
- aceitação de regras
- amizades
- alimentação
- afastamento dos pais
- sono
- brinquedos
- dispersos
- outros

12. Quais os fatores mais relevantes que levaram as dificuldades anteriores:

13. Além das dificuldades próprias da modalidade de ensino presencial, virtual ou híbrida, ao que mais você atribuiria as dificuldades de adaptação?

14. Entre quais dessas problemáticas você associa as dificuldades de adaptação:

Problemas familiares.	<input type="checkbox"/>
Problemas econômicos.	<input type="checkbox"/>
Problemas de inclusão digital.	<input type="checkbox"/>
Problemas cognitivos	<input type="checkbox"/>
Problemas psicológicos.	<input type="checkbox"/>
Outros.	<input type="checkbox"/>

15. Qual foi a sua atitude na escola, diante de uma situação de confronto entre o educando e seu pais ou responsáveis?

Problemas familiares.
Problemas econômicos.
Problemas de inclusão digital.
Problemas cognitivos
Problemas psicológicos.
Outros.

16. Quais dos itens acima você julga mais procedente nos problemas de não adaptação? Explique sua opinião:

17. Descreva sobre a escola:

Quais foram as atitudes tomadas com os educandos que não se adaptaram ao sistema?

Quais foram as orientações dadas aos pais dos educandos que apresentaram algum tipo de problema?

Este modelo de sistema educacional lhe trouxe algum tipo de sofrimento?

Neste sistema de ensino, quais foram as suas maiores dificuldades?

Nas dificuldades citadas foi necessário ajuda de um dos membros da Equipe Pedagógica?

18. Marque os sinais e sintomas que foram observados na criança durante o período escolar:

Comentários dos educandos.

	Muito frequente	Frequente	Às vezes	Raramente	Nunca
Tensão muscular	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dores no corpo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tem medos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Evita alguma atividade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falta de interesse	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dificuldade para falar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tremores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dificuldade de concentração	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Euforia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ansiedade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Insegurança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
"Hiperatividade" não fica quieto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Depressão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mudança de humor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Apatia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Choro (com sentimento)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Birra	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outro sintoma não citado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19. Na sua experiência foram observados fatores que interferiram na adaptação escolar e não foram mencionados nesta pesquisa?

20. Comentário e sugestões. Desde já agradeço!

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO COM PAIS E RESPONSÁVEIS

1. * TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) senhor(a), Você está sendo convidado/a para participar como voluntário do projeto de pesquisa intitulado "Adaptação escolar infantil, pensando a dimensão virtual e presencial", que pretende compreender quais sinais e sintomas mais frequentes num sistema presencial e virtual, vinculado ao Mestrado Profissional do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. A pesquisadora responsável por este projeto de pesquisa é Morgada Rodrigues Vieira que poderá ser contatado a qualquer tempo através do número (55)981082755 e o Professor Orientador é Jerro Cardoso da Silva, que poderá ser contatado a qualquer tempo através do número (51) 3717-7388.

Sua participação é fundamental, pois atende aos critérios de inclusão previstos na pesquisa, os quais são: ser pais ou responsável por uma criança de quatro ou cinco anos, profissional da educação com experiência de atuação na Educação Infantil. Sua participação consiste em responder a um questionário online, onde precisará marcar a alternativa de acordo com a sua realidade, bem como responder a questões de marcar e aberta. Este ato deve ter duração máxima de 20 minutos. O acesso ao questionário deve se dar entre o período de 19 de abril a 31 de junho de 2021, e poderá ser realizado em qualquer local com internet ou presencial.

Neste contexto a pesquisa possui riscos mínimos, é possível que alguns desconfortos aconteçam, devido precisar refletir sobre a sua participação e envolvimento com a crianças e seus pais ou responsáveis. Caso se sinta algum desconfortável psicologicamente, poderá parar para descansar e decidir se deseja ou não continuar as respostas. Caso tenha necessidade de atendimento psicológico, poderá acessar um dos telefones para orientação e encaminhamento para os serviços especializados ou para o Serviço Integrado de saúde - SIS (Serviço-escola) da Unisc. Sua participação trará benefícios, como contribuir para a inovação e desenvolvimento da pesquisa científica e, conseqüentemente, para pensar estratégias de atuação psicológica na escola com atendimento infantil.

Na participação nessa pesquisa você não terá nenhuma despesa com transporte, alimentação, exames, materiais a serem utilizados, horário ou agendamento de entrevista, despesas de qualquer natureza. No final da pesquisa poderá ter acesso aos resultados, através da produção de um artigo científico, que deverá fornecer os resultados obtidos pelo pesquisador.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado/a, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados. Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de minha imagem e voz de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que eu não possa ser identificado através desses instrumentos (imagem e voz).

Fui, igualmente, informado/a:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa; e,
- de que se existirem gastos para minha participação nesta pesquisa, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (051) 3717- 7680.

Responsável pela pesquisa: Morgada Rodrigues Vieira (morgadarodrigues@hotmail.com)

Orientador de pesquisa: Jerro Cardoso da Silva

CONCORDO EM PARTICIPAR DA PESQUISA

NÃO CONCORDO EM PARTICIPAR DA PESQUISA

2. Identificação:

Idade da criança

Idade do pai?

Idade da mãe?

Sua profissão?

Gênero da criança?

Formação da mãe?

3. Como foi a realidade escolar de seu(sua) filho(a) na primeira semana de aula virtual:

	Ótima	Bom	Regular	Ruim
Primeiro dia de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atividades pedagógicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Planejamento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Primeira semana	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Orientações recebidas na primeira semana.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4. Responda justificando sua resposta:

Seu(sua) filho(a) precisou de ajuda escolar em algum momento, se sim, qual?

5. Seu(Sua) filho(a) apresentou mudança de comportamento neste período, se sim, qual?

6. Descreva abaixo sobre o início do ano letivo, se seu(sua) filho(a) participou de aulas presenciais:

a) Nos dias de aula presencial, quem levou a criança na escola e o grau de parentesco?

b) Como foi a acolhida no primeiro encontro virtual?

7. Marque sobre o comportamento de seu(sua) filho(a) em relação:

	Frequentemente	Algumas vezes	Pouca vezes	Não
Aceitação de regras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aceitação de limites	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer amizades com colegas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aceita alimentação sem reclamar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cuida de seus brinquedos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participação nas aulas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Demonstra sofrimento no afastamento dos pais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sonolência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8. Na sua opinião, a criança demonstra mais interesse nas aulas:

1 para pouco interesse e 5 para muito interessado.

	1	2	3	4	5
Presencial	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Virtual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

9. Seu(sua) filho(a) apresentou algum problema com as orientações das primeira semanas de aula? Quais?

10. Escreva sobre seu(sua) filho(a) durante as aulas virtuais:

a) Apresentou algum desconforto?
Sim ou não.

b) Você entrou em contato com o educador para informar sobre esta situação e qual foi a orientação recebida?

c) Esta orientação necessitou ajuda de um dos membros da Equipe Pedagógica? De qual membro recebeu ajuda:
Psicóloga;
Coordenadora,
Diretora;
Supervisora; Outro membro.

e) Você ficou com dúvidas sobre as orientações recebidas?

11. Marque os sinais e sintomas que foram observados no seu(sua) filho(a) durante o período escolar:

Tensão Muscular

Dores no corpo

Tem medos irracionais

Fobias

Evita alguma atividade

Falta de ar

Respiração superficial

Suor (mais do que o normal)

Dificuldade de falar

Tremores

Dificuldade de concentração

Preocupação constante

Euforia

Apatia

Irritabilidade

Insônia

Mudança de humor

Ansiedade

Depressão

Nervosismo

Mudança de humor

Hiperatividade "não fica quieta"

Estresse

Choro

Birra

Outros sintomas não citados.

12. Você acrescentaria outros sintomas não citados acima?

13. Seu(sua) Filho(a) teve experiência de ensino virtual e presencial? Presencial no ano passado. Presencial neste ano letivo. Virtual no ano passado. Virtual neste ano letivo. Não teve nenhuma experiência (2021).**14. Na sua opinião, nos métodos de ensinoss atuais, qual trouxe mais vantagens no aprendizado de seu(sua) filho(a) visando o desenvolvimento de suas potencialidades?****15. Responda sim ou não:**

Seu(sua)
apresentou algum
problema de
adaptação escolar?

A Senhora teve
problemas em casa
com adaptação
escolar neste
período letivo?

Seu(sua) filho(a) se
negou a
desenvolver alguma
atividade
pedagógica?

16. Neste momento de pandemia, qual foi a maior dificuldade escolar apresentada por seu(sua) filho(a)?**17. Deixe sua sugestão e seu comentário. Desde já agradeço!**

APÊNDICE C – LIVRO “A ADAPTAÇÃO ESCOLAR DA JOANINHA LOLA”



2

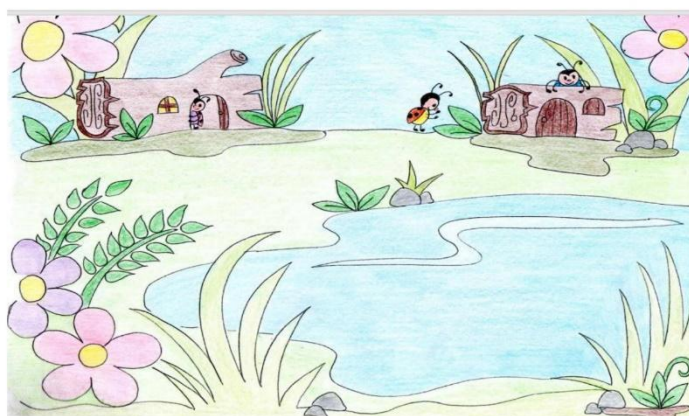
Este livrinho surgiu da solicitações de pais e educadores, nos grupos focais, para trazer mais informações as crianças sobre os sentimentos que vivem junto com entrada delas na escola. Ao ler no livro, os sinais e sintomas, se a criança apresentar mais de cinco sentimentos da personagem sugiro que procure um profissional para conversar. É uma atividade interativa com a criança, educadores e pais. A criança tem que fazer a sua parte no livro, sendo um coautor, cada página tem que desenhar e escrever do seu jeito

VIEIRA, Morgada Rodrigues
ADAPTAÇÃO INFANTIL A ESCOLA
Morgada Rodrigues Vieira, Orientador: Dr. Jerro Cardoso da Silva
UNISC, Santa Cruz – RS 2021 – 19 p.
1. Adaptação Infantil à Escola: Sinais e Sintomas da não adaptação, Saúde Mental e adaptação.
Número _____
Educação Infantil
Catalogação na publicação: Biblioteca da UNISC.
Prof. Coordenador: Dr. Jerro Cardoso
Ilustradora: Lútele Vaz Santiago

AUTORA: MORGADA RODRIGUES VIEIRA
ILUSTRADORA: LUTELE VAZ SANTIAGO
A JOANHINHA QUE NÃO TINHA INTERESSE EM IR PARA A ESCOLA



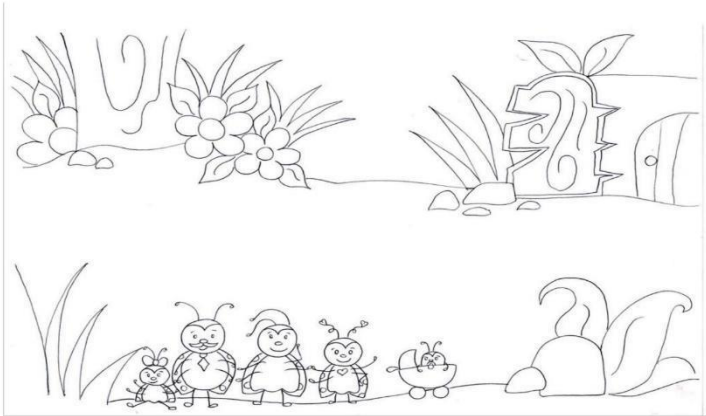
CHRYSOMELOIDAE E COCCINELLIDAE
NOME CIENTÍFICO DA JOANHINHA



EM UMA CIDADEZINHA DO INTERIOR VIVIAM VÁRIAS FAMÍLIAS DE JOANHINHAS.
ELAS ERAM DE TODAS AS CORES E VIVIAM FELIZES EM SUAS CASAS.



EM UMA CASA VERDE MORAVA UMA JOANINHA CHAMADA LOLA COM SUA MÃE MARIA, SEU PAI PEDRO E SEUS IRMÃOS NICO (NIQUINHO) E NINA.

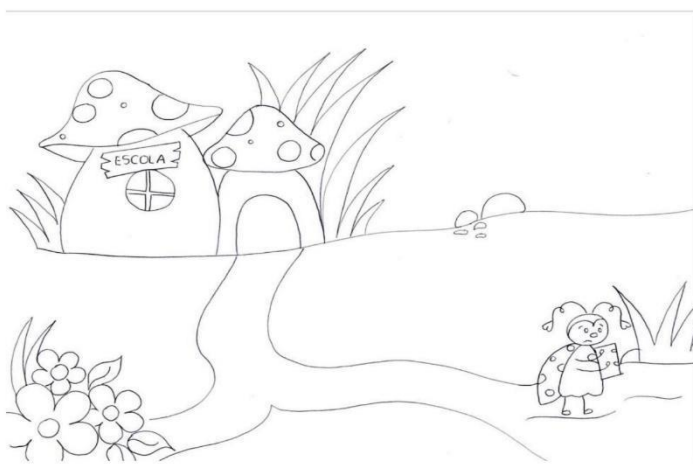


7



QUANDO LOLA COMEÇOU IR NA ESCOLA, ELA ESTAVA SE SENTINDO DIFERENTE, PORQUE NÃO TINHA VONTADE DE IR PARA ESCOLA.

8

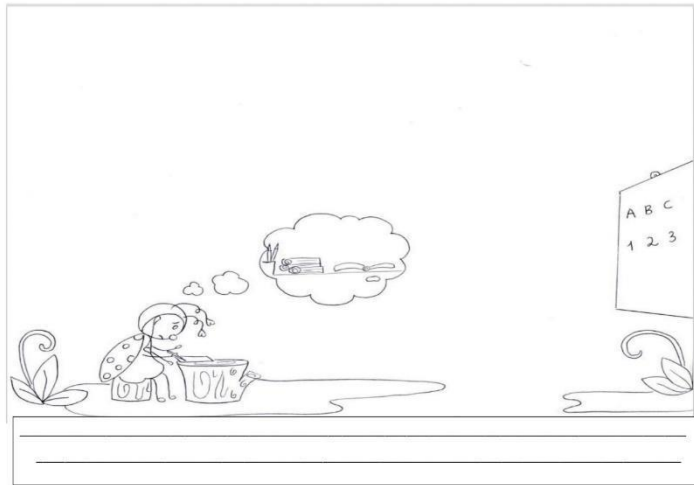


9



NA ESCOLA A LOLA SENTIA QUE O TEMPO DEMORAVA A PASSAR. EM CASA, ELA TAMBÉM NÃO CONSEGUIA TERMINAR SUAS TAREFAS ESCOLARES, POIS PREFERIA FAZER OUTRAS ATIVIDADES.

10

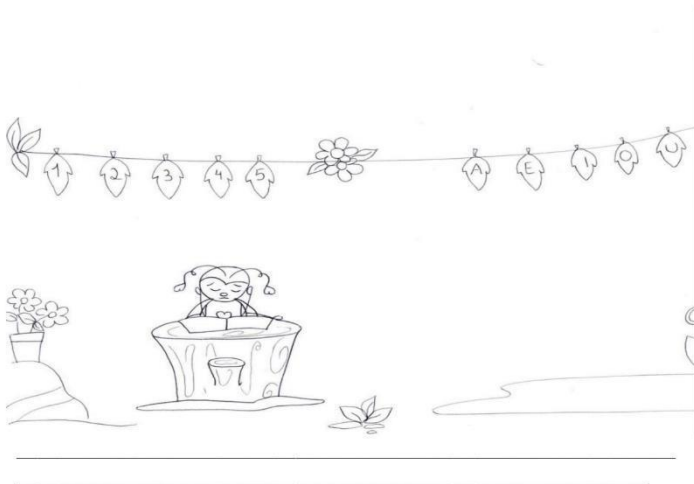


11

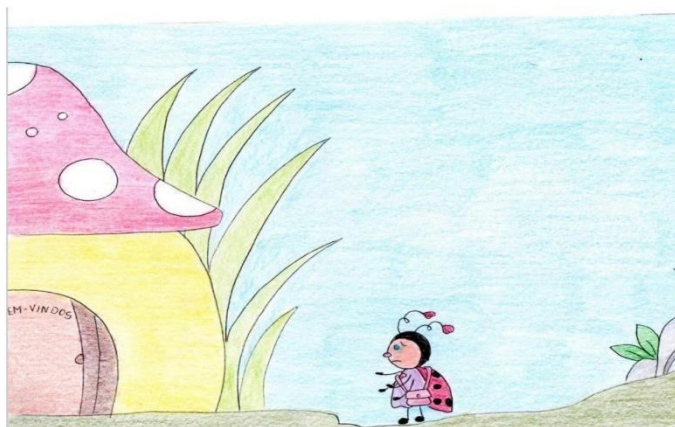


A LOLA ACHAVA QUE AS ATIVIDADES ENVIADAS ERAM DIFÍCEIS E NÃO QUERIA PARTICIPAR DAS AULAS PRESENCIAIS E NEM DAS AULAS VIRTUAIS, ONDE INTERAGIA POUCO!

12

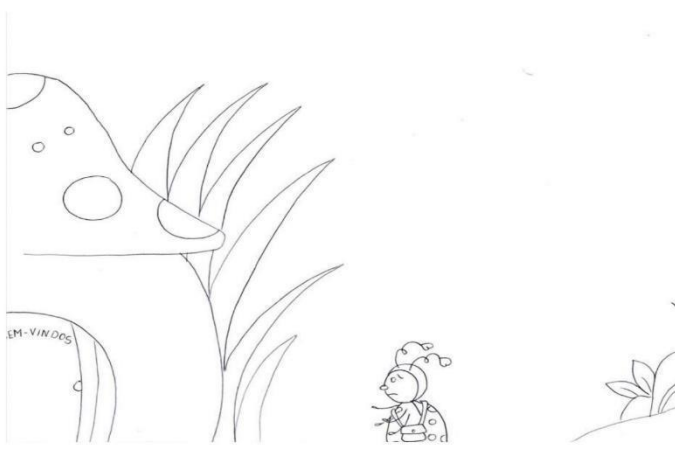


13

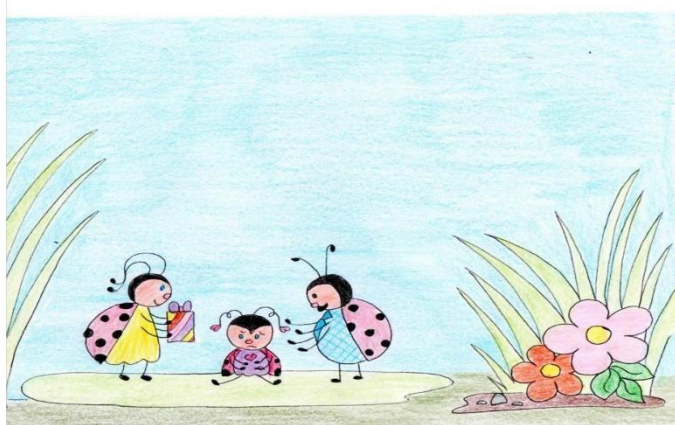


A LOLA NÃO SE SENTIA CONFORTAVÉL EM CONVERSAR COM OS COLEGAS.

14



15

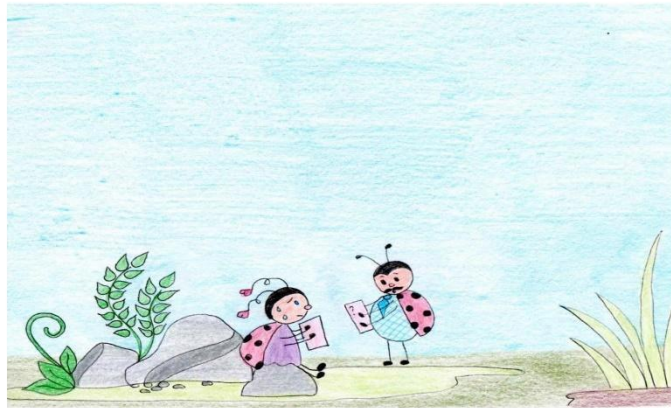


COM O PASSAR DO TEMPO, ELA CONTINUAVA COM A SENSÇÃO DE MEDO, DESANIMADA E SEM INTERESSE, MESMO SENDO INCENTIVADA POR SEUS PAIS.

16

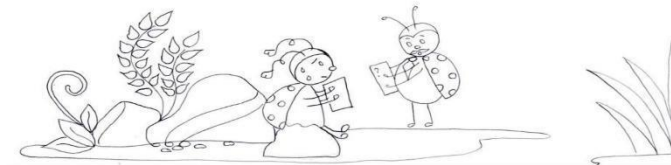


17



O ANO LETIVO COM UM MÊS DE AULA LOLA SE SENTINDO DIFERENTE, CANSADA E COM MEDO. ELA COMENTAVA A PROFESSORA QUE TINHA VONTADE DE CHORAR. O PROFESSOR DA ESCOLA OBSERVOU A LOLA SOZINHA NO RECREIO E FOI CONVERSAR COM SUA MÃE.

18

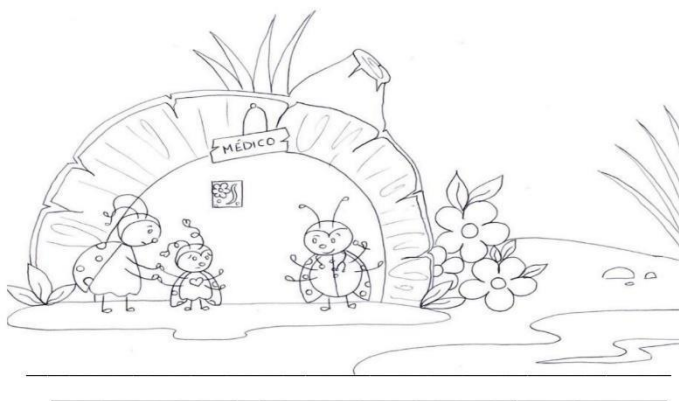


19



SUA MÃE LEVOU NO MÉDICO, QUE DISSE QUE ELA ESTAVA BEM DE SAÚDE FÍSICA. MAS A MÃE ACHOU QUE ELA NÃO ESTAVA BEM, POIS APARENTAVA ESTAR "TRISTE" E "DESANIMADA".

20

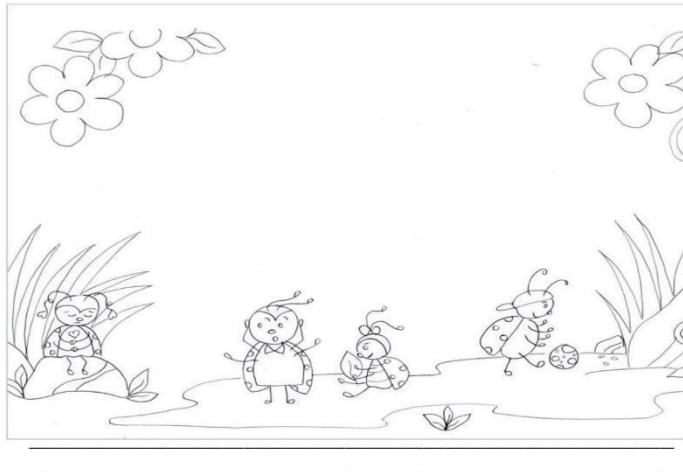


21



A PROFESSORA DE LOLA CONTINUAVA OBSERVANDO QUE ELA NÃO DEMONSTRAVA INTERESSE EM PARTICIPAR DAS ATIVIDADES E QUE SE ISOLAVA CADA DIA MAIS.

22

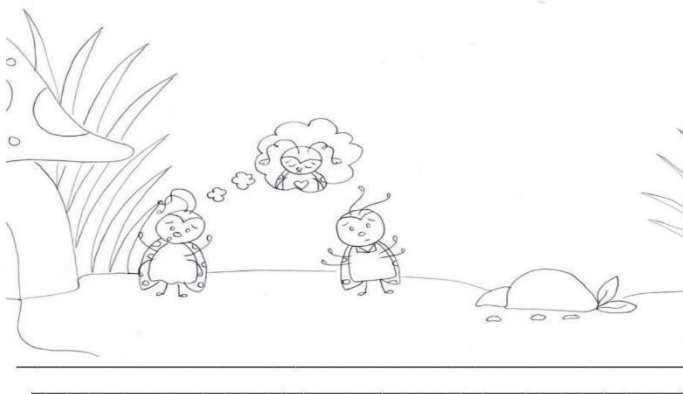


23



A SITUAÇÃO CONTINUAVA... A PROFESSORA PROCUROU A MÃE DE LOLA, DONA MARIA, PARA CONVERSAR SOBRE OS SENTIMENTOS DE LOLA E SUGERIR O ENCAMINHAMENTO A PSICÓLOGA.

24

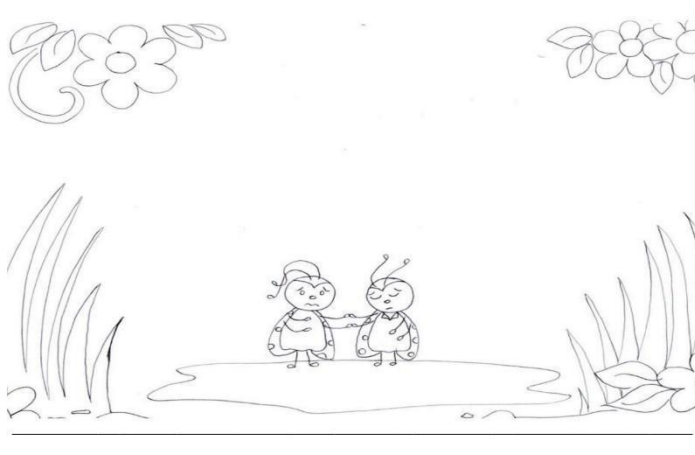


25



ELAS CHEGARAM A CONCLUSÃO DE QUE A LOLA ESTAVA TENDO UM PROBLEMA DE ADAPTAÇÃO QUE CAUSAVA ANSIEDADE, NERVOSISMO, VONTADE DE CHORAR ENTRE OUTROS SINAIS E SINTOMAS. A SUGESTÃO FOI PROCURAR A PSICÓLOGA MORGADA.

26

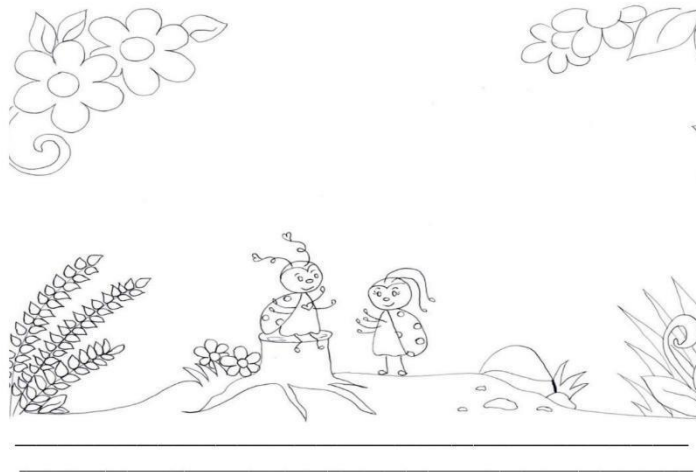


27



A LOLA CONVERSOU SOBRE O QUE ESTAVA SENTINDO COM A PSICÓLOGA, QUE PODERIA LHE AUXILIAR A SUPERAR AS DIFICULDADES.

28

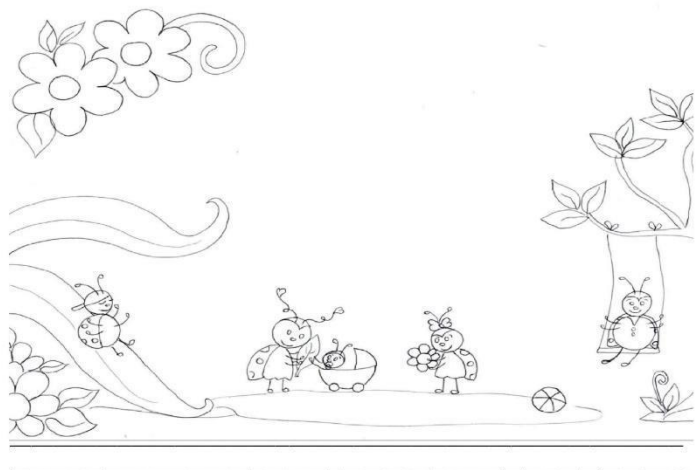


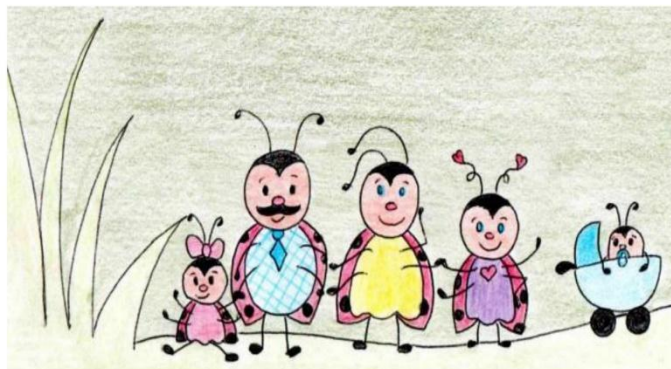
29



APÓS SEMANAS DE TERAPIA, A LOLA SENTIA-SE MELHOR.
HOJE ELA BRINCA COM OS IRMÃO E COLEGAS.

30





A LOLA ESTÁ FELIZ POR TER VENCIDO AS SUAS DIFICULDADES. ASSIM, A FAMÍLIA E OS MEMBROS DA ESCOLA ESCOLAR CONTINUAM A CUIDAR UNS DOS OUTROS! SAÚDE!

PRODUTO TÉCNICO DE MESTRADO/UNISC

APÊNDICE D – BARALHO COM CARTAS

<p>01</p> <p>UM MOMENTO LEGAL QUE TE DEIXOU ALEGRE NA ESCOLA.</p> 	<p>02</p> <p>UM MOMENTO QUE DEIXOU VOCÊ TRISTE OU ENVERGONHA NA ESCOLA.</p> 	<p>03</p> <p>UM MOMENTO QUE VOCÊ JÁ FICOU COM AS MÃOS SUANDAS OU SENTIU CALAFRIO OU ESQUECEU DA RESPOSTA</p> 
<p>04</p> <p>UM MOMENTO DE INSÔNIA, QUE NÃO CONSEGUIA DORMIR, PENSANDO NA ESCOLA. POR QUÊ?</p> 	<p>05</p> <p>COMENTE: COMO FOI A SUA PRIMEIRA SEMANA DE AULA NA ESCOLA E CHEGADA NA SALA DE AULA?</p> 	<p>06</p> <p>JÁ FICOU NERVOSO NA ESCOLA?</p>  <p>NERVOSO: REFERE-SE A EMOÇÃO E TENSÃO DE NATUREZA PSICOLÓGICA.</p>
<p>07</p> <p>VOCÊ PREFERE FICAR EM CASA OU VIR PARA ESCOLA?</p> 	<p>08</p> <p>UM MOMENTO QUE FICOU ANSIOSO NA SALA DE AULA OU NA ESCOLA.</p> 	<p>10</p> <p>QUEM VOCÊ PREFERE QUE ACOMPANHE NAS ATIVIDADES ESCOLARES?</p> 
<p>11</p> <p>VOCÊ SENTE SONO NO HORÁRIO DAS ATIVIDADES ESCOLARES ESCOLA?</p> 	<p>12</p> <p>COMENTE: PREFERE AULAS VIRTUAIS OU PRESENCIAIS</p> 	<p>13</p> <p>JÁ SENTIU MEDO NA ESCOLA?</p> 

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

- 1) Quais as maiores dificuldades encontradas neste período letivo?
- 2) Quais foram as propostas para aulas em tempo de pandemia?
- 3) Quais foram as intervenções como educador ou pais?
- 4) Quais sinais e sintomas de adaptação escolar?
- 5) Tem casos de não adaptação?
- 6) Sugestões ao grupo.

ANEXO A – COMPROVANTE DE APROVAÇÃO CEP

CONFIRMAR APROVAÇÃO PELO CAAE OU PARECER		
Informe o número do CAAE ou do Parecer:		
Número do CAAE:	Número do Parecer:	
<input type="text" value="43992721.7.0000.5343"/>	<input type="text"/>	<input type="button" value="Pesquisar"/>
<p><i>Esta consulta retorna somente pareceres aprovados. Caso não apresente nenhum resultado, o número do parecer informado não é válido ou não corresponde a um parecer aprovado.</i></p>		
DETALHAMENTO		
Título do Projeto de Pesquisa:		
<input type="text" value="ADAPTAÇÃO ESCOLAR INFANTIL: DIMENSÃO VIRTUAL E PRESENCIAL"/>		
Número do CAAE:	Número do Parecer:	
<input type="text" value="43992721.7.0000.5343"/>	<input type="text" value="5413488"/>	
Quem Assinou o Parecer:	Pesquisador Responsável:	
<input type="text" value="Renato Nunes"/>	<input type="text" value="MORGADA RODRIGUES VIEIRA"/>	
Data Início do Cronograma:	Data Fim do Cronograma:	Contato Público:
<input type="text" value="12/04/2021"/>	<input type="text" value="30/06/2021"/>	<input type="text" value="MORGADA RODRIGUES VIEIRA"/>

ANEXO B – SOLICITAÇÃO DE PRORROGAÇÃO DO PROJETO

Santa Cruz do Sul, 23 de fevereiro de 2022.

Ao
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP
Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Sr. Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa
Prof. Renato Nunes

Este documento apresenta a emenda referente ao projeto "Adaptação Escolar Infantil: Dimensão virtual e presencial", de CAAE nº 43992721.7.0000.5343, tendo como pesquisador principal Morgada Rodrigues Vieira, a ser realizado no(a) Santa Maria, RS.

O presente trabalho se refere a um projeto de pesquisa e intervenção sobre adaptação escolar infantil com atendimento escolar presencial e virtual. A adaptação escolar é fundamental no desenvolvimento das crianças, assim como a habilidade de assimilar e desenvolver as novas rotinas. Considerando que esses pontos são essenciais para que o educando desenvolva cada etapa com sucesso. Os problemas de adaptação escolar potencialmente podem ser demonstrados através de sinais e sintomas, dando viabilidade dessa maneira ao estudo desse assunto. Devido a problemas de saúde na família, solicito a possibilidade de mais seis meses para terminar meus estudos. (Informações obtidas no documento PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1686438.pdf 03/03/2021). Aguardando avaliação da emenda apresentada a este Comitê, coloco-me à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente;

Nome do Pesquisador Principal: Morgada Rodrigues Vieira

Departamento do Pesquisador Principal: Psicologia

Instituição do Pesquisador Principal: UNISC

Assinatura do pesquisador principal: _____

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Morgada', is written over a horizontal line.

Comitê de Ética em Pesquisa - Universidade de Santa Cruz do Sul – CEP-UNISC